

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

G

Gaã, Gaal, Gaar, Gaás, Gaba, Gabael, Gabai, Gabar-se, Gabata, Gabatá, Gabri, Gabrias, Gabriel, Gadara, Gadarenos, Gade (Ídolo), Gade (Pessoa), Gade, tribo de, Gadi, Gadi, Gadiel, Gadita, Gado bovino, Gaetã, Gafanhoto, Gafanhoto devorador, Gafanhotos, Gaio, Gaita de foles, Gaivota*, Galácia, Galal, Galba, Gálbano, Galeede, Galileia, Galileia, Mar da, Galim, Galinha, Galinha, Galinha D'Água, Gálio, Galo, Gamade, Gamaditas, Gamaliel, Gamul, Gangrena, Ganso, Garça, Garebe (Lugar), Garebe (Pessoa), Garmita, Gaspar, Gate, Gate-Héfer, Gate-Rimom, Gaulanite*, Gavião, Gaza, Gazão, Gazara, Gazela, Gazetas, Ge-Harashim, Vale dos Artesãos, Geada, Geazi, Geba, Gebal, Gebalita, Geber, Gebim, Gedalias, Gedalti, Geder, Gederatitas, Gederotaim, Gederote, Gedolim, Gedor (lugar), Gedor (Pessoa), Geena*, Gelilote, Gemali, Gemara, Gemarias, Gematria, Genealogia, Genealogia de Jesus Cristo, Genesaré, Genesaré, Lago de, Geneu, Genaeu, Gentios, Gentios, Pátio dos, Genubate, Gera, Gerá, Gerão, Gerar, Gerasa*, Gerasenos, Gergesa, gergesenos, Gerizim, Monte, Gersitas, Gérson, GÉRSON, gersonitas, Gerute-Quimã, Gesã, Gesém, Gesur, Gesuritas, Geter, Geteu, Getsémani, Geuel, Gezer, Giá, Gibar, Gibeá (Lugar), Gibeá (Pessoa), Gibeá-Eloim, Gibeão, gibeonitas, Gibeate-Haralote, Gibeatita, Gibetom, Gidalti, Gideão, Gidel, Gideon, Gidom, Gigantes, Gigantes, Vale dos, Gilalai, Gileade (lugar), Gileade (Pessoa), GILEADE, Bálsmo de, Gileadita, Gilgal, Gilo, gilonita, Ginásio, Ginate, Ginetom, Ginzo, Giom, Fonte de, Girgaseus, Girzitas, Gispa, Gitaim, Gitite, Gizom, Gizonita, Glória, Glorificação, Glossolalia, Gnosticismo, Goa, Gobe, Gogue, Goim, Goim, Golã, Golfo de Ácaba, Gólgota, Golias, Goma, Gômer, Gômer, Gomorra, Górgias, Gortina, Gósen, Governador, Governante, Gozã, Graça, Grade, Grama de joio, Grande Lagarto, Grão, Gratidão, Grécia, Grego, Grego Koiné, Grelha, Grade, Grilo, Grou, Guarda, Guarda, Pátio da, Guarda, Portão da, Guardião, Gudgoda, Guerra, Guerra dos filhos da luz contra os filhos das trevas, Guerra santa, Guisado, Guni, Gunita, Gur-Baal, Gur, Subida de*

Gaás

Gaã

Filho de Naor, irmão de Abraão, e sua concubina Reumá ([Gn 22.24](#)).

Gaal

O filho de Ebede, que persuadiu os homens de Siquém a se revoltarem contra Abimeleque, o juiz de Israel. No entanto, a revolta foi rapidamente esmagada e Siquém foi destruída ([Jz 9.26-41](#)).

Gaar

Antepassado de um grupo de assistentes do templo que retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.47](#); [Ne 7.49](#)).

1. Uma montanha a cerca de 32 quilômetros a sudoeste de Siquém. Os israelitas enterraram Josué em Timnate-Sera. Isso ocorreu na região montanhosa de Efraim, perto do monte Gaás ([Js 24.30](#); [Jz 2.9](#)).
2. Um riacho próximo à montanha de Gaás. Era a residência de Hidai (ou Hurai). Hidai foi um dos valentes do Rei Davi ([2Sm 23.30](#); [1Cr 11.32](#)).

Gaba

Ortografia alternativa usada por algumas Bíblias para a cidade benjamita de Geba, em [Josué 18.24](#). Veja Geba.

Gabael

1. Antepassado de Tobite e membro da tribo de Naftali ([Tb 1.1](#)).
2. Irmão ou filho de Gabrias e residente de Rages, uma cidade na Média, com quem Tobite deixou em confiança 10 talentos de prata ([Tb 1.14](#)). Mais tarde, Tobite contou ao seu filho Tobias sobre o dinheiro, e Tobias foi guiado pelo anjo Rafael até Gabael ([4.1.20](#); [5.6](#); [6.9](#); [10.2](#)).

Gabai

Chefe de uma família que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio babilônico ([Ne 11.8](#)).

Gabar-se

Gabar-se significa falar com orgulho sobre o que você pode fazer, o que fez ou o que o torna especial. Na Bíblia, gabar-se às vezes tem um significado mais positivo. "Gloriar-se em" significa que alguém celebra ou dá honra a algo bom.

Gabar-se no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, "gabar-se" descreve os ímpios. Eles confiam em seus recursos, não em Deus ([Sl 52.1](#); [94.3-4](#)). Inimigos de Israel se gabavam de suas vitórias e reivindicavam a glória para si mesmos ([Dt 32.27](#); [Sl 10.3](#); [35.26](#); [73.9](#); [Is 3.9](#)). Eles se vangloriavam de suas riquezas e sabedoria ([Sl 49.6](#); [Is 19.11](#)). O Senhor diz que "Se alguém quiser se orgulhar, que se orgulhe de me conhecer e de me entender; porque eu, o Senhor, sou Deus de amor e faço o que é justo e direito no mundo" ([Jr 9.24](#)).

Gabar-se no Novo Testamento

Jesus contou uma história sobre um fariseu orgulhoso que se gabava para Deus em oração ([Lc 18.10-14](#)). A maioria dos usos da palavra no Novo Testamento ocorre nas cartas do apóstolo Paulo. Gabar-se de suas próprias conquistas é errado. Em vez disso, a Bíblia ensina que é bom louvar o que Deus fez ([Rm 3.27-28](#); [2Co 10.17](#); [Gl 6.14](#)). Evite a autojustiça e a ostentação ([Rm 1.30](#); [2.17.23](#); [Ef 2.9](#); [2Tm 3.2](#)). Paulo associou a ostentação à atitude autoconfiante de alguns judeus que haviam cumprido a lei. Para Paulo, a única ostentação legítima era se gloriar (alegrar-se) no Senhor ([Rm 5.11](#)). [Romanos 5.3](#) contrasta a visão rabínica de

gloriar-se nos sofrimentos com a de Paulo. Paulo acreditava que seus sofrimentos apontavam para o poder de Deus e sua esperança para o futuro.

Ao contrário de seus oponentes, Paulo não se gabava comparando-se a outros. Como Cristo trabalhava através dele e Deus o recomendava, ele podia dar glória a Deus ([2Co 3.2-6](#); [10.18](#)). Paulo preferia se gabar de sua fraqueza e do poder e força do Senhor ([2Co 12.5.9](#)).

O apóstolo elogiou um grupo de cristãos ([2Co 7.4.14](#); [8.24](#); [9.2-3](#)). No entanto, sua intenção era demonstrar confiança neles, não se vangloriar. Paulo não gostava de se gabar, mas o fez para se defender dos críticos na igreja de Corinto. Ele mencionou que aqueles que deveriam tê-lo elogiado, em vez disso, o forcaram a se envolver em uma ostentação "tola" ([2Co 12.11](#)).

Veja também Orgulho.

Gabata

Nome alternativo para Bigtā, um dos eunucos de Assuero ([Ad Et 12.1](#)). *Veja Bigtā, Bigtana.*

Gabatá

Transliteração de uma expressão aramaica incerta, que é traduzida em grego como "pavimentada com pedras" e refere-se à área elevada diante do palácio em Jerusalém onde ocorria a sentença formal pelo governador. Pilatos sentou-se no assento elevado de julgamento aqui para presidir o julgamento de Jesus ([Jo 19.13](#)).

Gabri, Gabrias

Irmão ou pai de Gabael. O caso genitivo do original não esclarece exatamente o relacionamento; apenas indica que há um vínculo ([Tb 1.14](#); [4.20](#)).

Veja também Gabael nº 2.

Gabriel

Um dos dois anjos mencionados pelo nome na Bíblia (o outro é Miguel). Gabriel apareceu a um homem chamado Daniel para explicar o significado de uma visão especial que Daniel havia recebido. Gabriel também contou a Daniel o que aconteceria

no Dia do Julgamento (o momento em que Deus julgará todas as pessoas) e deu a Daniel sabedoria e entendimento ([Dn 8.16; 9.21-22](#)).

No Novo Testamento, Gabriel apareceu a um sacerdote chamado Zacarias enquanto ele estava servindo no templo. Gabriel anunciou o nascimento do filho de Zacarias, João Batista ([Lc 1.11-20](#)). Seis meses depois, Gabriel apareceu a Maria e anunciou que ela seria a mãe de Jesus, o Messias (o escolhido de Deus) que as pessoas estavam esperando ([Lc 1.26-33](#)).

Muitas pessoas chamam Gabriel de anjo (um anjo chefe ou líder), mas a Bíblia nunca usa esse título para ele.

Textos religiosos judaicos que não fazem parte da Bíblia também mencionam Gabriel. Nos livros de Enoque, ele é descrito como um dos quatro anjos principais, junto com Miguel, Rafael e Uriel (1 Enoque 40.3,6). Ele é um dos anjos santos (1 Enoque 20.7) que observa do céu e é um mediador principal (1 Enoque 9.1; 40.6; 2 Enoque 21.3). Ele deve destruir os ímpios (1 Enoque 9.9-10) e lançá-los na fornalha (54.6) e está acima de todos os poderes (40.9). Miguel senta-se à direita de Deus. Gabriel senta-se à esquerda (2 Enoque 24.1). Miguel, como o anjo guardião de Israel (compare com [Dn 12.1](#)) e um sumo sacerdote do céu, está mais preocupado com os assuntos celestiais. Mas Gabriel é o mensageiro de Deus. Ele desce do céu para executar a vontade de Deus na terra.

Veja também Anjo.

Gadara*, Gadarenos

Cidade de Decápolis e seus habitantes, mencionada apenas uma vez nos melhores manuscritos do NT. Jesus havia atravessado para o lado oriental do Mar da Galileia e curado o endemoniado chamado de Legião, a quem ele encontrou no “terra dos gadarenos” ([Mt 8.28](#)). O relato de Marcos em [5.1](#) e o de Lucas em [8.26,37](#) dizia “Gerasenos”. (A NTLH, seguindo o Textus Receptus, tem nomes de variantes aqui; em [Mateus 8.28](#) lê “Gergesenos”, e em Marcos e Lucas lê “Gadarenos”). Os nomes das variantes entre os escritores dos Evangelhos podem ser devido ao fato de que Gerasa era a área geográfica mais ampla da qual Gadara era uma cidade principal. Os geógrafos concluem que o local mais provável para o salto dos porcos no mar teria sido uma faixa de costa íngreme perto de Gergesa, uma cidade menor e menos importante da área.

Isso se encaixaria em outra sugestão de que Mateus era um nativo da região e então ele identificou o lugar preciso, enquanto Marcos e Lucas pretendiam apontar a localização geral para seus leitores gregos e romanos, uma vez que Gergesa era pequena e relativamente desconhecida, enquanto Gadara era uma cidade grega de alguma importância.

O nome Gadara indica que a cidade era de origem semítica. Estava localizada de 8 a 10 quilômetros a sudeste do Mar da Galileia, e seu território incluía as fontes termais de el Hamme, ao norte do rio Yarmuk. A primeira referência a ele na história foi quando foi capturado por Antíoco III (218 a.C.). Mais tarde, foi tomada pelos judeus sob Alexandre Janeu (103 a.C.), e os habitantes foram escravizados e forçados a receber a lei de Moisés. A cidade foi demolida pelos judeus, mas quando a área foi reconquistada por Pompeu, foi reconstruída (63 a.C.). Tornou-se uma cidade livre sob Pompeu e se juntou à federação de cidades gregas na Transjordânia conhecida como Decápolis. Augusto César acrescentou Gadara ao território de Herodes, o Grande (30 a.C.), e na morte de Herodes, foi anexado à Síria (4 a.C.). Durante a rebelião judaica (66-70 d.C.), Vespasiano tomou a cidade, e ela continuou a florescer por muitos anos. Era a sede de um bispado cristão de 325 d.C. até a conquista muçulmana. *Veja Decápolis; Gerasenos; Gergesa, Gergesenos.*

Gade (Ídolo)

Deus cananeu da fortuna ou destino que os israelitas adoravam ([Is 65.11](#)).

Veja também Deidades e religião cananeia.

Gade (Pessoa)

1. Um dos 12 filhos de Jacó ([Gn 35.26](#); [1Cr 2.2](#)). Sua mãe era Zilpa, que servia como serva da esposa de Jacó, Lia. Quando Gade nasceu, Lia ficou muito feliz e o chamou de Gade, que significa "boa sorte" ([Gn 30.11](#)). Mais tarde, Gade e sua família se mudaram com Jacó para o Egito ([Ex 1.4](#)). Antes de Jacó morrer, ele deu bênçãos especiais a cada um de seus filhos. Ele disse a Gade que inimigos frequentemente atacariam seu povo, mas eles revidariam com sucesso e venceriam (veja [Gn 49.19](#) e o artigo Gade, Tribo de). Gade teve sete filhos ([Gn 46.16](#)). Seus descendentes ficaram conhecidos como os gaditas ([Dt 3.12,16](#)). Os gaditas formaram uma das 12 tribos de Israel ([Nm 2.14](#)). Veja também Gade, Tribo de.
2. Um profeta e vidente durante o reinado de Davi. Ele deu conselhos de Deus a Davi sobre onde ir e o que fazer. Quando Davi estava se escondendo de seus inimigos, Gade lhe disse para deixar a cidade de Mispa em Moabe e voltar para a terra de Judá ([1Sm 22.5](#)). Mais tarde, quando Davi contou seus soldados contra a vontade de Deus, Gade lhe falou sobre o castigo de Deus ([2Sm 24.11-14,18-19](#); [1Cr 21.9-19](#)). Gade também ajudou Davi e outro profeta chamado Natã a organizar como as pessoas adorariam a Deus no templo ([2Cr 29.25](#)). Ele documentou os eventos da vida de Davi como um registro para as gerações futuras ([1Cr 29.29](#)).

Gade, tribo de

O começo da tribo de Gade

A tribo israelita descendia do sétimo filho de Jacó, Gade ([Gn 30.11](#); [Nm 1.24-25](#)). Era a oitava maior

tribo entre aquelas que saíram do Egito com Moisés, com base no número de guerreiros contados ([Nm 1.1-3,24-25](#)). A tribo era conhecida por criar gado e tinha a reputação de ser feroz em batalha ([Nm 32.1](#); [Dt 33.20](#)).

Durante o período no deserto, a tribo de Gade foi liderada por Eliasafe, filho de Deuel ([Nm 1.14](#); [2.14](#); [7.42](#); [10.20](#)). Quando os israelitas acampavam, Gade estava posicionado ao sul do Tabernáculo, atrás das tribos de Rúben e Simeão ([Nm 2.14-15](#)). A tribo é mencionada durante a oferta tribal ao Tabernáculo e após a praga que Deus trouxe sobre Israel ([Nm 7.42-47](#); [26.15,18](#)). Geuel, filho de Maqui, representou a tribo de Gade como um dos 12 espiões enviados por Moisés para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.15](#)).

O território da tribo de Gade

Quando os israelitas se aproximaram da Terra Prometida, as tribos de Gade, Rúben e metade da tribo de Manassés pediram para viver a leste do rio Jordão. A terra ali era adequada para o seu gado ([Nm 32.1-2](#)). Moisés concedeu esse pedido com a condição de que eles ajudassem na conquista de Canaã ([Nm 32.20-22](#); [Js 1.12-18](#)). Durante a conquista sob Josué, a tribo de Gade é mencionada especificamente na batalha de Jericó ([Js 4.12](#)). Após a conquista, Gade, junto com Rúben e metade de Manassés, se estabeleceram em sua terra a leste do rio Jordão (cp. [Nm 34.13-14](#); [Js 12.6](#); [13.8](#)).

A herança de Gade estava entre a tribo de Manassés ao norte e a tribo de Rúben ao sul. Sua fronteira oriental era o Deserto Arábico, e sua fronteira ocidental era o Rio Jordão. A região não tinha fronteiras claramente definidas entre as duas tribos e meia. Toda a área era comumente referida como Gileade e Basã ([2Rs 10.33](#)). O território de Gade se estendia ao norte até o Mar de Quinerete (Galileia) e ao sul até as cidades de Aroer e Hesbom, com o Rio Jaboque sendo a fronteira oriental nas montanhas ([Dt 3.12-13](#); [Js 12.1-6](#); [13.24-28](#)).

Interação de Gade com outras tribos

A história de Gade, desde seu assentamento até o cativeiro babilônico, esteve intimamente ligada às tribos de Rúben e Manassés. Pouco depois de se estabelecerem em sua terra, essas tribos quase causaram uma guerra civil ao construir um grande altar ([Js 22.10-34](#)). Durante o tempo dos juízes, os gaditas, juntamente com outros habitantes de Gileade, foram ameaçados pelos amonitas até serem derrotados por Jefté ([Jz 11](#)). Alguns membros da tribo de Gade se juntaram a Davi em

Ziclague durante seu exílio ([1Cr 12.14,37](#)). No 14º ano do reinado de Davi, Gade e as outras duas tribos e meia foram organizadas sob a supervisão de um encarregado chamado Jerias ([1Cr 26.30-32](#)).

História posterior

Durante o período do reino dividido, as tribos a leste do Jordão foram frequentemente atacadas. Durante o reinado de Jeú, de 841 a 814 a.C., o rei arameu Hazael assumiu o controle de toda a terra a leste do Jordão, incluindo o território de Gade. Mais tarde, os gaditas foram levados cativos por Tiglate-Pileser, rei da Assíria ([2Rs 15.29; 1Cr 5.26-27](#)). Após isso, os amonitas ocuparam a terra de Gade ([Jr 49.1](#)).

No período após o exílio na Babilônia, Gade é mencionado apenas uma vez, na visão de Ezequiel sobre a restauração de Israel ([Ez 48.1,27-28,34](#)). No Novo Testamento, a tribo de Gade é listada entre as tribos seladas por Deus no livro de Apocalipse ([Ap 7.5](#)).

Veja também Israel, História de; Gade (Pessoa) #1.

Gadi

Um homem da tribo de Manassés. Moisés o enviou para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.11](#)).

Gadi

Pai de Menaém. Menaém se revoltou e matou Salum, rei de Israel, assumindo o trono como rei ([2Rs 15.14,17](#)).

Gadiel

O filho de Sodi da tribo de Zebulom. Moisés enviou Gadiel para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.10](#)).

Gadita

Um membro da tribo de Gade ([Dt 3.12,16](#)). Os textos de Deuteronômio mencionados, literalmente em hebraico está "gadita" ao invés de "da tribo de Gade".

Veja Gade (Pessoa) #1; Gade, Tribo de.

Gado bovino

O gado bovino é composto por grandes animais de fazenda que as pessoas criam para carne, leite e outros usos. Gado normalmente se refere a vacas e bois, mas na Bíblia "gado" às vezes também se refere a ovelhas e cabras.

Antigos usos do gado

O Antigo Testamento frequentemente destacava a beleza do gado. O Egito, especialmente a área chamada Gósen, perto do Rio Nilo, possuía muitos rebanhos. O povo hebreu viveu lá quando José os trouxe para o Egito.

Os povos antigos podem ter criado gado principalmente para o leite em vez de carne. Eles obtinham sua carne de animais selvagens que caçavam. O gado fornecia peles fortes para escudos, substituindo a madeira. Eles usavam seu esterco como combustível quando não havia madeira suficiente ([Ed 4.15](#)). O gado também era usado para cargas pesadas e aragem. Os agricultores usavam o gado para puxar transportes com rodas mais do que qualquer outro animal.

Tipos de gado

A Bíblia usa "gado" para se referir a todos os animais domesticados ou ao gado ([Gn 1.24; 2.20; 7.23; 47.6,16-17; Ex 9.3-7; Nm 3.41,45](#)). Às vezes, significava todos os grandes animais domesticados ([Nm 31.9; 32.26](#)). No entanto, às vezes a Almeida Revista e Corrigida usa gado para se referir apenas a ovelhas e cabras ([Gn 30.32,39,43; 31.8,10; Is 7.25; 43.23](#)).

Vários tipos de gado foram domesticados na Terra Santa. No sul de Judá, prosperavam gados pequenos, de pernas curtas, pretos ou marrons, com chifres curtos. Eles eram fáceis de treinar e vitais para a agricultura. Ao longo da costa, encontrava-se um tipo de gado maior. Enquanto isso, as áreas selvagens a leste do rio Jordão eram lar de grandes gados pretos.

Criação e leis sobre o gado

A criação de gado era amplamente praticada pelos patriarcas (veja [Gn 32.15; Jó 21.10](#)). Leis rigorosas na Mesopotâmia, assim como em Israel, penalizavam o dono de um touro que ferisse um homem ou outro gado ([Ex 21.28-36](#)). Touros eram às vezes usados como símbolo de força ou violência ([Dt 33.17; Sl 22.12; 68.30; Is 10.13](#)). Normalmente, um touro pode procriar com cerca de 30 vacas. No

entanto, mais touros eram mantidos em Israel, pois eram frequentemente usados para sacrifícios gerais ([Lv 22.23](#); [Nm 23.1](#)) ou para sacrifícios especiais ([Jz 6.25](#); [1Sm 1.24](#)).

Sacrifícios particulares eram oferecidos no:

- unção dos sacerdotes ([Ex 29.1](#));
- bênção de um altar ([Nm 7](#));
- purificação dos levitas ([Nm 8](#));
- ofertas pelo pecado ([Lv 16](#));
- dia da lua nova ([Nm 28.11-14](#));
- Páscoa ([Nm 28.19](#));
- Festa das Semanas ([Nm 28.27](#));
- Festa das Trombetas ([Nm 29.1-2](#));
- Dia da Expiação ([Nm 29.7-9](#));
- Festa dos Tabernáculos ([Nm 29.12-38](#)).

A Festa dos Tabernáculos exigia o maior número de touros para ofertas queimadas entre todas as festas anuais. Um total de 71 foram sacrificados ao longo de oito dias.

Bezerros na Bíblia

Bezerros eram às vezes chamados de "filhos do rebanho" no hebraico original ([Gn 18.8](#); [1Sm 6.7](#); [14.32](#)). O bezerro era um símbolo de tranquilidade ([Is 11.6](#)). Também era usado para se referir aos fracos ([Sl 68.30](#)). A cabeça de um bezerro decorava a parte de trás do trono de Salomão ([1Rs 10.19](#)). Bezerros eram às vezes alimentados em estábulos para impedi-los de correr e perder peso no campo ([Am 6.4](#); [Ml 4.2](#); [Lc 15.23](#)). Eles também podiam ter sido mantidos ao redor da casa. A feiticeira de Endor mantinha um bezerro em sua casa. Ela o matou e serviu a Saul e seus homens ([1Sm 28.24-25](#)). Bezerros forneciam vitela ([Gn 18.7](#)), uma iguaria dos ricos. Amós criticou os ricos por suas vidas luxuosas e descuidadas. Ele mencionou os bezerros engordados no estábulo ([Am 6.4](#)). Bezerros também forneciam carne para todos os exércitos de Saul na grande matança dos filisteus ([1Sm 14.32](#)). O "bezerro gordo" servido assado ou cozido era uma iguaria gourmet, adequada para o mais fino banquete ([Gn 18.7](#); [Mt 22.4](#); [Lc 15.23](#)).

O gado foi incluído na lei do primogênito ([Ex 13.12](#)). Eles eram um sinal de riqueza ([Gn 13.2](#)) e podiam ser despojos de guerra ([Js 8.2](#)). Arão, o

primeiro sumo sacerdote, fez um bezerro de ouro para rivalizar com a Arca da Aliança ([Ex 32](#); [Dt 9.16.21](#)). Embora ele tenha chamado o bezerro de uma imagem do Deus invisível, foi ofensivo. O bezerro era um símbolo de fertilidade ligado às práticas egípcias e cananeias. Dois bezerros foram posteriormente feitos por Jeroboão I de Israel para os santuários em Betel e Dã ([1Rs 12.28-33](#)). A rejeição profética de Oseias à adoração do bezerro foi direcionada a esses santuários ([Os 8.5-6](#); [13.2](#)).

Bois e seus usos

Um boi é um touro adulto que foi castrado (teve seus órgãos reprodutivos removidos). Um jovem boi é chamado de novilho. As pessoas usavam bois para trabalhar ([Nm 7.3](#); [Dt 22.10](#); [25.4](#)). No entanto, vacas eram usadas para mover objetos pesados porque eram mais dóceis.

Os bois também eram usados como animais de carga ([1Cr 12.40](#)). No entanto, tinham menos energia do que burros, camelos ou mulas. Eles geralmente comiam capim ([Nm 22.4](#); [Sl 106.20](#)), mas também comiam palha ([Is 11.7](#)) e forragem salgada (alimento preparado para gado) ([Is 30.24](#)). Eram mantidos em estábulos ([Lc 13.15](#)). Os bois não podiam ser oferecidos como sacrifícios porque haviam sido castrados ([Lv 22.24](#)). Podiam ser usados como alimento, mas raramente eram comidos. Na antiga Palestina, um boi e um jumento eram o mínimo necessário para a sobrevivência na economia agrícola ([Jó 24.3](#); compare [Ex 20.17](#)).

Veja também Agricultura; Alimentos e Preparação de Alimentos; Ofertas e Sacrifícios.

Gaetã

O neto de Esaú, o quarto filho de Elifaz e um chefe edomita ([Gn 36.11.16](#); [1Cr 1.36](#)).

Gafanhoto

Inseto herbívoro com longas pernas traseiras para saltar. *Veja Animais*.

Gafanhoto devorador

Um tipo de gafanhoto mencionado em [Joel 1.4](#).

Veja Animais (gafanhoto).

Gafanhotos

Vários insetos que são conhecidos especialmente por seu enxame, migração em massa e pela tremenda destruição da vegetação. *Veja Animais.*

Gaio

1. Um homem da Macedônia que viajou com o apóstolo Paulo durante a terceira viagem missionária do apóstolo. Manifestantes agarraram Gaio e Aristarco em Éfeso. Demétrio, o ourives, iniciou o tumulto ([At 19.29](#)).
2. Um homem de Derbe na Licaônia (uma região no que é agora a Turquia). Ele viajou com o apóstolo Paulo de Éfeso para a Macedônia ([At 20.4](#)). Alguns o identificaram com o número 1 acima.
3. Um cristão importante em Corinto. Ele hospedou Paulo e toda a igreja lá ([Rm 16.23](#)). Paulo escreveu a carta aos Romanos em Corinto. Portanto, o Gaio mencionado em [1Co 1.14](#) é provavelmente a mesma pessoa. Se for assim, Paulo o batizou.
4. Um homem a quem o apóstolo João dirigiu sua terceira carta ([3Jo 1.1](#)).

Gaita de foles

O instrumento usado na corte do Rei Nabucodonosor ([Dn 3.5,7,10,15](#)). Pode ter sido realmente um instrumento de cordas, mas às vezes é traduzido como "gaita de foles". As gaitas de foles são instrumentos de sopro. Instrumentos como gaitas de foles eram conhecidos no mundo antigo.

Veja Instrumentos musicais (Psanterim; Sumponia).

Gaivota*

Qualquer um dos vários pássaros da família Larídea. A NTLH traduz como "gaivota" (ARC

"cuco") em [Levítico 11.16](#) e [Deuteronômio 14.15](#) é incerto.

Veja Pássaros (Gaivota).

Galácia

Galácia foi um antigo reino nas planícies centrais da Ásia Menor (atual Turquia). Foi formado quando pessoas chamadas gauleses se mudaram para lá vindas da Europa Ocidental.

História antiga

Os Gauleses (também chamados de Celtas) eram um grupo de pessoas conhecidas por seu poder militar. Em 390 a.C., eles capturaram a cidade de Roma. Mais tarde, tentaram conquistar a Grécia, mas foram derrotados. Após essa derrota, eles se mudaram para a Ásia Menor. Inicialmente, os Gauleses se espalharam por grande parte da Ásia Menor. No entanto, em 230 a.C., um governante chamado Átalo I os derrotou. Após essa derrota, tiveram que viver em uma área menor, que passou a ser conhecida como Galácia. Naquela época, os Gauleses eram compostos por três tribos: os Trocmi, Tolistobogii e Tectosages. Essas tribos se estabeleceram nas cidades de Tavium, Pessinus e Ancira. Em 189 a.C., esses Gálatas ficaram sob o controle dos Romanos, mas foram autorizados a se governar.

História de Roma

Após a morte do Rei Amintas em 25 a.C., a Galácia tornou-se uma província romana. Seus limites consistiam nas áreas étnicas da Galácia propriamente dita. Além disso, Licaônia, Isáuria e partes da Frígia e Pisídia faziam parte dela. Isso incluía as cidades de Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia. O apóstolo Paulo visitou todas essas cidades em sua primeira viagem missionária. As pessoas usam o termo "Galácia" de duas maneiras diferentes. Pode descrever a área ocupada pelos gauleses no norte ou pode descrever toda a província romana, que incluía as cidades do sul. Portanto, há debate sobre o destino da carta de Paulo aos Gálatas.

Os primeiros habitantes do norte da Galácia foram os Frígios. Muitos ainda residiam lá no primeiro século d.C. Alguns gregos e uma grande comunidade judaica também viviam na região. Embora muitos grupos diferentes habitassem o local, o povo celta tornou-se o maior e mais

influente grupo. Os Celtas eram conhecidos por sua independência. No entanto, também tinham a reputação de beber em excesso e realizar celebrações extravagantes. Em suas crenças religiosas, eram bastante supersticiosos. Eles eram especialmente atraídos pela adoração de uma deusa chamada Cibele, cujas cerimônias religiosas incluíam rituais intensos e selvagens.

As partes norte e sul da Galácia eram diferentes entre si. Nas cidades do sul, a cultura grega exercia uma influência mais forte, especialmente entre as pessoas educadas. Essas pessoas frequentemente falavam grego e seguiam os costumes gregos.

No entanto, o povo comum no sul da Galácia manteve muitas tradições frígias. Assim como o povo do norte, eles também adoravam a deusa Cibele, mas de maneira diferente. A cultura grega havia alterado a forma como as pessoas praticavam essa religião no sul. Por exemplo, em Antioquia da Pisídia, eles chamavam Cibele de "Gênio de Antioquia". Já em Icônio, eles a chamavam de "Atena Polias".

A terra da Galácia

As regiões norte e sul da Galácia eram muito diferentes em sua paisagem e localização. As cidades do norte estavam situadas em uma área elevada e plana chamada planalto. Esta área tinha abundância de água e era atravessada por uma importante estrada que conectava ao Mar Egeu no oeste. Devido a essa boa localização, as cidades do norte tornaram-se ricos centros comerciais.

No entanto, o acesso às cidades de norte a sul era complicado. Montanhas separavam as duas regiões, dificultando a comunicação e o comércio entre o norte e o sul. Eles construíram as cidades do sul na estrada entre a Síria e a Ásia. A localização das cidades do sul contribuiu para que se tornassem importantes na história cristã primitiva. Paulo estabeleceu igrejas nessas cidades do sul durante sua primeira viagem missionária (cp. [At 13-14](#)).

Galácia é mencionada em [Atos 16.6](#) e [18.23](#) junto com Frígia. No entanto, não está claro se Paulo alguma vez visitou ou estabeleceu igrejas na área norte. As únicas outras referências a Galácia no Novo Testamento parecem referir-se às cidades do sul ([1Co 16.1](#); [2Tm 4.10](#); [1Pe 1.1](#)).

Veja GÁLATAS, Carta aos.

Galal

1. Levita e filho de Mica, que retornou do exílio na Babilônia ([1Cr 9.15](#)).

2. Levita e antepassado de Obadias (Abda). Obadias retornou do exílio na Babilônia ([1Cr 9.16](#); [Ne 11.17](#)).

Galba

Galba foi um imperador romano que viveu de 3 a.C. a 69 d.C. Ele se tornou imperador de Roma após a morte de Nero e governou por apenas um curto período, de 68 a 69 d.C.

Ascensão ao poder

O nome completo de Galba era Servius Sulpicius Galba. Antes de se tornar Imperador, ele serviu como governador em várias províncias romanas, incluindo França, Alemanha, Espanha e África. Após a morte de Nero em 68 d.C., a força militar especial do Imperador (chamada Guarda Pretoriana) escolheu Galba como o novo Imperador.

Breve governo de Galba

Galba não era popular com o exército nem com o povo. Ele tentou economizar dinheiro e evitou as cerimônias extravagantes que muitos romanos esperavam. Suas ações fizeram com que as pessoas não simpatizassem com ele.

O exército romano na Alemanha nunca aceitou totalmente Galba como seu imperador. Em 69 d.C., eles retiraram seu apoio e escolheram outro líder, Aulus Vitêlio.

A queda de Galba

Galba cometeu um erro grave ao não escolher Marcus Salvius Otho para sucedê-lo. Otho então ganhou o apoio da Guarda Pretoriana. Otho foi declarado Imperador, e Galba foi morto. O Senado Romano aceitou Otho como o novo governante.

Veja também Césares.

Gálbano

O gálbano é um material que vem de uma planta da mesma família que a cenoura e a salsa. Foi um dos

ingredientes usados para fazer um perfume especial para o tabernáculo ([Êx 30.34](#)).

A planta galbano é alta e cresce naturalmente na Síria e na Pérsia (atual Irã). Ela possui pequenas flores esbranquiçadas esverdeadas e frutos que crescem em cachos no topo do caule. Suas folhas são divididas em muitas pequenas partes, semelhantes às folhas de salsa ou cenoura.

Para coletar o gálbano, as pessoas cortam o caule próximo ao solo. Isso faz com que a planta libere um líquido leitoso que endurece em uma substância cerosa e marrom. Atualmente, o gálbano é utilizado para fazer verniz, um revestimento transparente que protege madeira e outros materiais.

O gálbano também é mencionado no livro de Eclesiástico. [Eclesiastes 24.15](#) descreve o gálbano como tendo um cheiro agradável. Embora o gálbano sozinho não tenha um cheiro muito bom, quando misturado com outros ingredientes, ajudava a criar um óleo de aroma doce.

Veja também Plantas.

Galeede

Nome que significa literalmente "um monte de testemunha". Jacó deu este nome a um monte de pedras erguido como testemunha do pacto de amizade feito entre ele e seu sogro, Labão, que chamou o monte de Jegar-Saaduta ([Gn 31.47.48](#)). Sua localização é desconhecida. O nome Galeede não deve ser confundido com o nome Gileade, designação do território a leste do Jordão.

Galileia

Área no Norte da Palestina que, na história anterior de Israel, tinha fronteiras que não estavam claramente definidas, mas que se tornaram mais precisamente definidas no período do governo romano. O nome em português Galileia vem de duas palavras hebraicas que significam "círculo" ou "distrito".

Contexto histórico

Nos tempos do AT, a Galileia não era significativa na vida israelita, mas nos tempos do NT, era um centro populacional judaico proeminente. A Galileia é mencionada pela primeira vez na Bíblia como a localização de Quedes, uma cidade de

refúgio na região montanhosa de Naftali ([Is 20.7](#); cf. [21.32](#); [1Cr 6.76](#)).

A Galileia originalmente designou a área habitada pelas tribos de Naftali, Zebulom ([Is 9.1](#)) e possivelmente Aser (se Cabul em [Is 19.27](#) for a mesma cidade que em [1Rs 9.11-13](#)). Nenhuma dessas tribos foi capaz de expulsar completamente os habitantes cananeus originais ([Jz 1.30-33; 2.1-4](#)), e como resultado, a Galileia tendia a ser racialmente misturada. As cidades que o rei Salomão deu a Hirão, rei gentio de Tiro, estavam dentro da Galileia ([1Rs 9.11](#)), e a mistura gentia naquela área pode ter influenciado a escolha de Salomão dessas cidades como um presente. Esta condição de raça mista também é a base provável para a designação em [Isaías 9.1](#), "Galileia das nações" (cf. [Mt 4.15](#); [1Mc 5.15](#)).

Durante a monarquia, a Galileia era uma zona de amortecimento entre Israel e a Síria, e suportava o peso das invasões sírias contra Israel. Este fato é citado pelo profeta Isaías ([Is 9.1](#)), mas ele viu isso como o prelúdio de dias melhores quando o rei messiânico reinaria. A Galileia foi conquistada pelo rei sírio Ben-Hadade ([1Rs 15.20](#)) e foi provavelmente restaurada pelo rei Acabe, de Israel. A Galileia foi mais tarde subjugada pelos arameus sob Hazael ([2Rs 10.32; 12.18; 13.22](#)) e recuperada por Jeroboão II ([2Rs 14.23-25](#)). Como resultado das conquistas Assírias na área de Damasco e da Galileia em 732 a.C. por Tiglate-Pileser III ([2Rs 15.29](#)), mais gentios foram importados para a área, enquanto muitos dos habitantes judeus foram deportados. Isso naturalmente levou a uma maior influência e domínio gentio na Galileia. Sob a influência sucessiva da Babilônia, Pérsia, Grécia e Síria, a Galileia estava constantemente experimentando infiltração e migração. Desde o tempo da conquista Assíria de Israel até cerca do final do segundo século a.C., a população da Galileia era dominada pelos gentios, com apenas alguns judeus.

Os judeus que restavam na Galileia foram trazidos para a Judeia por Simão Macabeu em 164 a.C. ([1Mc 5.21-23](#)). A Galileia foi conquistada por Aristóbulo I (104–103 a.C.), que forçou os habitantes a serem circuncidados e a se submeterem às leis judaicas, um trabalho que provavelmente já havia sido iniciado por João Hircano (134–104 a.C.).

Herodes, o Grande (governante sob Roma, 37–4 a.C.) acrescentou a Galileia em seu reino, e mais judeus foram atraídos para lá. Josefo registrou que a Galileia tinha 240 cidades e vilas e 100.000 homens disponíveis para lutar contra os romanos.

Após a morte de Herodes, o Grande, a Galileia foi incluída na tetrarquia de Herodes Antipas (4 a.C.-39 d.C.). Com o banimento de Herodes Antipas em 39 d.C., a Galileia foi adicionada ao território de Herodes Agripa I, que a governou até sua morte em 44 d.C. Roma administrava diretamente a Galileia até que ela foi colocada sob o governo de Herodes Agripa II. Ao lado dos romanos durante as revoltas judaicas, ele foi capaz de manter sua posição até 100 d.C. Apesar da tentativa dos galileus ganharem independência, a facção revolucionária foi subjugada por Vespasiano em 67 d.C. Após a morte de Herodes Agripa II, a Galileia se tornou parte da província romana da Síria.

Após a queda de Jerusalém em 70 d.C., o Sinédrio e muitos outros judeus do Sul da Palestina foram para a Galileia. Como resultado, cidades como Tiberíades e Séforis se tornaram judaicas, e os judeus dispersos passaram a ver a Galileia como seu centro. Tiberíades se tornou um centro de aprendizado judaico, e foi lá que foram feitas importantes contribuições como o sistema tiberiano de vogais apontando o texto consonantal hebraico, bem como a formulação da Mishná e o Talmude.

Desde aproximadamente 451 d.C. até que o domínio muçulmano sobre a Galileia começou no século 7, a região foi governada pelo patriarcado cristão de Jerusalém, estabelecido pelo Concílio de Calcedônia em 451 d.C. O domínio muçulmano do sétimo século em diante era contínuo, exceto pelos intervalos causados pelas Cruzadas do século 12 e pela Primeira Guerra Mundial. Toda a Galileia foi incluída no moderno estado de Israel desde sua criação em 1948.

Fronteiras

A Galileia era delimitada a leste pelo alto Rio Jordão e o Mar da Galileia e ao sul pela planície de Esdrelão, que servia como uma fronteira natural entre a Galileia e Samaria. Às vezes, a planície era incluída na Galileia, como foi durante o período intertestamentário ([1Mc 10.30](#); [12.47-49](#)). Enquanto a fronteira do norte era incerta e variável durante a história da Galileia, nos tempos do NT chegava ao Lago de Hula. A fronteira ocidental seguia o Mar Mediterrâneo até o Monte Carmelo.

Desde o tempo do reino dividido até a conquista assíria da Galileia (734 a.C.), era a parte mais ao norte do reino de Israel. A área foi dividida em alta Galileia e baixa Galileia pela planície de Ramá, que ficava entre Cafarnaum e Ptolemais (cf. [It 1.8](#); [1Mc 12.49](#); *Guerra de Josefo* 3.3.1). Na Mishná

(compilação da interpretação rabínica inicial da lei), a Galileia é dividida em três partes correspondentes às divisões naturais de planície e regiões montanhosas. Sob o domínio romano, a Galileia tinha de cerca de 40 a 50 quilômetros de leste a oeste e cerca de 55 a 65 quilômetros de norte a sul.

Geografia

A atraente paisagem da Galileia é composta de colinas de calcário vulcânica e planícies aluviais férteis. Seu clima é mais frio do que o de qualquer outra parte da Palestina, e sua beleza e fertilidade contrastam fortemente com as colinas estéreis e ensolaradas do sul da Palestina.

As características físicas variam das altas montanhas no Norte até a planície de Esdrelão, no Sul. O Monte Tabor é proeminente no Leste, enquanto o Monte Carmelo se destaca no oeste. Grande parte da região superior da Galileia está a 914,4 metros acima do nível do mar, e nos tempos do NT era em grande parte florestada e menos densamente habitada do que a parte inferior da Galileia. A Baixa Galileia começa a 450 a 600 metros acima do nível do mar e desce acentuadamente para o Mar da Galileia, mais de 182,9 metros abaixo do nível do mar.

Além da média anual de chuvas de 63,5 centímetros, a Galileia é regada pelos riachos que fluem das nascentes nas colinas e são as principais fontes do belo Rio Quisom em Jenin, e das nascentes do rio Jordão, o maior rio na Palestina. O solo também é umedecido por orvalho pesado resultante das condições climáticas criadas pela cordilheira do Líbano ao Norte.

Cidades

Entre as cidades mais notáveis no início da história da Galileia estavam Quedes, em Naftali, uma cidade de refúgio ([Js 20.7](#); [21.32](#); [1Cr 6.76](#)), e Hazor, cerca de 16 quilômetros ao Norte do Mar da Galileia ([Js 11.10](#); [1Rs 9.15](#)). Durante o tempo de Cristo, Corazim ([Mt 11.21](#)) e Cafarnaum ([4.13](#); [11.23](#)) eram cidades proeminentes localizadas no Nordeste, perto do Mar da Galileia. Cafarnaum parece ter sido um centro para o ministério de Jesus na área ([Mt 4.13](#); [Mc 2.1](#); [9.33](#); etc). Nazaré é especialmente significante como a cidade da infância de Cristo ([Mt 2.22-23](#); [Lc 2.39](#); [4.16](#); etc). Naim ([Lc 7.11-17](#)), localizado na borda Norte da montanha, agora chamada de Pequeno Hermom, e Caná da Galileia ([Jo 2.1-11](#)) também tiveram um papel importante no ministério de Cristo. Séforis e

Tiberíades eram cidades importantes durante a administração romana.

Estradas e Viagens

Muitas estradas atravessavam a Galileia, e aquelas nos tempos do NT eram superiores devido à construção e manutenção romanas.

Entre as rotas de comércio mais conhecidas estava a Via Maris (o Caminho do Mar), que percorria a Galileia em seu caminho de Damasco para o Egito. Outra estrada principal ia de Tiberíades, perto do Mar da Galileia, para Aco (Ptolemais), um porto na Costa Fenícia. As principais rotas de caravanas também conectavam a Galileia com os mercados do Oriente. A área estava ligada por uma rede de estradas secundárias de conexão que se ramificavam das principais rodovias.

Habitantes

Os habitantes da Galileia (galileus) eram basicamente judeus em orientação religiosa e patriótica, mas eles eram compostos de vários elementos étnicos. A influência desta mistura era suficiente para causar diferenças reconhecíveis na fala do Sul da Palestina (cf. [Mt 26.69, 73](#)). Os galileus absorveram mais influências gregas e romanas do que os judeus da Judeia. A mistura racial, diferenças na fala e localização fizeram com que os judeus da Judeia vissem a Galileia e seus habitantes com desprezo ([Jo 1.46; 7.41, 52](#)).

A Baixa Galileia era densamente povoada com aldeias, e nos tempos do NT a população era provavelmente de cerca de três milhões. A fertilidade do solo e a resultante frutificação do país produziram uma população judaica próspera, especialmente nos séculos após o tempo de Cristo.

Governo

A Galileia estava sob o governo romano dos imperadores Augusto e Tibério durante o tempo de Cristo. As fortificações romanas em toda a Galileia eram um lembrete constante da presença e influência do Império Romano. Durante o ministério de Cristo, Roma instalou o tetrarca Herodes Antipas ([Mt 14.1; Lc 23.5-7](#)) para governar o território. Ele foi nomeado para o cargo quando tinha 17 anos. Séforis foi sua primeira capital; por volta de 22 d.C., ele construiu Tiberíades na margem do Mar da Galileia como sua nova capital, em honra do imperador.

Produtos

Colheitas abundantes permitiram que a Galileia fornecesse produtos para as cidades fenícias vizinhas de Tiro e Sidom em meados do primeiro século d.C. As principais colheitas incluíam uvas, romãs, azeitonas e grãos. A pesca no Mar da Galileia era um negócio proeminente nos tempos do NT ([Mc 1.14-20](#)).

Jesus e a Galileia

Jesus foi criado na Galileia ([Lc 4.16](#)), e 11 de seus 12 discípulos eram de lá (Judas Iscariotes era o único da Judeia).

A cultura, o comércio, a atividade agrícola e a pesca formaram o pano de fundo para grande parte do ministério de Jesus, como suas parábolas mostram ([Mt 20.1-8; 21.33; Mc 4.3; Lc 13.6-9](#)). Os primeiros três Evangelhos estão em grande parte envolvidos no ministério de Cristo na Galileia, com grande parte dele se passando ao redor do Mar da Galileia. A maioria de suas parábolas (19 de 32) foram faladas aqui, e a grande maioria de seus milagres (25 de 33) foram realizados na Galileia. Jesus recebeu seu retorno mais positivo nesta região. O Sermão do Monte foi falado na Galileia, e uma de suas montanhas era a cena da Transfiguração do Senhor. Muitas das mulheres que seguiam a Cristo e ministriavam a ele também vieram de lá ([Mt 27.55](#)). Duas das aparições mais significativas de Cristo após a ressurreição ocorreram na Galileia ([Mt 28.16-20; Jo 21.1-23](#)), e um dos próprios títulos de Cristo, Jesus de Nazaré ([Jo 1.45](#)), o identificava como um galileu.

Galileus

Uma vez que Jesus e a maioria dos 12 discípulos eram da Galileia, era natural que o termo fosse aplicado a todos os seus seguidores, especialmente uma vez que implicava que o movimento não era tão puro quanto o judaísmo da Judeia. Alguns intérpretes acreditam que [Lucas 22.59](#) é um exemplo do uso de "galileu" como um título; em [Atos 1.11](#) e [2.7](#), é meramente uma referência geográfica. Uma referência segura aos cristãos por esse título aparece na obra do filósofo pagão Epiteto (50?-135? d.C.), que ficou impressionado com a forma como os cristãos morreram por sua fé. Não fica claro quão comum era o título de galileu, mas obviamente havia se espalhado da Judeia para Roma, onde Epiteto viveu.

Veja também Palestina; Mar da Galileia.

Galileia, Mar da

Veja Mar da Galileia.

Galim

Aldeia próxima a Gibeá de Saul e Anatote em Benjamim, ao norte de Jerusalém e perto de Baurim ([1Sm 25.44](#); [Is 10.30](#)); provavelmente a atual Khirbet Kakul.

Galinha

Uma ave doméstica comum criada para que os humanos usufruam de seus ovos comestíveis e sua carne.

Veja Aves (Domésticas).

Galinha

Veja Pássaros (Aves, Domésticas).

Galinha D'Água

Um nome para vários tipos de pássaros que vivem perto da água. Isso pode incluir a galinha-d'água, a garça, o pelícano, o cisne e até mesmo a coruja-dodeserto.

A NTLH lista o pelícano entre as aves impuras em [Levítico 11.18](#) e [Deuteronômio 14.16](#). Esta é uma das aves bíblicas mais difíceis de identificar. A maioria das versões da Bíblia traduz a palavra hebraica como “pelícano” ou “coruja”. A versão Almeida Revista e Corrigida a traduz como “cisne”. A maioria dos estudiosos acha que o cisne é improvável porque come plantas, não animais, e não deveria ser chamado de impuro. Uma coruja ainda é uma possível correspondência.

A galinha d'água é um tipo de saracura. Várias espécies de saracura vivem em Israel. Uma delas é a caimão-comum (*Porphyrio porphyrio*).

As saracuras são aves aquáticas esguias. Podem medir de 15 a 51 centímetros (6 a 20 polegadas) de comprimento. Vivem em pântanos e se alimentam de muitos tipos de animais e plantas. Esta dieta pode ser uma das razões pelas quais alguns estudiosos acreditam que uma ave como o pelícano

poderia corresponder à ave impura mencionada na Lei de Moisés.

Veja Pássaros.

Gálio

Gálio foi um oficial romano no primeiro século d.C. Ele nasceu em Córdoba, Espanha, em 3 a.C. Seu nome de nascimento era Marcus Annaeus Novatus. Ele morreu em 65 d.C. Gálio era filho de Marcus Annaeus Seneca e irmão mais velho do filósofo Sêneca.

Gálio mudou-se para Roma durante o reinado do Imperador Tibério. Mais tarde, foi adotado por um famoso orador público chamado Lúcio Junius Gálio. Após a adoção, Novatus passou a se chamar Gálio. Lúcio Junius Gálio era um homem rico e treinou Gálio para trabalhar no governo e no serviço público.

Gálio serviu como procônsul romano (governador) da Acaia entre 51–53 d.C.

Durante a primeira visita do apóstolo Paulo a Corinto, alguns judeus apresentaram uma queixa contra ele. Eles disseram a Gálio que Paulo estava ensinando as pessoas a adorar a Deus de uma maneira que era contra a lei ([At 18.12–17](#)). Gálio rapidamente rejeitou a queixa deles, afirmando que a questão era sobre a lei judaica, não a lei romana. Gálio se recusou a julgar uma disputa religiosa. Essa resposta era típica dos governadores romanos, que frequentemente evitavam se envolver em discussões sobre religião.

Gálio teve que deixar a Acaia porque adoeceu. Mais tarde, ele retornou a Roma e serviu como *consul suffectus* (um cônsul temporário) sob o Imperador Nero. Em algum momento, Gálio foi associado a uma conspiração contra Nero. A princípio, Nero o perdoou. Mas depois, Gálio foi forçado a tirar a própria vida.

Galo

Macho adulto da ave doméstica.

Veja Aves (Galinha, Doméstica).

Gamade

Lar de mercenários que serviram no exército de Tiro, de acordo com a profecia de Ezequiel ([Ez 27.11](#)). Gamade pode ter sido localizada na Síria e é identificada como Kumidi nas cartas de Tell el-Amarna.

Gamaditas

A palavra "gamaditas" é encontrada em algumas versões da Bíblia em [Ez 27.11](#). Outras versões usam "homens de Gamade". Isso se refere a pessoas de um lugar chamado Gamade.

Veja Gamade.

Gamaliel

1. Filho de Pedazur e líder da tribo de Manassés ([Nm 10.23](#)). Moisés escolheu Gamaliel para ajudar a contar o povo no deserto perto do Monte Sinai ([1.10](#)). Moisés também o escolheu para organizar a tribo para a jornada à Terra Prometida ([2.20](#)). Gamaliel participou da cerimônia especial de 12 dias quando os líderes apresentaram ofertas na dedicação do altar após a conclusão do tabernáculo ([7.54.59](#)).

2. Um erudito judeu, Gamaliel viveu no primeiro século d.C. Ele morreu 18 anos antes de o general romano Tito destruir Jerusalém (em 70 d.C.). Gamaliel era altamente respeitado por todos. Quando Pedro e os outros apóstolos foram levados perante o conselho irado em Jerusalém, ele deu conselhos cuidadosos que provavelmente salvaram a vida dos apóstolos ([At 5.27-40](#)).

[Atos 22.3](#) também menciona Gamaliel como o rabino com quem Paulo estudou quando era jovem em Jerusalém. Um rabino é um professor e líder religioso judeu. Durante aquele tempo em Israel, vários grupos de rabinos se desenvolveram. Dois dos mais importantes foram as escolas farisaicas concorrentes de Hillel e Samai. Ambos os professores tiveram grande influência no pensamento judaico. A escola de Hillel enfatizava a tradição até mesmo acima da lei. A escola de Samai ensinava que a lei era mais importante do que a tradição. A escola de Hillel foi mais influente, e muitos rabinos posteriores seguiram seus ensinamentos.

De acordo com a tradição, Gamaliel é neto de Hillel. Ele aprendeu todo o escopo da filosofia e teologia que seu avô ensinou. Gamaliel era membro do Sinédrio, o alto conselho dos judeus em Jerusalém. Ele serviu como presidente do Sinédrio durante o tempo dos imperadores romanos Tibério, Calígula e Cláudio. Ao contrário de outros professores judeus, ele era aberto ao aprendizado grego.

O aprendizado de Gamaliel era tão respeitado e sua influência tão grande que ele é um dos apenas sete estudiosos judeus honrados com o título de Rabban. As pessoas o chamavam de "Beleza da Lei". O Talmude (uma importante coleção de ensinamentos judaicos) até afirma que "desde que Rabban Gamaliel

morreu, a glória da Lei cessou".

Gamul

Sacerdote designado para o serviço do templo no tempo de Davi ([1Cr 24.17](#)).

Gangrena

Gangrena ocorre quando o tecido morre devido à perda do suprimento sanguíneo vital para aquela parte do corpo. Isso geralmente acontece na extremidade mais distante, como as pontas dos dedos das mãos ou dos pés. A parte afetada ficará preta, e os cirurgiões amputarão a área morta. Eles fazem isso para evitar que o dano ao tecido se espalhe para outras partes do membro ou coloque a vida da pessoa em risco.

O termo "gangrena" ocorre apenas uma vez nas Escrituras ([2Tm 2.17](#)). Paulo adverte Timóteo a não permitir conversas que desonrem a Deus. Quando as pessoas desonram a Deus na maneira como falam, isso encoraja mais pessoas a desonrar a Deus na maneira como agem. Paulo compara isso à forma como a gangrena tende a se espalhar para os tecidos circundantes do corpo.

A doença nos pés do Rei Asa ([2Cr 16.12](#)) não foi nomeada, mas pode ter sido gangrena. Pode-se comparar a lepra de Miriã, a irmã de Moisés, à gangrena. As Escrituras compararam a condição dela à carne deteriorada de um bebê natimorto ([Nm 12.12](#)).

Veja também Medicina e prática médica.

Ganso

Um ganso é uma ave aquática com pescoço longo, pés palmados e penas impermeáveis. Os gansos pertencem a vários gêneros científicos, sendo *Anser* um tipo comum (gansos verdadeiros).

Gansos eram usados para alimentação e sacrifício em tempos bíblicos. Eles foram domesticados no Egito já em 2500 a.C. durante o período do Antigo Reino e definitivamente na época do Novo Reino (aproximadamente 1500–1100 a.C.).

Os antigos gregos conheciam os gansos domésticos, pois eles são mencionados na *Odisseia* (uma famosa história grega antiga escrita por Homero, um poeta

do século 8 a.C.). Em Canaã, a criação de gansos era comum. Arqueólogos encontraram esculturas de marfim de gansos do século 13 ou 12 a.C. durante escavações em Megido, Israel.

Muitos tipos de gansos passam a maior parte de suas vidas em terra, mesmo sendo aves aquáticas. Alguns até constroem seus ninhos em árvores. Os gansos selvagens preferem viver em planícies e pradarias em vez de áreas montanhosas. Isso significa que eles gostam de viver em lugares planos e abertos, em vez de áreas com montanhas ou colinas.

A Bíblia sugere que gansos podem ter sido consumidos à mesa do rei Salomão. Em [1Reis 4.23](#), "aves gordas" pode se referir a gansos. Este termo também pode significar outras aves domésticas que as pessoas costumam comer, como patos, cisnes, galinhas-d'angola ou pombos.

Veja também Aves.

Garça

Pássaro de pernas longas e pescoço comprido, considerado impuro segundo a lei judaica ([Lv 11.19](#); [Dt 14.18](#)). *Veja Aves.*

Garebe (Lugar)

Colina perto de Jerusalém mencionada em [Jr 31.39](#) como um futuro limite da cidade, possivelmente no lado sul ou oeste.

Garebe (Pessoa)

Um guerreiro entre os homens poderosos do rei Davi ([2Sm 23.38](#); [1Cr 11.40](#)).

Garmita

Designação para Abiqueila em [1 Crônicas 4.19](#). A palavra, que significa "ossudo", parece indicar força (a mesma palavra hebraica é usada em [Jó 40.18](#) e [Pv 25.15](#)).

Gaspar

O nome tradicional de um dos sábios que trouxe um presente para Jesus em [Mateus 2.1-2](#). Veja Sábios.

Gate

Gate era uma cidade murada na terra dos filisteus ([2Cr 26.6](#)). Era uma das cinco principais cidades filisteias. As outras cidades eram Gaza, Asdode, Asquelim e Ecrom ([Js 13.3](#); [1Sm 6.17](#)). Essas cidades estavam localizadas na costa sul ou perto dela, no que hoje é Israel e Palestina.

Gate frequentemente lutava contra os israelitas. Mas Israel não tomou o controle da cidade até o tempo de Davi ([1Cr 18.1](#)). Gate era uma cidade cananeia. Era a cidade natal de Golias, um gigante que lutou contra Davi ([1Sm 17.4](#)). Outros guerreiros muito altos também vieram de Gate ([2Sm 21.18-22](#)). Alguns dos anaquins (um grupo de gigantes) ainda viviam lá, mesmo após as batalhas de Josué para tomar a terra ([Js 10.36-39](#); [11.21-22](#)).

Os filisteus capturaram a arca de Deus. Eles a levaram de Ebenezer para Asdode, depois para Gate e, finalmente, para Ecrom ([1Sm 5.8](#)). Muitos filisteus morreram ou tiveram tumores após levarem a arca. Então, eles a enviaram de volta para Israel. Primeiro, foi para Bete-Semes, depois para Quiriate-Jearim ([6.14](#); [7.1](#)). Mais tarde, quando Davi estava fugindo do rei Saul, ele foi para Gate. Ele fingiu estar louco na frente do rei Aquis para que não o machucassem ([21.10-15](#)).

Durante a rebelião de Absalão, 600 homens de Gate serviram como soldados no exército de Davi ([2Sm 15.18](#)). Roboão, um rei de Judá, fortaleceu as muralhas de Gate ([2Cr 11.8](#)). Nos anos 800 a.C., o rei Hazael da Síria capturou Gate ([2Rs 12.17](#)). Mas, mais tarde, os filisteus parecem ter governado novamente. O rei Uzias de Judá derrubou as muralhas de Gate durante seu reinado ([2Cr 26.6](#)).

Nos anos 700 a.C., Gate foi destruída por Sargão II da Assíria. Depois disso, desapareceu ([Am 6.2](#)).

Veja também Filístia, filisteus.

Gate-Héfer

Cidade na Galileia, no território de Zebulom, que foi o local de nascimento de Jonas ([Js 19.13](#); [2Rs](#)

[14.25](#)). A moderna el-Meshad ocupa o local de Gate-Héfer.

Gate-Rimom

1. Cidade localizada na terra atribuída à tribo de Dâ como herança ([Js 19.45](#)). Foi designada como uma das quatro cidades levíticas para os coatitas em Dâ ([21.24](#)). Perdida para os cananeus, Gate-Rimom foi posteriormente recuperada por Efraim e incluída como uma de suas cidades para os filhos de Levi ([1Cr 6.69](#)). Seu local é identificável com a moderna Tell el-Jerisheh.

Veja também Cidades levíticas.

2. Uma das duas cidades dadas aos levitas em Manassés, a oeste do rio Jordão ([Js 21.25](#)), sugerindo um possível erro de transcrição, que é melhor lido como Bileã (cf. [1Cr 6.70](#)).

Gaulanite*

Pequena província a leste do Mar da Galileia, situada entre o Monte Hermon e o rio Jamurque estendendo-se talvez até o rio Jordão. Tomou seu nome da antiga cidade de Golã. Arqueólogos descobriram extensas ruínas a 27 quilômetros a leste do Mar da Galileia, que eles consideram ser os restos de Golã. Moisés nomeou Golã como uma cidade de refúgio para a meia-tribo de Manassés a leste do Jordão ([Dt 4.41.43](#)), e Josué a nomeou aos levitas gersonitas ([Js 20.8](#); [21.27](#); [1Cr 6.71](#)). De acordo com Josefo, Alexandre Janeu sofreu uma pesada derrota neste lugar e mais tarde destruiu a cidade (*Antiguidades* 8.2.3). Josefo também identificou um Judas que liderou uma revolta fiscal como sendo de Gaulanite (18.1.1), enquanto Lucas o chamou de galileu ([At 5.37](#)). Mais tarde, Josefo o chamou de galileu (*Antiguidades* 20.5.2; *Guerra* 2.8.1). É bem possível que este Judas tenha vivido nesses lugares em tempos diferentes.

Após a morte de Herodes em 4 a.C., Filipe herdou Gaulanite, fazendo de sua capital Betsaida Júlias, que ele havia reconstruído e nomeado após a filha de Augusto César. Jesus viajou nesta área ([Mc 6.45](#); [8.22](#)), e permaneceu sob firme controle romano até 66 d.C., quando a guerra judaica estourou. Os revolucionários judeus posteriormente se esconderam em suas alturas e os romanos lutaram várias campanhas aqui.

Veja também Golã; Herodes, Família Herodiana.

Gavião

Um gavião é uma pequena ave de rapina. Ele caça e se alimenta de outros animais. Gaviões viviam na Terra Santa e são mencionados na Bíblia.

A maioria das referências bíblicas provavelmente se refere ao gavião (*Accipiter nisus*). Este gavião é um pouco maior que um gavião-peneira. Ele tem as costas marrom-acinzentadas e a barriga branca com listras pretas e marrons. Suas asas são largas e arredondadas, e ele possui garras longas e curvas, que ajudam a capturar presas enquanto voa.

Gaviões podem virar rapidamente no ar. Suas longas caudas os ajudam a mudar de direção enquanto perseguem pequenos pássaros como os mariquitas. Eles caçam durante o dia e capturam suas presas no ar. Ao contrário dos gaviões-peneiras, eles não capturam presas no chão. Gaviões têm visão aguçada e conseguem ver claramente de longe. Seus olhos estão nas laterais de suas cabeças. Gaviões geralmente constroem seus ninhos no alto de árvores altas. O mesmo par de gaviões frequentemente retorna ao mesmo ninho todos os anos.

Neste contexto, *presa* refere-se aos animais que os gaviões capturam e comem.

No antigo Egito, as pessoas honravam os gaviões. Às vezes, embalsamavam (preservavam) os corpos dos falcões-peregrinos. Eles viam o gavião como um símbolo de poder divino. O deus egípcio Hórus era frequentemente representado com a cabeça de um gavião.

Na cultura israelita, o gavião era considerado impuro e não deveria ser consumido ([Lv 11.16; Dt 14.15](#)). Os gaviões não viviam em Israel o ano todo. Eles paravam lá enquanto migravam do norte para o sul durante certas épocas do ano. Esta migração para o sul é mencionada em [Jó 39.26; Isaías 34.11](#) pode se referir a um gavião, mas a palavra é incerta nesse versículo. Algumas traduções usam gavião”, enquanto outras dizem corvo.

Veja também Aves, Corvo-marinho, Falcão, Milhafre.

Gaza

Cidade próxima à costa palestina, cerca de 80 quilômetros a oeste-sudoeste de Jerusalém. Tem sido ocupada quase continuamente desde os tempos antigos; a moderna Gaza desempenha um

papel importante no conflito entre árabes e israelenses. Gazita e gazatita são nomes bíblicos para os residentes da cidade.

Localizada aproximadamente no meio da planície da Filístia, Gaza era uma área agrícola rica, onde o trigo e grãos similares prosperavam. Situada a cerca de 5 quilômetros do Mediterrâneo, a importância de Gaza como o maior centro comercial da antiga Palestina não vinha do mar, mas das estradas, que traziam caravanas de todas as partes do Crescente Fértil. Essa acessibilidade também era uma desvantagem, pois as estradas ao longo da costa eram a rota mais fácil para os exércitos do Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Muitas vezes, Gaza sofria por ser um ponto de passagem.

Nos registros da história secular, Gaza aparece pela primeira vez nos anais de Tutmés III no templo de Karnak. Tutmés, de forma inteligente, programou suas campanhas asiáticas logo após a colheita egípcia e a tempo de apreender a colheita da Palestina.

Na Carta de Amarna 289, Abdu-Heba de Jerusalém reconheceu que Gaza era leal ao rei do Egito, mas reclamou que Addaya, o governante egípcio da Palestina cuja residência era em Gaza, havia levado a guarnição que o Faraó havia enviado para Jerusalém. A partir do final do século 13 a.C., há uma carta satírica composta como um exercício para treinamento de escribas. Nesta carta, escrita por um escriba para menosprezar outro, vários itinerários são traçados, incluindo um da fronteira do Egito até Gaza.

O Faraó Neco (610–595 a.C.) capturou e castigou Gaza e Asquelom no reinado de Josias em Judá (cf. [Jr 47.15](#)).

Tiglate-Pileser III (745–727 a.C.) menciona Hanno de Gaza, que fugiu para o Egito pouco antes da captura de Gaza pelos assírios. No Prisma do Instituto Oriental e no Prisma de Taylor, Senaqueribe (705–681 a.C.) relata sua invasão da Palestina e como prendeu Ezequias “como um pássaro em uma gaiola”. Ele capturou 46 das cidades fortificadas de Ezequias e as entregou a três reis menores, incluindo Sillibel de Gaza, que também é mencionado por Esar-Hadom (681–669 a.C.) e Assurbanípal (669–633 a.C.). A referência ao “rei de Gaza” também aparece nos registros de Nabucodonosor II da Babilônia (604–562 a.C.).

Em 332 a.C., Gaza foi capturada e punida por Alexandre, o Grande. Ele ficou irritado porque a cidade resistiu a ele por dois meses, então matou

todos os homens e vendeu as mulheres e crianças como escravos. Durante o período dos Macabeus, foi tomada por Alexandre Janeu, que massacrou seus habitantes.

Na Bíblia, Gaza é mencionada pela primeira vez em [Gênesis 10.19](#), onde é dito que o território dos cananeus se estendia de Sidom até Gaza. Em um resumo das conquistas de Josué, uma das dimensões da área conquistada é “de Cades-Barneia até Gaza” ([Js 10.41](#)). Josué destruiu todos os anaquins na terra, mas alguns permaneceram em Gaza e outras cidades filisteias ([11.22](#)). Outro povo antigo, os avins, “que viviam em aldeias até Gaza”, foram aniquilados e substituídos pelos caftorins de Caftor, ou Creta ([Dt 2.23](#)). Gaza, junto com suas cidades e vilas, foi listada entre a herança tribal de Judá ([Js 15.47](#)). Na época da idade avançada de Josué, Gaza e as outras quatro cidades da Pentápolis filisteia são mencionadas entre os territórios ainda não tomados ([13.3](#)); em [Juízes 1.18-19](#), no entanto, é relatado que Judá a tomou.

Durante o tempo dos juízes, invasores midianitas devastaram Israel, saqueando e destruindo, até mesmo até Gaza ([Jz 6.4](#)). Nesse período, o principal interesse bíblico em Gaza concentra-se na vida e nas façanhas de Sansão. As mulheres filisteias eram a fraqueza de Sansão. Ele foi a Gaza e encontrou uma prostituta com quem teve relações ([16.1](#)). O povo de Gaza soube que ele estava lá e decidiu matá-lo pela manhã, mas Sansão se levantou à meia-noite, foi até o portão da cidade, pegou as portas, os postes e a tranca do portão e os carregou até o topo de uma colina de frente para Hebron.

Seu envolvimento com outra mulher filisteia, Dalila, resultou em sua captura pelos filisteus, que arrancaram seus olhos e o levaram para Gaza ([Jz 16.21](#)), onde foi amarrado e forçado a moer no moinho da prisão. Em um dia de festival no templo de Dagom, os adoradores em festa chamaram Sansão para que pudesse zombar dele. Sua força estava retornando, e Deus respondeu à sua oração por vingança. Sansão deslocou as duas colunas que sustentavam o teto de laje de pedra do templo pagão, e então Sansão morreu, junto com um grande número de gazitas.

Gaza é mencionada como a fronteira sul de Israel durante o reinado de Salomão, que governou sobre “toda a região a oeste do Eufrates, de Tifsa até Gaza” ([1Rs 4.24](#)). Ezequias derrotou os filisteus até Gaza ([2Rs 18.8](#)). Quando ele se rebelou contra a Assíria, Senaqueribe veio e tomou 46 das cidades de Ezequias e as entregou ao rei de Gaza e a dois outros reis.

[Jeremias 47](#) registra uma profecia contra os filisteus, que o Senhor deu ao profeta antes de Faraó atacar Gaza (v. [1](#); cf. v. [5](#); veja Neco acima). Amós dá profecias específicas de julgamento contra Gaza ([Am 1.6-7](#)). Sofonias também afirma que Gaza seria deserta ([Sf 2.4](#)). [Zacarias 9](#) apresenta um oráculo de julgamento no qual é dito que Gaza sofrerá e que seu rei perecerá.

No NT há apenas uma referência a Gaza ([At 8.26](#)). Filipe, que estava pregando na Samaria, foi instruído por um anjo a ir para o sul, para “a estrada que vai de Jerusalém a Gaza”. Aqui ele encontrou o tesoureiro da Etiópia, que estava lendo [Isaías 53](#) enquanto viajava em seu carro. Filipe pregou o evangelho a este homem e o batizou.

Veja também Filístia, filisteus.

Gazão

Antepassado de um grupo de assistentes do templo que retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.48](#); [Ne 7.51](#)).

Gazara

Nome alternativo para a cidade de Gezer em 1 e 2 Macabeus. Veja Gezer.

Gazela

Uma gazela é um tipo de antílope (animal semelhante a um cervo) que vive na Ásia e na África. Esses animais são conhecidos por sua velocidade e movimentos graciosos.

Palestina e Israel abrigam dois tipos de gazelas. Tanto os machos quanto as fêmeas possuem chifres curvados. A gazela dorcas (*Gazella Dorcas*) tem uma coloração bege clara e pode atingir até 56 centímetros de altura. Por outro lado, a gazela Árabe (*Gazella arabica*) é mais escura e pode alcançar 63,5 centímetros.

As gazelas são comuns nos desertos e estepes da Terra Santa, especialmente no Deserto do Neguebe. Normalmente, os bandos têm de cinco a dez animais. No entanto, algumas migram em grandes grupos durante o outono para encontrar novos locais de alimentação em altitudes mais baixas. Elas se alimentam de plantas. Sendo tímidas, elas designam guardas para vigiar o perigo.

Nos tempos bíblicos, a gazela era provavelmente o animal mais caçado pelos judeus ([Pv 6.5; Is 13.14](#)). O Faraó Tutancâmon caçava gazelas e avestruzes. As pessoas levavam gazelas para o palácio do rei Salomão como alimento ([1Rs 4.23](#)).

As gazelas não eram fáceis de capturar porque corriam rapidamente ([2Sm 2.18; 1Cr 12.8; Pv 6.5](#)). Elas eram ainda mais rápidas do que os cervos. Eram capturadas de diferentes maneiras: presas em redes, empurradas para fossos ou conduzidas para vales estreitos para serem abatidas. Os beduínos caçam gazelas com falcões e cães. O falcão atinge a cabeça da gazela, ferindo-a, o que facilita para os cães alcançarem.

A gazela é mencionada no Cânticos, onde é uma imagem de beleza feminina ([Ct 2.9,17; 4.5; 7.3; 8.14](#)).

Veja também Antílope.

Gazez

1. Filho de Calebe com sua concubina Efá e irmão de Harã ([1Cr 2.46](#)).

2. Filho de Harã e sobrinho do #1 acima ([1Cr 2.46](#)).

Gazitas

Residentes de Gaza ([Jz 16.2](#)). Veja Gaza; gazatitas.

Ge-Harashim, Vale dos Artesãos

Nome de um vale ricamente arborizado perto de Lode e Ono, colonizado por Joabe da tribo de Judá, cuja posteridade chamou o vale de "Vale dos Artesãos", em homenagem ao seu próprio ofício ([1Cr 4.14](#)). Algumas Bíblias em português mantêm o termo com a transliteração "Ge-Harasim", outras traduzem como "Vale dos Artesãos" ou "Vale dos Artífices".

No quinto século a.C., a área foi repovoada por pessoas da tribo de Benjamim ([Ne 11.35](#), "Vale dos Artífices").

Geada

Vapor de água congelado ou orvalho ([Sl 78.47; 147.16; 148.8; Jr 36.30; Zc 14.6](#)).

Geazi

Servo de Eliseu ([2Rs 5.25](#)) que informou o profeta sobre a melhor forma de recompensar a generosa mulher sunamita por sua bondade para com ele ([4.11-17](#)). Geazi levou o cajado de Eliseu para usar na ressurreição do filho morto da mulher, mas não teve sucesso (v. [31](#)), e o próprio profeta teve que reviver a criança (vv. [32-37](#)). Sua ganância em obter de Naamã presentes recusados por Eliseu resultou em contrair a lepra de Naamã ([5.20-23.27](#)). Em [2Rs 8.1-6](#), Geazi encontrou novamente a mulher sunamita enquanto ela estava fazendo uma petição ao rei de Israel.

Geba

Geba era uma cidade na terra dada à tribo de Benjamim. Era uma das cidades atribuídas aos levitas ([Is 18.24; 21.17](#)). Ficava cerca de 11,3 quilômetros a nordeste de Jerusalém e ao sul de Micmás ([1Sm 14.5; Is 10.29](#)).

Geba é fácil de confundir com Gibeá. Ambas estavam na terra de Benjamim, e ambos os nomes significam "colina". Gibeá ficava a sudoeste de Geba e era a cidade natal de Saul, o primeiro rei de Israel. A expressão "de Geba a Berseba" era usada para mostrar toda a extensão da terra de Judá, referindo-se às extremidades norte e sul da tribo de Judá ([2Rs 23.8](#)).

Na época do rei Saul, os filisteus tinham um posto militar em Geba ([1Sm 10.5; 13.3](#)). O filho de Saul, Jônatas, atacou o posto e o derrotou. Isso deixou os filisteus furiosos. Eles trouxeram um enorme exército para Israel, muito maior do que o exército de Saul.

Saul e seus homens ficaram em Geba ([13.16](#)). Mais tarde, eles se moveram em direção a Gibeá ([14.2](#)). Enquanto isso, os filisteus haviam construído outro posto militar em Micmás, que ficava perto de Geba.

Jônatas disse ao jovem que carregava suas armas que eles deveriam ir até o posto dos filisteus. Ele afirmou que, se os filisteus os chamassem para ir, isso seria um sinal de que Deus os ajudaria a vencer. Os filisteus os chamaram, então Jônatas e o jovem avançaram e mataram cerca de 20 filisteus. Isso causou pânico no acampamento, e todo o exército filisteu fugiu.

Mais tarde, durante o reinado do rei Davi, ele derrotou outro grupo de filisteus entre Geba e Gezer ([2Sm 5.25](#)).

Alguns homens de Geba estavam entre os judeus que retornaram do exílio na Babilônia ([Ed 2.26](#); [Ne 11.31](#)). Na época em que o muro de Jerusalém foi reconstruído e dedicado, cantores da área ao redor de Geba participaram das celebrações ([Ne 12.29](#)).

Gebal

1. Uma das primeiras aldeias na Fenícia e Síria (junto com Ras Shamra e Tell ej-Judeideh); também chamada de Biblos ("livros") pelos gregos. Estava situada no Mediterrâneo, cerca de 32 quilômetros ao norte da moderna Beirute e era um importante centro comercial e ponto de saída para as madeiras nobres do Líbano no período em que era uma colônia egípcia e quando os interesses diplomáticos e comerciais do Egito se estendiam por toda a Síria. Era uma cidade-reino de acordo com as cartas de Amarna (c. 1400–1350 a.C.), e impressões de selos encontradas lá de um período muito antigo sugerem que estava em uma importante rota de troca através da Palestina e Síria. Seus habitantes eram chamados de gebalitas ([Is 13.5](#)). Enquanto era um grande centro comercial, uma realização mais importante dos gebalitas foi o desenvolvimento de um sistema de escrita silábica modelado no egípcio. Passado da Fenícia para a Grécia, tornou-se o ancestral do nosso próprio alfabeto.

2. Território ao sudeste do Mar Morto, associado com Amom e Ameleque como hostis a Israel ([Sl 83.7](#)).

Gebalita

Habitante de Gebal ([Is 13.5](#)). Veja Gebal #1.

Geber

1. Nome alternativo para Ben-Geber, um dos oficiais do comissariado de Salomão, em [1 Reis 4.13](#). Veja Ben-Geber.

2. O filho de Uri, que era responsável por fornecer alimentos para a casa de Salomão. Seu território provavelmente ficava ao sul de Ramote-Gileade ([1Rs 4.19](#)). Talvez #1 e #2 fossem parentes.

Gebim

Pequena cidade ao norte de Jerusalém. [Isaías 10.31](#) profetizou que seus habitantes fugiriam quando o exército assírio viesse invadir. Sua localização exata é desconhecida.

Gedalias

1. Filho de Aicão e neto de Safã (escriba real do rei Josias). Em 586 a.C., Nabucodonosor, o rei babilônico, nomeou Gedalias como governador sobre os judeus que permaneceram em Israel para trabalhar nos campos, vinhedos e pomares ([2Rs 25.12,22](#)).

Gedalias estabeleceu seu quartel-general em Mispá, onde foi acompanhado pelo profeta Jeremias, pelos comandantes judeus e suas forças guerrilheiras que haviam escapado da captura durante a queda de Jerusalém ([Jr 40.6-8](#)). Gedalias assegurou-lhes que, se se estabelecessem e vivessem em sujeição pacífica à Babilônia, tudo ficaria bem ([2Rs 25.23-24](#); [Jr 40.9-10](#)). Com base nessa garantia, muitos dos judeus que estavam dispersos na Transjordânia e em outros países retornaram a Israel para trabalhar a terra com grande produtividade ([Jr 40.11-12](#)).

Embora avisado sobre um complô contra ele por Ismael, Gedalias recebeu o conspirador em uma refeição e foi assassinado ([2Rs 25.25](#); [Jr 40.11-12; 41.1-3](#)). Junto com alguns peregrinos que visitavam o templo, Ismael fugiu com reféns para Amom, escapando da vingança de Joanã ([Jr 41.10-15](#)).

2. Músico do templo na época do rei Davi ([1Cr 25.3,9](#)).

3. O filho de Jesua que foi chamado a se divorciar de sua esposa estrangeira durante as reformas de Esdras ([Ed 10.18](#)).

4. O filho de Pasur e um dos oficiais de Jerusalém que instaram o rei Zedequias a condenar o profeta Jeremias à morte por seus pronunciamentos proféticos pró-babilônicos ([Jr 38.1](#)).

5. O filho de Amarias, neto do rei Ezequias e avô do profeta Sofonias ([Sf 1.1](#)).

Gedalti

Ortografia alternativa de Gidalti, filho de Hemã ([1Cr 25.4](#)).

Veja Gidalti.

Geder

Uma das 31 cidades reais em Canaã, cujos reis foram derrotados por Josué ([Js 12.13](#)). Geder talvez possa ser identificada com Gedor nas montanhas de Judá ([15.58](#)) ou com Bete-Gader ([1Cr 2.51](#)).

Gedera, gederatitas

Cidade e seus habitantes situados na Sefelá (colinas baixas) do território atribuído à tribo de Judá como herança ([Js 15.36](#)). Era um lugar onde viviam oleiros ([1Cr 4.23](#)). Um homem de Gedera, Jozabade, o gederatita, é mencionado em [1Crônicas 12.4](#).

Gederotaim

Aldeia na Sefelá da Judeia ([Js 15.36](#)) de localização desconhecida. A lista hebraica contém 14 cidades sem Gederotaim (vv. [33-36](#)), enquanto a versão grega lê: “Gedera e seus apriscos” (v. [36](#)). Gederotaim provavelmente reflete um erro de escriba posterior, onde o copista accidentalmente transformou o termo “aprisco” em uma 15^a cidade.

Gederote

Cidade (moderna Qatra) na Sefelá (colinas baixas) atribuída à tribo de Judá como herança ([Js 15.41](#)) e posteriormente capturada pelos filisteus durante o reinado do rei Acaz ([2Cr 28.18](#)).

Gedolim

Pai de Zabdiel, supervisor de 128 "varões valentes" (ARC) que viviam em Jerusalém nos dias de Neemias ([Ne 11.14](#)).

Gedor (lugar)

1. Cidade na Sefelá (região montanhosa) atribuída à tribo de Judá ([Js 15.58](#)), nomeada junto com Halul, Bete-Zur, Maarate, Bete-Anote e Eltecom. Pode ser identificada com Khirbet Gedur ao norte de Hebrom, perto de Belém.
2. Lugar fundado por Penuel, uma das famílias de Judá ([1Cr 4.4](#)).
3. Assentamento estabelecido por Jerede de Judá ([1Cr 4.18](#)).
4. Cidade e seu vale colonizados pelos simeonitas ([1Cr 4.39](#)).
5. Cidade no território de Benjamim e lar de Joela e Zabadias, filhos de Jeroão ([1Cr 12.7](#)); possivelmente a mesma que a #1 acima.

Gedor (Pessoa)

Filho de Jeiel, que foi um antepassado do rei Saul. A família de Gedor vivia em Gibeão ([1Cr 8.31](#); [9.37](#)).

Geena*

Transliteração em inglês da forma grega de uma palavra aramaica, derivada da frase hebraica “o Vale de [o(s) filho(s) de Hinom”. O nome designa adequadamente um vale profundo que delimita os territórios das tribos de Benjamim e Judá ([Js 15.8; 18.16](#)). É comumente identificado com Wadi el-Rababi que corre sob o muro ocidental da Cidade Velha, formando um desfiladeiro profundo ao sul de Jerusalém.

O lugar se tornou notório por causa das práticas idólatras realizadas lá nos dias dos reis de Judá Acaz e Manassés, especialmente envolvendo o crime hediondo de sacrifícios infantis associados às cerimônias de Moloque ([2Rs 16.3; 21.6; 2Cr 28.3; 33.6; Jr 19.6; 32.35](#)). A reforma espiritual do rei Josias trouxe um fim a esses procedimentos sinistros ([2Rs 23.10](#)). O profeta Jeremias se referiu ao vale ao retratar o julgamento de Deus sobre seu povo ([Jr 2.23; 7.30-32; 19.5-6](#)).

Posteriormente, o vale parece ter sido usado para a queima do lixo da cidade e dos corpos mortos de criminosos. De forma interessante, uma tradição bem estabelecida localiza a cena do suicídio de Judas e a consequente compra do Campo do Oleiro no lado sul deste vale.

A fama do desfiladeiro de extrema maldade deu origem, especialmente durante o período intertestamentário, a usar seu nome como um termo para o lugar de punição final para os ímpios (1 Enoque 18.11–16; 27.1–3; 54.1s.; 56.3–4; 90.26; [2Ed 7.36](#); cp. [Is 30.33](#); [66.24](#); [Dn 7.10](#)). O próprio Jesus utiliza o termo para designar a morada final dos ímpios impenitentes ([Mt 5.22](#); [10.28](#); [18.9](#)). Uma vez que Geena é um abismo ardente ([Mc 9.43](#)), também é o lago de fogo ([Mt 13.42,50](#); [Ap 20.14–15](#)) para o qual todos os ímpios serão finalmente consignados ([Mt 23.15,33](#)), juntamente com Satanás e seus demônios ([Mt 25.41](#); [Ap 19.20](#); [20.10](#)).

Geena deve ser cautelosamente diferenciada de outros termos em relação à vida após a morte ou estado final. Considerando que o AT “Sheol” e no NT “hades” designam uniformemente a morada temporária dos mortos (antes do último Dia do Julgamento), “Geena” especifica o lugar final onde os ímpios sofrerão a punição eterna (cp. [Sl 49.14–15](#) com [Mt 10.28](#)). A forma grega “Tártaro” ocorre apenas em [2Pe 2.4](#) e identifica a morada específica dos anjos que caíram na revolta satânica primitiva.

Veja também Mortos, Lugar do; Morte; Hades; Inferno; Sheol.

Gelilote

Local mencionado na linha de fronteira de Benjamim ([Is 18.17](#)), geralmente identificado com Gilgal. *Veja Gilgal #4*.

Gemali

O pai de Amiel. Amiel foi um dos 12 espiões enviados por Moisés para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.12](#)).

Gemara

Resumo dos pontos importantes da discussão rabínica sobre a Mishnah (a tradição oral). O Gemara e a Mishnah juntos formam o Talmude (que muitos judeus consideram autoritativo para sua fé). Em aramaico, *Gemara* significa “aprendizado adquirido”. Esse significado reflete o método de ensino dos rabinos, que transmitiam o Gemara memorizando-o em vez de escrevê-lo. A raiz hebraica da palavra significa “completar”.

Como o Gemara toma a forma de um comentário contínuo sobre a Mishnah, ele serve para complementá-la e completá-la.

As páginas do Talmude são organizadas com a Mishnah no centro e o Gemara em blocos de impressão ao lado. O Gemara não cita necessariamente as mesmas fontes duas vezes ao tratar de passagens semelhantes da Mishnah sobre o mesmo problema, nem sempre contém comentários sobre a Mishnah. O Gemara também inclui folclore, astronomia, astrologia, medicina, parábolas homileticas e exemplos da vida de grandes rabinos.

Veja também Mishnah; Talmude.

Gemarias

1. Filho de Hilquias e emissário para Nabucodonosor da parte do rei Zedequias. Ele levou a carta de Jeremias aos exilados na Babilônia ([Ir 29.3](#)).
2. Filho de Safã, o escriba. Na câmara do templo de Gemarias, Baruque leu o rolo de Jeremias ([Ir 36.10–12,25](#)).

Gematria

Um dos métodos rabínicos usados pelos professores judeus para interpretar o Antigo Testamento envolvia analisar palavras com base no valor numérico de suas letras ou rearranjar letras de acordo com um sistema específico. Por exemplo, alguns rabinos argumentaram que Eliezer ([Gn 15.2](#)) representava todos os servos de Abraão combinados porque o nome de Eliezer equivale a 318, que era o número de servos de Abraão ([Gn 14.14](#)). Outro exemplo é como o nome “Babilônia” é derivado em [Jeremias 25.26](#) e [51.41](#) ao mudar a última letra da palavra hebraica para Babilônia para a primeira letra da mesma palavra.

Na Epístola de Barnabé, um texto pseudepigráfico, os 318 servos de Abraão ([Gn 14.14](#)) são vistos como simbolizando a morte de Jesus na cruz. Esta interpretação é baseada na letra grega *Tau*, ou “t”, que tem um valor numérico de 300 e tem forma de cruz, e 18, que corresponde às duas primeiras letras da palavra grega para Jesus.

No livro do Apocalipse, o número da besta é 666 ([Ap 13.18](#)). No simbolismo bíblico, o número sete é considerado perfeito, e três setes representam a

perfeição completa. Assim, 666 é visto como inferior a essa perfeição.

Genealogia

Registro ou estudo de descendência envolvendo um traçado para trás ou para a frente da ascendência de uma nação, tribo, família ou indivíduo. Os hebreus não eram as únicas pessoas no mundo antigo a se interessar em manter registros genealógicos. A lista de reis sumérios do terceiro milênio a.C. contém registros dos primeiros governantes da Mesopotâmia. Nos registros babilônicos, a palavra “filho” era frequentemente usada no sentido de “descendente de”. O rei Tiraca do Egito (c. 685 a.C.) se referiu a seu “pai”, Sesotris III, que viveu cerca de 1.200 anos antes dele. Os gregos e os romanos também mantinham registros genealógicos. No entanto, as genealogias bíblicas, especialmente aquelas em Gênesis e [1 Crônicas 1-9](#), são únicas na literatura do antigo Oriente Próximo. Apesar no início da era islâmica são encontrados registros genealógicos tão amplos. Mesmo hoje em meio aos semitas tribais, como os nômades árabes, há um interesse intenso na genealogia, e não é incomum que um árabe seja capaz de recitar com precisão os nomes de seus antepassados por 10 ou 15 gerações atrás, cobrindo um período de várias centenas de anos.

Termos usados

A palavra “genealogia” ocorre apenas uma vez como um substantivo no AT hebraico ([Ne 7.5](#)), onde se refere a um registro daqueles que voltaram para Jerusalém com Zorobabel no final do exílio. A forma verbal da mesma palavra é encontrada um total de 20 vezes em 1—2 Crônicas, Esdras e Neemias. Os termos “gerações” e “livro das gerações”, usados em Gênesis e em outros lugares no AT, transmitem a mesma ideia. Os termos equivalentes do NT são encontrados em [1 Timóteo 1.4](#) e [Tito 3.9](#) (“genealogias”) e [Mateus 1.1](#), que se refere ao “livro da genealogia” de Jesus Cristo.

Propósito dos registros genealógicos

A manutenção de registros genealógicos no antigo Israel era uma atividade importante e servia a vários propósitos úteis. A promessa de Deus de uma terra a Abraão e seus descendentes tornou esses registros necessários para estabelecer e preservar a distribuição da terra; um registro genealógico serviu como evidência de um título

legítimo da propriedade ancestral. As genealogias eram essenciais para a preservação do sacerdócio exclusivo que havia sido estabelecido pela lei mosaica. No tempo de Josefo, cada sacerdote deveria ser capaz de provar sua descendência.

Uma das razões mais importantes para manter registros genealógicos era estabelecer e manter o direito de sucessão real em Judá através da família de Davi. A crença de que o Messias viria da casa davídica tornava esses registros ainda mais importantes.

Outros propósitos servidos por esses registros familiares incluíam a imposição do dever militar de acordo com as famílias ([Nm 1.2-3](#)). A posição no acampamento e na marcha do Egito era determinada por tribos e famílias ([2.2.17](#); [10.11-28](#)). Além disso, as bênçãos de Deus eram passadas de um membro da família para seus descendentes ([Gn 27](#)). A tensão colocada na pureza da congregação ([Deuteronômio 7.1-4](#); [23.1-8](#)) exigiu registros familiares completos, especialmente no período pós-exílico. Com a insistência de Esdras e Neemias na pureza racial, e com a remoção de elementos estrangeiros de meio do povo ([Ed 2.59-63](#); [10.9-44](#); [Ne 13.23-28](#)), a evidência escrita de pureza da descendência se tornou essencial; o interesse na compilação de genealogias tornou-se intenso após o exílio.

A linhagem era normalmente traçada através dos membros homens da família, com as mulheres mencionadas raramente (por exemplo, [Gn 11.29](#), Sara e Milca; [22.23](#), Rebeca; e [Nm 26.33-27.11](#), onde a herança da propriedade das filhas de Zelofeade estava envolvida). Mateus menciona três mulheres: Tamar, Raabe e Rute; e no segundo grupo faz alusão a Bate-Seba (veja debate abaixo).

Principais listas genealógicas na Bíblia

As principais fontes de material genealógico no Antigo Testamento são encontradas em Gênesis, Números, 2 Samuel, 1 Reis, 1—2 Crônicas (que contêm a maior quantidade de material genealógico na Bíblia), Esdras e Neemias. As genealogias de Jesus Cristo em [Mateus 1](#) e [Lucas 3](#) são os únicos registros do NT. Juntos, eles contêm um registro genealógico de Adão até Cristo.

Agrupadas por períodos históricos, as seguintes são as principais listas genealógicas encontradas na Bíblia:

Antes do Dilúvio

Três listas são deste período. O primeiro, encontrado em [Gênesis 4.17-22](#), traça os descendentes de Caim por sete gerações e explica a origem hereditária de certas profissões e ofícios. O segundo, [Gênesis 4.25-26](#), começa o relato dos descendentes de Sete, a posteridade de Adão que tem sua fidelidade a Deus contrastada com a posteridade ímpia de Caim. A terceira lista, [Gênesis 5.1-32](#) (cf. [1Cr 1.1-4](#)), traça os descendentes de Adão por Sete até Noé e seus filhos na época do Dilúvio.

De Noé até Abraão

[Gênesis 10.1-32](#) (cf. [1Cr 1.4-23](#)), frequentemente chamada de “mesa das nações”, contém uma lista das nações que descendem dos filhos de Noé (Sem, Cão e Jafé). [Gênesis 11.10-26](#) (cf. [1Cr 1.24-27](#)) traça os descendentes de Sem até o tempo de Abraão, e [Gênesis 11.27-30](#) (ver também [Gn 22.20-24](#)) lista os descendentes de Naor, o irmão de Abraão.

De Abraão até a descida ao Egito

Os descendentes de Abraão por Hagar, Sara e Quetura são encontrados em [Gênesis 16.15, 21.1-3](#) e [25.1-4](#) (introduzindo os árabes como descendentes de Abraão; cf. [1Cr 1.28-34](#)). [Gênesis 19.37-38](#) liga os moabitas e os amonitas a Abraão através de seu sobrinho Ló. Uma lista genealógica muito importante durante este período é a dos descendentes de Jacó, dando o relato da filiação, nascimento e nome dos fundadores das 12 tribos de Israel ([Gn 29.31-30.24; 35.16-26](#)). Esaú é reconhecido como o ancestral dos edomitas; seus descendentes edomitas são rastreados através de suas três esposas ([Gn 26.34; 36.1-43; 1Cr 1.35-54](#)). A lista da família de Jacó no momento em que ele entrou no Egito, numerando 70, é encontrada em [Gênesis 46.1-27](#) (cf. [Ex 6.14-16; Nm 26.1-51; 1Cr 2-8](#)). Uma lista parcial dos chefes das casas paternas de Rúben, Simeão e Levi é encontrada em [Êxodo 6.14-25](#); o principal propósito desta genealogia é estabelecer Arão e Moisés como membros da tribo de Levi.

Do Êxodo à conquista de Canaã

Enquanto as tribos ainda estavam no deserto após deixar o Egito, um censo foi feito para determinar o número total de israelitas ([Nm 1.4-54; 2.2-33](#)). Durante este mesmo período, uma genealogia da família de Arão foi compilada, e um censo separado foi feito dos levitas ([3.1-39](#)). Uma lista dos 12

espiões que espiavam a terra e as tribos que eles representavam é dada em [Números 13.4-16](#); os nomes mais importantes nesta lista são Calebe e Josué. Perto do fim das peregrinações pelo deserto, outro censo das pessoas foi ordenado; o número total era aproximadamente o mesmo do primeiro censo quase 40 anos antes ([26.4-51, 57-62](#)). Enquanto as tribos se aproximavam da Terra Prometida, uma lista foi preparada dos representantes tribais que participariam da divisão da terra ([34.16-29](#)).

Período dos Reis

Durante todo o período da monarquia, mais de 400 anos, os únicos registros genealógicos de qualquer consequência são aqueles que pertencem a Davi. Seus descendentes são rastreados através de 20 governantes que se sentaram no trono de Judá até que a nação caiu diante dos babilônios em 586 a.C. (1-2Rs; cf. [1Cr 11.1 — 2Cr 36.21](#)). Uma lista dos filhos de Davi é encontrada em [2 Samuel 3.2-5](#) e [5.14-16](#) (cf. [1Cr 3.1-9; 14.4-7](#)). Seus homens poderosos, um grupo de elite de soldados, são nomeados em [2 Samuel 23.8-39](#) (cf. [1Cr 11.10-47](#)). Seus recrutas em Ziclague são registrados em [1 Crônicas 12.1-22](#). Aqueles que eram seus músicos e porteiros quando a arca foi trazida para Jerusalém são nomeados em [1 Crônicas 15.1-24](#) (cf. [1Cr 16.5-6, 37-43](#)). A organização política e religiosa de Davi do reino — incluindo os levitas, sacerdotes, cantores, carregadores e outros oficiais administrativos e oficiais militares — é encontrada em [1 Crônicas 23-27](#). Apesar da atividade literária associada ao reino de Salomão, o único registro genealógico preservado deste período é o dos príncipes e 12 oficiais de Salomão ([1Rs 4.1-19](#)). A genealogia de um profeta é traçada até quatro gerações antes ([Sf 1.1](#)).

O período Pós-exílico

Durante o período pós-exílico, a manutenção de registros genealógicos provavelmente recebeu seu maior ímpeto através da atividade de Esdras e Neemias, principalmente por causa de sua insistência na pureza racial e na purificação de elementos estrangeiros da comunidade. Uma lista dos exilados que voltaram com Zorobabel é encontrada em [Ed 2.1-70](#) (cf. [Ne 7.6-73](#), onde a mesma lista é encontrada). Uma lista daqueles que voltaram com Esdras está incluída em [8.1-20](#). A própria genealogia de Esdras também é registrada ([Ed 7.5](#)). Há uma lista dos judeus que se casaram com mulheres estrangeiras que incluíam sacerdotes, levitas, cantores, carregadores e outros

israelitas ([Ed 10.18–44](#)). [Neemias 8.4–7](#) nomeia os levitas e outros que assistiam a Esdras quando ele leu a lei publicamente. Neemias também contém uma lista daqueles que participaram da cerimônia do estabelecimento do pacto ([Ne 10.1–27](#)) e uma lista dos que viviam em Jerusalém e outras cidades ([11.3–36](#)). Seu interesse no sacerdócio é refletido na lista de sacerdotes e levitas que voltaram com Zorobabel ([12.1–9](#)), dos sumos sacerdotes de Jesua até Jadua (vv [10–11](#)), dos chefes das famílias sacerdotais (vv [12–21](#)), dos levitas e carregadores que serviam sob o sumo sacerdote (vv [22–26](#)) e dos príncipes e sacerdotes que estavam presentes na dedicação do muro reconstruído de Jerusalém (vv [31–42](#)).

O registro genealógico final que deve ser mencionado é a genealogia de Adão até Saul ([1Cr 1–8](#)), a seção mais longa de material genealógico na Bíblia. Está devidamente incluído com as genealogias compiladas durante o período pós-exílico, já que o cronista desconhecido (alguns pensam que ele era Esdras) preparou esta lista por volta de 400 a.C. a partir de registros existentes e documentos disponíveis para ele. Seu propósito parece ter sido conservar a pureza do sangue na nação restaurada e insistir que o bem-estar da nação dependia de sua fidelidade à lei de Deus.

O período do Novo Testamento

As únicas genealogias de efeito no NT são aquelas relativas a Jesus Cristo em [Mateus 1.1–17](#) e [Lucas 3.23–38](#). Ver Genealogia de Jesus Cristo.

Genealogia de Jesus Cristo

Relato da descendência humana de Jesus. O NT registra a genealogia de Jesus duas vezes em grande detalhe: em [Mateus 1.1–17](#) e em [Lucas 3.23–38](#).

Resumo

- Genealogia de Mateus
- Genealogia de Lucas
- A relação entre os dois registros

Genealogia de Mateus (1.1–17)

[Mateus 1.1](#) apresenta Jesus Cristo como “o filho de Davi, o filho de Abraão.” Com esses dois nomes, Mateus destaca a relação terrena de Jesus com as alianças abraâmica ([Gn 17.1–8](#)) e davídica ([2Sm 7.12–16](#)) de promessa. Então, começando com o

patriarca Abraão, Mateus traça a ascendência humana de Jesus através do rei Davi até José, “o marido de Maria, de quem nasceu Jesus, que é chamado Cristo” ([Mt 1.16](#)). Mateus resume seu relato: “Assim, houve catorze gerações desde Abraão até Davi, e catorze, desde Davi até que os israelitas foram levados para a Babilônia. Daí até o nascimento do Messias, também houve catorze gerações” (v. [17](#), NTLH).

Um exame do tratamento de Mateus desse material genealógico revela várias peculiaridades interessantes:

1. A organização dos nomes em três grupos de 14 parece ser um dispositivo artificial.
2. Para ter 14 nomes no segundo grupo, Mateus omite três reis — Acazias, Joás e Amazias — entre Jorão e Uzias (v. [8](#)), e um, Jeaquim, entre Josias e Jeconias (v. [11](#)).
3. No primeiro grupo, Mateus menciona três mulheres — Tamar, Raabe e Rute; e no segundo grupo, ele alude a Bate-Seba. Esta é uma prática incomum em genealogias, e ainda mais estranha quando se nota que essas quatro representam o que poderia ser considerado como manchas morais na história da dinastia davídica — Tamar, vítima de incesto; Raabe, uma prostituta; Rute, uma moabita; e Bate-Seba, uma adúltera.
4. No primeiro grupo, Mateus menciona os irmãos de Judá e Zerá, irmão de Perez. No segundo grupo, ele menciona os irmãos de Jeconias.
5. No versículo [6](#), Davi é referido como “o rei”.

A partir desses dados, é evidente que Mateus não pretende apresentar uma genealogia rigorosa; o arranjo é artificial e inclui material estranho, provavelmente com algum propósito além de apenas apresentar os antepassados de Jesus. O arranjo dos nomes em grupos de 14 por Mateus, provavelmente guiado por um interesse em retratar Jesus para os judeus como o rei Prometido de Israel e herdeiro legítimo do trono davídico, confere um movimento histórico definido à genealogia ao dividi-la em três períodos de tempo. Estes destacam, respectivamente, a origem, ascensão ao poder e decadência da casa davídica, sendo o último ponto representado pelo humilde nascimento do herdeiro prometido a um carpinteiro de Nazaré.

Os 14 nomes em cada grupo podem ser um esforço para destacar o caráter triplamente real do filho de Maria, focando no valor numérico 14 das letras hebraicas no nome de Davi (d=4, v=6, d=4). Este

número também é o dobro do número sagrado sete, de modo que toda a lista é composta por três conjuntos de dois setes cada. No entanto, é possível que as agrupações artificiais tenham sido apenas destinadas a ajudar na memorização.

Em relação à segunda peculiaridade — o “nome ausente” no terceiro grupo — deve-se concluir que Davi ou Jeconias deve ser contado duas vezes, pois são os nomes centrais que separam os três grupos, ou que um nome foi erroneamente omitido em uma cópia do Evangelho original de Mateus.

A terceira peculiaridade não apresenta nenhuma dificuldade. Numerosas genealogias nas Escrituras omitem alguns nomes. Escritores do Antigo Oriente Próximo frequentemente usavam a frase “filho de” ou a palavra “gerou” de forma bastante flexível, relacionando netos ou bisnetos, por exemplo, a antepassados anteriores sem indicar todos os ancestrais intermediários. A mente moderna não deve exigir uma precisão nos registros antigos que os próprios escritores da época não consideravam necessária.

As mulheres mencionadas na genealogia — a quarta peculiaridade — podem ter sido incluídas para neutralizar a crítica judaica sobre o nascimento de Jesus ([1.18–25](#)), mostrando que uniões irregulares não desqualificavam a ascendência legal do Messias.

A razão para incluir vários irmãos na genealogia em três pontos — a quinta peculiaridade — não é facilmente discernível. A menção de “Judá e seus irmãos” ([1.2](#)) pode simplesmente estar seguindo uma prática estabelecida de mencionar os 12 patriarcas juntos.

Finalmente, a descrição de Davi como “o rei” ([1.6](#)) destaca o caráter davídico ou real da lista.

As fontes utilizadas na compilação do primeiro grupo na genealogia basearam-se em registros preservados em [1 Crônicas 1.27–2.15](#) e em [Rute 4.18–22](#). O segundo grupo seguiu os registros encontrados em 1-2 Reis e 2 Crônicas. O terceiro grupo baseou-se principalmente em registros públicos ou privados do período intertestamentário; os nove nomes de Abiúde a Jacó não são mencionados em outros lugares nas Escrituras.

Com base nessa genealogia, se houvesse um trono davídico nos dias de José, o humilde carpinteiro seria o herdeiro legal, e Jesus seria o próximo na linha de sucessão para herdar o assento real.

Tem sido argumentado contra essa compreensão da genealogia de Mateus que a presença de Jeconias na lista ([Mt 1.11](#)) compromete, se não nega completamente, a reivindicação legal ao trono davídico de todos os que descendem diretamente dele. Isso porque o Senhor declarou sobre ele: “Este homem está condenado a ficar sem filhos e será um fracassado. Ele não terá descendentes que sejam reis, como Davi, e que reinem em Judá. Eu, o SENHOR, falei” ([Jr 22.30](#), NTLH). Portanto, diz-se que não poderia ter sido a intenção de Mateus representar os homens de Sealtiel a José como herdeiros legais do trono.

Este é um ponto que, admitidamente, poderia descartar a visão de que a lista apresenta os descendentes de Davi, se não fosse pelo fato de que Sealtiel, que no registro de Mateus é representado como filho de Jeconias, aparece também na genealogia de Lucas como filho de Neri ([Lc 3.27](#)). O nome de Neri é exclusivo do Evangelho de Lucas, então é impossível verificar seu uso em outro lugar para descobrir a verdadeira paternidade de Sealtiel. Mas não é surpreendente, à luz de [Jeremias 22.30](#), encontrá-lo listado em ambos os relatos com pais diferentes. Neri provavelmente era o verdadeiro pai de Sealtiel, e embora seja impossível determinar a relação precisa de Neri com Jeconias, pode ser que aqueles responsáveis por determinar e manter o registro dos herdeiros legais ao trono davídico tenham olhado para a linha colateral de Neri e selecionado Sealtiel como o homem a ser legalmente adotado na linha e aquele através de quem a linha continuaria. Sealtiel pode muito bem ter morrido sem um descendente masculino, o que tornou necessário olhar para Zorobabel, filho de Pedaías, irmão de Sealtiel por adoção, como o herdeiro legal ao trono davídico. Por este par de adoções, a maldição sobre Jeconias foi cumprida enquanto um verdadeiro neto de Jeconias continuava a linha, na medida em que o neto era legalmente filho de Sealtiel, que por sua vez era o verdadeiro filho de Neri. A presença de Jeconias na genealogia é uma força, em vez de uma fraqueza, para a interpretação de que o Evangelho de Mateus pretendia apresentar os herdeiros legais do trono davídico, já que apenas um escritor consciente dos problemas em torno da linhagem de Jeconias, mas também ciente de uma explicação, apresentaria tal ancestralidade a um público judeu que ele estava buscando convencer de que Jesus era de fato o Messias real.

Genealogia de Lucas (3.23–38)

A genealogia de Lucas também apresenta peculiaridades.

1. Alguns expositores consideraram significativo que a genealogia de Lucas não esteja no início do Evangelho, mas sim no início do ministério de Jesus.

2. O relato de Lucas, em contraste com o de Mateus, começa com Jesus e traça sua linhagem de volta através da história do AT. Isso parece incomum, pois a maioria das genealogias segue a ordem de sucessão.

3. Além disso, a narrativa de Lucas não termina com Abraão, mas vai até "Adão, filho de Deus" ([Lc 3.38](#)).

Alguns veem a primeira peculiaridade como resultado do desejo de Lucas de encerrar um período da história sagrada e sinalizar o início de outro com a pessoa e, especialmente, o ministério de Jesus. A genealogia, localizada onde está, destaca a obra de Cristo em relação aos relatos de seu nascimento e preparação.

Muitos sugeriram que a ordem regressiva na genealogia é provavelmente o meio utilizado por Lucas para focar a atenção em Jesus. O fato de Lucas ter rastreado a ancestralidade de Jesus até Adão, "o filho de Deus", provavelmente se deve a ele ter escrito para romanos e gregos. Ao rastrear a ancestralidade de Jesus até Adão, ele demonstra que Jesus está relacionado a toda a raça humana. Na genealogia de Lucas, Jesus e Adão são ambos "filhos de Deus"; Jesus, é claro, é o filho de Deus por natureza; Adão, o filho de Deus por ter sido criado à imagem de Deus.

Quanto às suas fontes, é bastante certo que Lucas usou a versão da Septuaginta (versão grega antiga do AT) de [Gênesis 11.12](#), que insere o nome Cainã entre Selá e Arfaxade ([Lc 3.36](#)), e os registros de [1 Crônicas 1-3](#) para a história até Davi. Para o período de Davi a Jesus, a maioria dos expositores concorda que Lucas se baseou em informações provavelmente recebidas diretamente de Maria ou de pessoas próximas a ela. Era uma prática comum entre o povo judeu que os registros genealógicos fossem mantidos tanto publicamente quanto privadamente. Havia uma preocupação especial nas famílias de descendência davídica em preservar seus registros ancestrais por causa das profecias do AT de que o Messias nasceria na casa de Davi.

Lucas, sem dúvida, pretendia realizar mais com sua lista do que apenas apresentar vários ancestrais de Jesus. Como Lucas não destacou Davi em sua lista, pode-se supor que ele não estava ansioso para apresentar uma lista de herdeiros legais ao trono davídico — não que a questão não fosse de sua preocupação (cf. [Lc 1.27,32,69](#); [2.4,11](#)). Em vez disso, uma preocupação ao longo do Evangelho de Lucas é esta ênfase — a de retratar o Cristo como o Salvador de romanos e gregos — na verdade, do mundo. Portanto, embora Lucas tenha traçado a ancestralidade de Jesus através da linha ancestral de José até Davi, ele continuou além de Davi até Adão. Jesus é um membro da raça à qual todas as pessoas pertencem.

O relacionamento entre os dois registros

Mesmo uma análise superficial das duas genealogias de Jesus mostrará várias diferenças. Por exemplo, a genealogia de Mateus comprehende 41 gerações, enquanto Lucas lista 76. Lucas inclui o período entre Adão e Abraão; Mateus não. Embora as duas listas sejam praticamente idênticas de Abraão a Davi, elas divergem no período de Davi a Jesus, com Mateus traçando a linhagem de Jesus de Davi através de Salomão em 27 gerações, enquanto Lucas traça a linhagem de Jesus de Davi através de Natã, outro filho, em 42 gerações. Além disso, em apenas um ponto as linhas convergem durante este período: nos nomes de Sealtiel e Zorobabel, que são sem dúvida os mesmos homens em ambas as listas. Finalmente, Mateus apresenta José como o filho de Jacó ([Mt 1.16](#)), enquanto no relato de Lucas ele é o filho de Eli ([Lc 3.23](#)).

Como essas diferenças podem ser explicadas? As diferenças entre essas listas resultam dos propósitos para os quais foram compiladas e dos significados que pretendiam transmitir.

Uma explicação amplamente aceita é que Mateus apresenta a ascendência de Jesus através de José e que Lucas apresenta sua ascendência através de Maria. Nesta interpretação, Jacó era o verdadeiro pai de José, e Eli (provavelmente o pai de Maria) tornou-se o pai adotivo de José, ou seja, José era "filho" de Eli, ou herdeiro, por seu casamento com Maria, assumindo que Eli não tinha filhos (cf. [Nm 27.1-11](#); [36.1-12](#)). Esta visão é certamente uma possibilidade e não deve ser rejeitada de imediato. Se Maria fosse descendente direta de Davi, poderia ser dito literalmente de qualquer filho dela: "Ele é a semente de Davi".

Por outro lado, muitos estudiosos preferem considerar a genealogia de Lucas como sendo de

José em vez de Maria, já que é para a ascendência de José que Lucas chama a atenção do leitor ([Lc 1.27](#); [2.4](#)). Além disso, em nenhum lugar das Escrituras é dito que Maria é de descendência davídica. Se o fato de que José não era o pai biológico de Jesus anula qualquer valor que a linhagem de José poderia ter para um filho real, por que Lucas aponta para a linhagem de José duas vezes, e para a de Maria nenhuma vez?

Uma grande dificuldade para a visão que considera ambas as genealogias como sendo de José está relacionada aos dois pais de José. Uma solução é que Mateus apresenta os descendentes legais de Davi, enquanto Lucas apresenta os descendentes reais de Davi na linha à qual José pertencia. Isso significaria que Eli era o verdadeiro pai de José e que Jacó era seu pai adotivo legal. Como isso poderia ser é facilmente explicável. Assumindo que o pai de Jacó, Matã ([Mt 1.15](#)), e o pai de Eli, Matate ([Lc 3.24](#)), são a mesma pessoa, então Jacó (o mais velho) pode ter morrido sem um descendente masculino, de modo que seu sobrinho, filho de seu irmão Eli, teria se tornado seu herdeiro.

Se Matã e Matate não são a mesma pessoa, pode-se supor que Jacó, o herdeiro legal do trono, morreu sem descendentes e que José, filho de Eli, tornou-se o herdeiro legal imediatamente após a morte de Eli, sendo contado como filho de Jacó em uma lista de herdeiros legais do trono. Possivelmente Eli, um parente, casou-se com a viúva de Jacó, tornando assim José, filho dessa união, filho de Eli e filho de Jacó por casamento de levirato. Em outras palavras, há várias explicações possíveis para essa divergência.

Uma outra grande objeção à visão que considera ambas as genealogias como sendo de José é que, devido ao nascimento virginal de Jesus, não se pode de forma alguma falar de Jesus como sendo literalmente a semente de Davi — uma proposição que a Escritura parece insistir. Esta objeção foi adequadamente refutada: (1) por causa da maneira realista com que os judeus encaravam a paternidade adotiva; e (2) porque o relacionamento em que Jesus estava com José era muito mais próximo do que um caso de adoção comum, não havendo pai terreno para contestar a relação paternal de José com Jesus. Jesus poderia e seria considerado como filho e herdeiro de José com total propriedade, satisfazendo toda exigência escriturística de que ele fosse a “semente de Davi.” A questão, portanto, se Maria assim como José era descendente de Davi não precisa ser respondida de

uma forma ou de outra por alguém que deseja defender a descendência davídica de Jesus.

Está além do alcance humano descobrir com certeza a solução completa para as divergências entre as duas genealogias de Jesus, ou a relação real de Jesus com elas. Já foi dito o suficiente para demonstrar que elas são reconciliáveis, e os propósitos de cada uma, sugeridos aqui, indicam que qualquer um dos caminhos delineados acima faz plena justiça à descendência davídica de Jesus, como herdeiro legítimo do trono prometido de seu antepassado, e também ao seu nascimento virginal por Maria.

Veja também Genealogia; Encarnação; Jesus Cristo, Vida e ensinamentos; Nascimento virginal de Jesus.

Genesaré

Área na margem noroeste do Mar da Galileia entre Cafarnaum e Magdala, onde muitos dos milagres de cura de Jesus ocorreram ([Mt 14.34](#); [Mc 6.53](#)).

A planície de Genesaré, como a região era chamada, se estende ao longo de uma distância de cerca de 6,5 quilômetros, com uma largura média do mar até as montanhas de aproximadamente 1,6 quilômetros. A topografia é geralmente nivelada, com a terra subindo lentamente à medida que se aproxima das montanhas na fronteira. O solo incomumente fértil é irrigado por riachos e rios fluindo e conhecido por sua produtividade. As temperaturas que variam de quente a ameno permitem uma longa estação de crescimento e colheitas abundantes. Os frutos de Genesaré eram tão excepcionais que os rabinos não os permitiam em Jerusalém durante as celebrações das festas, temendo que muitos comparecessem apenas para desfrutar de sua suculência. Os rabinos chamaram esta área de Jardim de Deus. Durante a vida de Jesus, a área era considerada o local do jardim da Palestina. Árvores como a noqueira, palmeira, azeitona e figo, que exigem uma ampla diversidade de condições de cultivo, todas prosperavam aqui. As ricas colheitas de uvas, nozes, arroz, trigo, vegetais e melões, bem como árvores selvagens e flores, eram comuns. Mais tarde, séculos de negligência fizeram com que a planície fosse em grande parte coberta de arbustos, embora nos anos mais recentes, certas áreas tenham sido limpas e a produtividade restaurada.

Em [Lc 5.1](#), o Mar da Galileia é referido como o Lago de Genesaré. O nome alternativo, sem dúvida, derivou sua origem da planície na fronteira.

Genesaré (mais precisamente denominado Genesar) também era o nome posterior da cidade Chinnerote ([Js 11.2](#)), uma cidade antiga que havia muito tempo caído em ruína nos dias de Jesus.

Genesaré, Lago de

Outro nome para o Mar da Galileia em [Lucas 5.1](#).

Veja Mar da Galileia.

Geneu, Genaeu

O pai de Apolônio ([2Mc 12.2](#)). Como Geneu significa "nobre" ou "de alta linhagem", pode ser um epíteto em vez de um nome.

Gentios

As nações ou povos que não são judeus. Em hebraico, essas pessoas são chamadas de *goyim* (que significa "nações"). Em grego, são chamadas de *ethnoi* (que significa "povos"). O Antigo Testamento divide todas as pessoas em dois grupos: o povo judeu (que Deus escolheu como seu povo especial) e todas as outras nações.

O Novo Testamento ensina que Deus oferece salvação tanto para judeus quanto para gentios. Dois importantes apóstolos, Pedro e Paulo, foram os primeiros a compartilhar as boas-novas sobre Jesus com pessoas não-judaicas. Paulo trabalhou durante todo o seu ministério para unir crentes judeus e não-judeus em um só grupo na igreja.

Veja Nações; Paulo, O apóstolo.

Gentios, Pátio dos

O Pátio dos Gentios era a maior área externa do templo do rei Herodes em Jerusalém. Este pátio era retangular, mas não uniforme em todos os lados, sendo mais largo na extremidade norte do que na extremidade sul. Tanto judeus quanto gentios podiam entrar nesta área.

Neste pátio, os comerciantes vendiam animais para sacrifícios no templo, e os cambistas ajudavam os

visitantes a trocar suas moedas. Havia um muro divisorio com placas que alertavam os gentios a não entrarem nas áreas internas do templo. Foi aqui que Jesus expulsou os comerciantes e cambistas que estavam fazendo mau uso do templo ([Mt 21.12-13](#); [Mc 11.15-18](#); [Jo 2.14-16](#)).

Veja também Templo.

Genubate

Filho de Hadade, o príncipe edomita que, quando jovem, foi levado para o Egito para escapar do massacre de Joabe. Lá, Hadade casou-se com uma irmã da rainha Tafnes. Ela deu à luz Genubate, que foi criado pela rainha como filho do Faraó ([1Rs 11.20](#)).

Gera

1. Um dos filhos de Benjamim ([Gn 46.21](#)). O nome, no entanto, não aparece em uma lista semelhante em [Números 26.38-41](#):

2. Pai do juiz Eúde ([Jz 3.15](#));
3. Pai de Simei. Simei amaldiçoou e atirou pedras em Davi durante a rebelião de Absalão; mais tarde, ele pediu o perdão de Davi ([2Sm 16.5](#); [19.16-18](#); [1Rs 2.8](#));
4. Filho de Bela da tribo de Benjamim ([1Cr 8.3.5](#)); alternativamente chamado de Heglam no versículo [Z](#).

Gerá

Medida de peso definida como um vigésimo de um siclo, sendo este último o peso básico entre os povos semíticos. *Veja* Pesos e medidas.

Gerão

Senador ateniense que obrigou os judeus a abandonarem as leis de seus pais e de seu Deus durante o tempo de Antíoco IV Epifânio ([2Mc 6.1](#)).

Gerar

Cidade localizada no oeste do Neguebe. Foi usada como um marco geográfico definindo o limite

ocidental do território dos cananeus, de Sidom a Gaza ([Gn 10.19](#)). Abraão residiu temporariamente nesta cidade, ocasião em que enganou Abimeleque, o rei, fazendo-o acreditar que Sara era sua irmã ([20.1-2](#)). Mais tarde, Isaque se estabeleceu nesta cidade e também escondeu seu casamento com Rebeca por medo de represálias dos homens da cidade. Isaque eventualmente deixou a cidade, mudando-se para o vale próximo de Gerar devido aos seus conflitos com os filisteus. Aqui, os pastores de Gerar discutiram com os servos de Isaque sobre um poço recém-cavado, e Abimeleque, rei dos filisteus, fez uma aliança com Isaque ([26.1-26](#)). É duvidoso que o rei Abimeleque de Gerar ([20.2](#)) fosse a mesma pessoa que Abimeleque, rei dos filisteus ([26.8](#)). Abimeleque provavelmente era um sobrenome ou um título oficial.

Durante o período patriarcal, Gerar surgiu como uma cidade cananeia dominante no Neguebe; no entanto, no relato de Josué sobre a Conquista, esta cidade não foi mencionada entre as cidades filisteias ainda a serem conquistadas ([Is 13.2-3](#)) ou na lista de cidades já derrotadas ([15.21-22](#)). Mais tarde, no período dos reis, Gerar foi mencionada como a cidade mais ao sul para a qual o exército etíope fugiu antes de ser completamente destruído pelo Rei Asa de Judá (910–869 a.C.) e seu exército ([2Cr 14.13-14](#)). Talvez o fértil vale de Gedor ([1Cr 4.39](#); cf. [Gn 26.17](#)), anteriormente habitado pelos filhos de Cam (cf. [Gn 10.19](#)), fosse idêntico ao vale de Gerar. Gedor foi possivelmente um erro de escrita posterior onde o copista confundiu a letra hebraica *r* com um *d*.

O local de Gerar pode ser identificado como Tell Abu Hureireh, ao longo da margem noroeste do Wadi esh-Sheri'ah, a 24 quilômetros a noroeste de Berseba e 19 quilômetros a sudeste de Gaza.

Gerasa*, Gerasenos

Cidade e distrito em Decápolis. Gerasa era uma cidade romana bem conhecida situada nas colinas da Transjordânia cerca de 56 quilômetros a sudeste do Mar da Galileia e 31 quilômetros a leste do rio Jordão. Foi originalmente estabelecida como uma cidade grega por Alexandre, o Grande, por volta de 333 a.C. Em 85 a.C., o monarca judeu Alexandre Janeu conquistou a cidade. Gerasa permaneceu nas mãos dos judeus até que Pompeu a trouxe sob controle romano em 63 a.C., momento em que foi incorporada na província da Síria e mais tarde incluída em Decápolis. O local de Gerasa é idêntico com a moderna Jerash.

Embora a cidade não seja nomeada no NT, [Mc 5.1](#) e [Lc 8.26-37](#) mencionam o “terra dos gerasenos” (ARA) como o lugar onde Jesus curou o endemoninhado e os porcos se afogaram no Mar da Galileia. O relato paralelo em [Mt 8.28](#) diz a “terra dos gadarenos” (ARA).

A leitura de “gerasenos” em Marcos e Lucas é encontrada nos melhores manuscritos do NT sobre as alterações escribais posteriores de “gadarenos” e “gerasenos”. Gadara era uma cidade importante de Decápolis onde a jurisdição política se estendia até as margens orientais do Mar da Galileia. Foi adicionado talvez por copistas posteriores para harmonizar os relatos de Marcos e Lucas com o Evangelho de Mateus. Gergesa era uma cidade ao longo da costa oriental do Mar da Galileia e o nome foi provavelmente inserido nos textos de Marcos e Lucas para fazer melhor sentido geográfico do milagre de Jesus. No entanto, “o distrito dos gerasenos” tem o melhor apoio textual e deve ser entendido como o local pretendido de Marcos e Lucas para o exorcismo e milagre de Jesus. Para os leitores romanos e gregos não palestinos de Marcos e os Evangelhos de Lucas, o pequeno distrito regional de Gadara seria desconhecido; no entanto, a cidade romana rica de Gerasa seria amplamente conhecida e adequada como uma designação geográfica para o milagre de Jesus no Mar da Galileia.

Veja também Decápolis; Gadara, Gadarenos; Gergaseus.

Gergesa, gergesenos

Uma cidade na costa leste do Mar da Galileia. Gergesa está perto de Gadara, que é provavelmente onde Jesus curou um homem possuído por demônios e enviou os demônios para uma manada de porcos próxima. Embora o relato deste milagre em [Mateus 8.28](#) se refira à “região dos Gadarenos”, é mais provável que Mateus tenha usado a referência a Gergesa para se referir à região em vez do local específico.

Veja Gadara, gadarenos; Gerasa, gerasenos.

Gerizim, Monte

Montanha (moderna Jebel et-Tor) de onde as bênçãos deveriam ser proclamadas, assim como as maldições deveriam vir do Monte Ebal ([Dt 11.29](#)). As duas montanhas designadas por Deus estavam

opostas uma à outra, e o cenário era memorável, com seis tribos posicionadas no Monte Gerizim e seis no Monte Ebal, os levitas posicionados no vale entre elas — recitando as bênçãos e as maldições ([Dt 27.11–28.68](#); [Is 8.33–35](#)). A montanha fica perto de Siquém, cerca de 16 quilômetros a sudeste da cidade de Samaria, e é referida pela mulher de Samaria em [João 4.20–23](#) como a montanha onde “nossos antepassados adoraram”. Abraão, de fato, havia construído um altar nesta área ([Gn 12.6–7; 33.18–20](#)), e foi um local reverenciado para a adoração samaritana por séculos. Jesus responde à mulher apontando que a localidade física da adoração (seja Gerizim ou Jerusalém) não é importante — a realidade espiritual é. Deve-se adorar em espírito e em verdade.

Foi nesta área que os ossos de José foram enterrados ([Is 24.32](#)) e onde Josué convocou o povo para renovar sua aliança com o Deus de seus pais (vv. [25–27](#)). Josefo registra em suas *Antiguidades* (11.8.2–4) a promessa de Sanbalate a Manassés de preservar para ele a honra do sacerdócio e também de construir um templo no Monte Gerizim semelhante ao de Jerusalém. Aparentemente, foi destruído mais tarde pelas forças macabeias sob o comando de Hircano (*Antiguidades* 13.9.1). Os samaritanos ainda adoram em Nablus, que fica ao pé do Monte Gerizim, mas são uma comunidade em diminuição mantida precariamente unida.

Gersitas

Pessoas que viviam no sudoeste de Canaã foram atacadas por Davi quando ele estava em Ziclague ([1Sm 27.8](#)). O texto hebraico tem girzi, enquanto a variante marginal transpõe duas consoantes para ler gizri, “Gezritas.” A versão grega segue a variante marginal hebraica. A confusão do nome é obviamente antiga. Se “Gersitas” é o original, eles poderiam ter sido uma tribo cananeia vivendo na área do Monte Gerizim. Se era “Gezritas” originalmente, o povo poderia ter migrado de Gezer. Eles não são mencionados de outra forma no AT.

Géron

1. Filho de Moisés com Zípora, nascido em Midiã quando Moisés foi forçado a fugir do Egito ([Êx 2.22](#); [18.3](#); [1Cr 23.15,16](#));
2. O pai de Jônatas. Ele e seus filhos serviram como sacerdotes para a tribo de Dã. O povo de Dã fez uma estátua esculpida para adorar como um deus, quebrando o mandamento de Deus contra ídolos. Eles escolheram Jônatas, filho de Géron, para ser seu sacerdote e liderar sua adoração ([Jz 18.30](#));
3. Uma grafia alternativa de Géron, o filho mais velho de Levi ([1Cr 6.1,16–17,20,43](#); [23.6–7](#));
Veja também Géron, gersonitas.
4. Um ancestral de Sebuel, o principal oficial sobre o Tesouro do templo durante o reinado de Davi ([1Cr 26.24](#));
5. O filho de Fineias que retornou com Esdras após o exílio na Babilônia ([Ed 8.2](#)).

GÉRSON, gersonitas

O filho mais velho de Levi (também chamado Géron) que foi para o Egito com Israel ([Gn 46.11](#); [Nm 3.17](#); [1Cr 6.1](#)). Ele se tornou o ancestral de um grupo de levitas chamados gersonitas que saíram do Egito com Moisés ([Êx 6.16–17](#); [Nm 3.18,21](#)).

Quando as cidades levíticas foram distribuídas, os gersonitas foram listados como um dos maiores grupos levíticos em Israel ([Is 21.1–7](#)). Algumas passagens bíblicas mostram que eles eram, às vezes, o principal grupo de trabalho entre os levitas ([Gn 46.11](#); [Êx 6.16](#); [Nm 3.17](#); [26.57](#); [1Cr 6.1,16; 23.6](#)).

De acordo com o livro de Números, os gersonitas acamparam atrás do tabernáculo no lado oeste durante a jornada no deserto ([Nm 3.23](#)). No início do segundo ano após saírem do Egito, havia cerca de 7.500 homens gersonitas ([Nm 3.22](#)). Somente homens entre 30 e 50 anos podiam servir no tabernáculo. Na época daquela contagem inicial, havia 2.630 desses homens ([Nm 4.39,40](#)). Eles

eram responsáveis por cuidar e mover as partes externas do tabernáculo ([Nm 3.25,26; 4.24,27,28](#)). Eles receberam dois carros e quatro bois para esse trabalho, e Arão e seus filhos os supervisionavam ([Nm 4.27](#)).

Depois que os israelitas se estabeleceram pela primeira vez em Canaã, os gersonitas receberam 13 cidades na parte norte da terra. Essas cidades estavam localizadas nas áreas tribais de Issacar, Aser, Naftali e Manassés ([Js 21.6](#)).

Durante o reinado do Rei Davi, os gersonitas estavam entre os levitas designados para servir no templo ([1Cr 23.6-11](#)). As famílias gersonitas de Ladã e Jeieli eram responsáveis pela Tesouraria da casa de Deus ([1Cr 26.20-22](#)). A pedido de Davi, Asafe e sua família, que eram gersonitas, ajudaram a dirigir a música no templo ([1Cr 25.1-2](#)). Durante o reinado do Rei Ezequias, os gersonitas estavam entre os levitas que limpavam o templo ([2Cr 29.1-6,12](#)). Após o exílio na Babilônia, os descendentes de Asafe tocaram música para celebrar o lançamento da fundação do templo e a dedicação das muralhas da cidade ([Ed 3.10; Ne 12.31-36](#)).

Veja também LEVI, Tribo de; Sacerdotes e levitas.

Gerute-Quimã

Um pedaço de terra perto de Belém. Significa "o lugar de hospedagem de Quimã". Gerute-Quimã foi possivelmente dado a Quimã por causa do serviço que seu pai, Barzilai, o gileadita, prestou ao rei Davi ([2Sm 19.31-40; 1Rs 2.7](#)).

Após Jerusalém cair em 586 a.C., Gerute-Quimã tornou-se o acampamento onde Joanã, filho de Careá, e seus homens ficaram. Foi aqui que eles se prepararam para escapar para o Egito ([Jr 41.17](#)).

Veja Quimã.

Gesã

Filho de Jadai e descendente de Judá através da linhagem de Calebe ([1Cr 2.47](#)).

Gesém

Um oponente árabe de Neemias que zombou daqueles que trabalhavam para reconstruir os muros de Jerusalém ([Ne 2.19; 6.1-6](#)). É provável

que ele vivesse no deserto árabe do norte. Uma inscrição árabe dedanita o identificou como "Gashmu", filho de Shahr. Assim como Sambalate e Tobias, a reconstrução de Jerusalém ameaçava seus interesses econômicos.

Gesur, Gesuritas

1. Distrito e seus habitantes a leste do Rio Jordão, na divisão tribal da meia-tribo de Manassés ([Js 13.11](#)). A maioria dos geógrafos bíblicos o coloca perto de Basã, na costa nordeste do Mar da Galileia. Na conquista da terra, os israelitas derrotaram Ogue, rei de Basã, e Jair de Manassés tomou Basã até a fronteira dos gesuritas e maacatitas ([Dt 3.14](#)). Embora a terra dos gesuritas tenha sido dada às tribos transjordânicas ([Js 13.11](#)), Israel não os expulsou (v. [13](#)). Mais tarde, Gesur e Arã tomaram pelo menos 60 cidades dos israelitas em Transjordânia ([1Cr 2.23](#)).

Davi casou-se com Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur, e ela deu à luz Absalão ([2Sm 3.3; 1Cr 3.2](#)). Após o assassinato vingativo de Amnom, Absalão fugiu para Gesur em busca de refúgio com seu avô, Talmai ([2Sm 13.37](#)) e permaneceu lá por três anos.

Veja também Síria, Sírios.

2. Nome de uma área e seu povo ao sul de Filístia. Entre as terras ainda não conquistadas na época da avançada velhice de Josué estão listadas "Falta conquistar a região dos filisteus e dos gesuritas. 3(Essa terra, que vai desde o riacho de Sior, na divisa do Egito, até a divisa de Ecrom, no Norte" ([Js 13.2-3 NTLH](#)). Quando Davi viveu em Ziclague, no território de Aquis, rei de Gate, Davi fez incursões sobre os gesuritas e outros "até Sur, à terra do Egito" ([1Sm 27.8](#)).

Geter

Filho de Aram e neto de Sem ([Gn 10.23](#)). Em [1 Crônicas 1.17](#), ele é listado como um dos filhos de Sem.

Geteu

Uma pessoa que vivia em Gate, que era uma cidade filisteia ([2Sm 6.10-11; 1 Cr 13.13](#)).

Veja Gate.

Getsêmani

O lugar para onde Jesus e seus discípulos foram após a Santa Ceia juntos no cenáculo. Jesus experimentou uma profunda angústia emocional porque sabia que em breve seria traído ([Mt 26.36-56](#); [Mc 14.32-50](#); [Lc 22.39-53](#)).

O nome "Getsêmani" aparece apenas no Evangelho de Mateus ([26.36](#)) e no Evangelho de Marcos ([14.32](#)). O nome significa "prensa de azeite". Isso indica que provavelmente havia oliveiras crescendo lá. Os Evangelhos descrevem Getsêmani como um "lugar", sugerindo que tinha uma cerca ou muro ao redor. Pode ser que esse lugar fosse propriedade de alguém. Se assim for, Jesus e seus discípulos podem ter tido permissão especial para entrar.

Lucas e João não usam a palavra "Getsêmani" em seus Evangelhos, mas ambos descrevem o sofrimento de Jesus antes de ser traído. Lucas menciona que isso aconteceu no "Monte das Oliveiras" ([Lc 22.39](#)). João afirma que foi "do outro lado do Vale do Cedrom" ([Jo 18.1](#)). João é o único que se refere ao local como jardim. Esses Evangelhos também nos informam que Jesus e seus discípulos frequentemente se reuniam lá para orar juntos ([Lc 22.39](#); [Jo 18.2](#)). As narrativas dos Evangelhos sugerem que o jardim era grande o suficiente para o grupo se dividir em grupos menores.

Geuel

Um filho de Maqui da tribo de Gade. Geuel foi um dos 12 espiões escolhidos por Moisés para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.15](#)).

Gezer

Gezer era uma importante cidade antiga nas colinas do norte de Sefelá, entre a planície costeira e as terras altas centrais. Isso tornava Gezer um lugar estratégico. Exércitos frequentemente passavam por essa área. Hoje, é chamada de Tell Jezer ou Tell Abu Shusha.

História antiga de Gezer

No terceiro milênio a.C., a cidade possuía uma muralha feita de tijolos de barro. Posteriormente,

os construtores a substituíram por uma muralha de pedra mais resistente, com cerca de 4 metros de espessura.

A cidade dos Cananeus foi mais forte entre os séculos 20 e 14 a.C. Durante esse período, a muralha externa tinha cerca de 4,3 metros de espessura e cercava uma área de 109 metros quadrados.

Por volta de 1600 a.C., o povo construiu um local elevado para adoração. Havia 10 pilares de pedra (também chamados de pedras erguidas), cada um com até 3 metros de altura. Havia também um altar de pedra ou uma grande bacia, provavelmente usada na adoração. O povo de Gezer construiu um túnel com degraus que levavam a uma nascente dentro de uma caverna. O túnel tinha 65,8 metros de comprimento e proporcionava acesso seguro e fácil à água durante um cerco (quando inimigos cercavam a cidade). Outras cidades na região, como Gibeão, tinham túneis semelhantes.

Arqueólogos encontraram objetos em Gezer que mostram que o povo tinha contato comercial e cultural com o Egito. Uma descoberta importante é o Calendário de Gezer. É uma pequena tábua de pedra com escrita em hebraico que lista os meses do ano e descreve o trabalho agrícola para cada mês. Os estudiosos o datam do século 10 a.C.

Gezer na Bíblia

O rei de Gezer, chamado Horão, lutou contra os israelitas. Josué e seu exército o derrotaram ([Js 10.33](#)). Gezer mais tarde se tornou uma cidade para os levitas. Estava na terra tribal de Efraim ([16.3](#); [21.21](#)). Mas a tribo de Efraim não conseguiu expulsar os cananeus que viviam lá ([Jz 1.29](#)).

Um rei egípcio chamado Merneptah governou por volta de 1225-1215 a.C. Ele mencionou Gezer, junto com Asquelom e Yanoam, em um monumento de pedra chamado Estela de Israel. Este monumento descreve suas vitórias militares.

Durante o reinado do rei Davi, os filisteus invadiram a planície de Refaim. Mas o Senhor ordenou a Davi que atacasse. Então Davi "derrotou os filisteus desde Gibeão até Gezer" ([2Sm 5.25](#)).

Após o rei Salomão casar-se com a filha de um rei egípcio, o Faraó atacou e queimou Gezer. Ele deu a cidade à sua filha como dote ([1Rs 9.16](#)). Salomão reconstruiu Gezer, juntamente com outras cidades usadas para armazenar suprimentos e abrigar carros de guerra (compare os versículos [15-19](#)). Ele fortaleceu a cidade construindo um grande

portão com quatro conjuntos de suportes de pedra. Portões como este também foram encontrados em Hazor e Megido.

No quinto ano do reinado do rei Roboão, Sisaque (também chamado de Sheshonk), o rei do Egito, invadiu Israel ([1Rs 14.25](#)). Uma lista das cidades que ele capturou está esculpida na parede do templo em Karnak, Egito. Gezer é uma das cidades listadas.

O rei assírio Tiglate-Pileser III governou de 745 a 727 a.C. Ele capturou Gezer, e as paredes de seu palácio em Nimrud (chamado de Calá na Bíblia) exibiam imagens do evento. Os assírios trouxeram povos conquistados de outras terras para viver em Gezer, assim como fizeram em Samaria ([2Rs 17.24](#)). Tábulas de argila escritas em cuneiforme (uma forma antiga de escrita) registram acordos e mostram que essas pessoas viviam na cidade.

Veja também Cidades dos levitas.

Giá

Um lugar não identificado localizado ao longo da estrada que desce de Gibeão para o Arabá. Foi aqui que Joabe e Abisai perseguiram Abner durante uma perseguição militar ([2Sm 2.24](#)).

Gibar

Antepassado de uma família que retornou a Jerusalém com Zorobabel ([Ed 2.20](#)). A lista paralela em [Neemias 7.25](#) menciona “filhos de Gibeão”, sugerindo que “Gibar” pode ser uma distorção textual. Há algum apoio para essa visão no fato de que [Esdras 2.21](#) começa a listar descendentes por sua cidade natal em vez de por família.

Gibeá (Lugar)

1. Uma cidade na região montanhosa de Judá ([Js 15.57](#)). Não sabemos sua localização exata. Gibeá está entre outras cidades situadas na seção de Judá a sudeste de Hebron. Provavelmente estava localizada a sudeste de Hebron, perto de Maon, Zife e Carmelo, em uma área com boas terras agrícolas.

2. Uma cidade na terra dada à tribo de Benjamim. A Bíblia também a chama de "Gibeá de Saul" ([1Sm 11.4](#); [15.34](#); [Is 10.29](#)). Os gibeatitas vivem lá ([1Cr 12.3](#)). Gibeá é mencionada pela primeira vez quando a terra de Benjamim é descrita ([Js 18.28](#)). Torna-se um lugar importante na Bíblia por causa de um evento terrível contado em [Juízes 19–21](#). Nessa história, a concubina de um levita foi abusada e morta. Isso levou a uma guerra entre a tribo de Benjamim e as outras tribos de Israel.

Saul, o primeiro rei de Israel, era de Gibeá ([1Sm 10.26](#)). Após o profeta Samuel ungir Saul como rei de Israel, Saul retornou a Gibeá. Provavelmente, permaneceu como sua casa e capital durante seu reinado ([10.26](#); [22.6](#); [23.19](#)).

A maioria dos estudiosos acredita que a antiga cidade de Gibeá é o mesmo lugar que o local moderno chamado Tell el-Ful. O Antigo Testamento localiza Gibeá ao norte de Jerusalém, entre Jerusalém e Ramá. Estava perto da estrada principal que seguia de norte a sul através da região montanhosa ([Jz 19.11–19](#)). Tell el-Ful está a cerca de 5,6 quilômetros ao norte de Jerusalém. Fica em uma das áreas mais altas dessa cadeia de montanhas.

Arqueólogos descobriram que uma vila israelita existia ali por volta do século 12 a.C. Ela foi posteriormente destruída pelo fogo. No século 11 a.C., as pessoas construíram uma fortaleza de pedra no local. Uma torre de canto ainda permanece. Esta fortaleza provavelmente foi a residência real do rei Saul, mas não foi mais utilizada depois que o rei Davi fez de Jerusalém a capital de Israel. Após isso, o local se tornou um posto militar avançado para a capital.

A torre foi destruída e reconstruída várias vezes ao longo dos séculos. Foi finalmente destruída durante uma

guerra entre Antíoco III e Ptolemeu V. Um escritor judeu chamado Josefo afirmou que uma aldeia ainda existia lá durante o período romano. No entanto, a aldeia desapareceu após a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C.

3. Uma cidade na região montanhosa de Efraim. Foi dada a Fineias, filho de Eleazar, o sacerdote. Eleazar foi sepultado lá ([Js 24.33](#)). Uma adição à Septuaginta (Antigo Testamento grego) diz que também sepultaram Fineias lá. A localização de Gibeá é incerta. Os estudiosos sugerem vários locais. Uma opção é Nibi Saleh, cerca de 9,7 quilômetros a noroeste de Jifna. A segunda sugestão é Jibia, cerca de 6,5 quilômetros a noroeste de Jifna. Pode referir-se a et-Tell, a nordeste de Jifna e ao sul de Sinjal. Ou pode ser Awertah, perto de Siquém.
4. "Gibeá de Deus" ou Gibeá-Eloim ([1Sm 10.5](#); na versão NTLH, este lugar é chamado de "monte de Deus"). Após Samuel ungir Saul como rei, ele disse que Saul encontraria um grupo de profetas neste lugar. Saul profetizaria com eles. Isso seria um sinal de que Deus o havia escolhido para ser rei. Algumas pessoas acreditam que Gibeá-Eloim é a mesma que Gibeá de Benjamim, onde Saul morava. No entanto, a história mostra que Saul chegou a Gibeá-Eloim antes de alcançar sua casa.
5. Uma colina perto da cidade de Quiriate-Jearim. Depois que os filisteus devolveram a Arca da Aliança, ela ficou na casa de Abinadabe. Mais tarde, o rei Davi moveu a arca para a casa de Obede-Edom ([2Sm 6.1-4](#)).

Gibeá (Pessoa)

Neto de Calebe da tribo de Judá ([1Cr 2.49](#)).

Gibeá-Eloim

Local onde Samuel previu um evento que confirmaria Saul como rei de Israel ([1Sm 10.5](#)). Veja Gibeá #4.

Gibeão, gibeonitas

Gibeão era uma cidade importante no Antigo Testamento. Os gibeonitas eram o povo que vivia lá. Este lugar e seu povo aparecem em muitas histórias do Antigo Testamento, desde a época de Josué até a época de Neemias. No entanto, a cidade e seu povo existiram antes e depois desses períodos também.

Onde fica Gibeão?

Os estudiosos estão confiantes de que o antigo local de Gibeão é o mesmo que o local moderno chamado el-Jib. Esta localização está a cerca de 8,9 quilômetros ao norte de Jerusalém. Edward Robinson sugeriu pela primeira vez essa identificação em 1838. Escavações ocorreram neste local nos anos de 1956, 1957, 1959, 1960 e 1962. Durante essas escavações, arqueólogos descobriram 31 alças de jarro com o nome "Gibeão" escrito nelas. Esta descoberta prova além de qualquer dúvida que el-Jib é a antiga cidade de Gibeão.

Certos detalhes geográficos e históricos apoiam essa identificação. Gibeão ficava ao norte de Jerusalém e era acessível durante o tempo de Davi, Salomão e Jeremias. Também estava a sudoeste de Ai. Essas localizações estão alinhadas com a descrição bíblica. Escavações também revelaram períodos em que pessoas ocuparam el-Jib. Esses achados correspondem aos dados históricos do Antigo Testamento.

Gibeão no tempo de Josué

O livro de Juízes é o primeiro a mencionar Gibeão e os gibeonitas ([Js 9](#) e [10](#)). Isso ocorreu durante o tempo de Josué, por volta de 1200 a.C. Após ouvirem sobre as vitórias de Israel em Jericó e Ai, o povo de Gibeão, junto com os de Quefira, Beerote e Quiriate-Jearim, enganou os israelitas para fazerem um tratado de paz. Eles vestiram roupas gastas e carregaram pão seco e esfarelado para parecer que vinham de uma terra distante. Josué acreditou neles e fez um tratado com eles. Quando

a enganação foi descoberta, eles foram feitos servos que cortavam madeira e carregavam água para os israelitas ([Is 9.21-27](#)).

Grupos de pessoas das cidades próximas de Jerusalém, Hebron, Jarmute, Laquis e Eglom lançaram um ataque a Gibeão porque os gibeonitas haviam feito paz com Josué. Adoni-Zedeque, o rei de Jerusalém, liderou o ataque. Os gibeonitas pediram ajuda a Josué. Os israelitas marcharam durante a noite de Gilgal para defendê-los. Os israelitas forçaram os inimigos de Gibeão pela estrada até Bete-Horom, com pedras de granizo ajudando a completar a vitória. Naquele dia, o sol parou sobre Gibeão ([10.9-13](#)). Gibeão foi a única cidade na área a fazer paz com Israel ([11.19](#)). Eventualmente, tornou-se parte do território da tribo de Benjamim ([18.25](#); [21.17](#)).

Gibeão no tempo de Davi e Salomão

Antes de Davi se tornar rei de Israel, o general de Saul encontrou alguns dos homens de Davi em Gibeão. Eles realizaram uma competição estranha ao lado do tanque de Gibeão. Doze homens de cada lado lutaram, e todos morreram pelas espadas uns dos outros ([2Sm 2.12-17](#)). Uma batalha maior aconteceu depois disso, e os homens de Davi venceram (vv. [18-32](#)).

Mais tarde, Amasa, que era sobrinho de Davi, tornou-se capitão do exército rebelde de Absalão. Joabe o atacou na "Grande pedra em Gibeão" ([20.8](#)). Joabe deixou Amasa para morrer na estrada em seu próprio sangue.

Quando Davi era rei, ele permitiu que os gibeonitas matassem sete dos filhos de Saul "no monte diante do Senhor" ([21.1-9](#)). Isso foi feito para compensar os gibeonitas. Saul havia matado anteriormente alguns de seu povo, o que quebrou a aliança que Israel havia feito com eles há muito tempo (vv. [1-6](#)).

Durante o reinado de Davi, Gibeão permaneceu um importante local de adoração. O tabernáculo do Senhor estava lá, junto com o altar para holocaustos ([1Cr 16.39](#); [21.29](#)). Mais tarde, Salomão foi a Gibeão para oferecer sacrifícios. Enquanto estava lá, ele teve um sonho no qual pediu a Deus sabedoria para governar bem Israel ([1Rs 3.3-9](#); compare [2Cr 1.2-13](#)). Deus apareceu a Salomão uma segunda vez em Gibeão. Desta vez, Deus assegurou a Salomão que tinha ouvido sua oração. Deus instou Salomão a obedecê-lo ([1Rs 9.2-9](#)).

Gibeão estava entre as cidades capturadas pelo faraó Sisaque na segunda metade do século 10 a.C. Provavelmente, permaneceu uma cidade importante durante o tempo dos reis. No tempo de Jeremias, um profeta de Gibeão falou falsamente em nome do Senhor ([Jr 28.1-4](#)).

Gibeão após o exílio na Babilônia

Alguns dos gibeonitas foram para o exílio na Babilônia. Um pequeno grupo retornou após o exílio ([Ne 7.25](#)). Aqueles que retornaram ajudaram Neemias a reparar o muro de Jerusalém ([3.7-8](#)). Muito mais tarde, o historiador judeu Josefo relatou que o general romano Céstio montou acampamento em Gibeão a caminho de Jerusalém em d.C 66 (*Guerra* 2.515-516).

A Bíblia menciona Gibeão de cerca de 1200 a.C. até aproximadamente 445 a.C., correspondendo aos períodos arqueológicos conhecidos como Ferro I, Ferro II e o período Persa ou Ferro III. Portanto, em uma escavação, esperaríamos encontrar vestígios de todos esses períodos.

Veja também Conquista e distribuição da terra; Gibeão.

Gibeate-Haralote

GIBEATE-HARALOTE

Localizado entre o rio Jordão e Jericó, nas proximidades de Gilgal, onde Josué realizou a circuncisão dos homens hebreus nascidos no deserto durante os 40 anos de peregrinação. ([Is 5.3](#), NTLH: "monte da Circuncisão").

Gibeatita

Habitante da cidade benjamita de Gibeá ([1Cr 12.3](#)). *Veja Gibeá #2.*

Gibetom

Cidade na parte ocidental do centro da Palestina. Estava localizada no território de Dã ([Is 19.44](#)) e foi atribuída ao clã levita de Coate ([21.23](#)). Baasa matou o rei Nadabe em Gibetom quando Israel estava tomando a cidade dos filisteus ([1Rs 15.27](#)). Cerca de 26 anos depois, Onri foi proclamado rei em Gibetom ([16.17](#)).

Veja também Cidades levíticas.

Gidalti

Um filho de Hemã que servia como cantor do templo. O rei Davi nomeou Gidalti para servir sob a direção de seu pai ([1Cr 25.4](#)). Gidalti era encarregado da 22ª das 24 divisões do serviço do templo ([1Cr 25.29](#)).

Gideão

Gideão foi um juiz de Israel da tribo de Manassés. Ele era filho de Joás e pertencia ao clã de Abiezer. Dos 12 juízes de Israel, a Bíblia fala mais sobre Gideão do que sobre qualquer outro juiz. Sansão é o segundo mais mencionado. A história de Gideão ocorreu cerca de 1.100 anos antes do tempo de Cristo.

Deus chama Gideão

Os midianitas dominaram sobre Israel por sete anos. Eles foram muito cruéis. O povo clamou a Deus por ajuda ([Jz 6.6](#)). Deus enviou um profeta para lhes explicar por que estavam sofrendo. O profeta disse que era porque eles haviam esquecido o único Deus verdadeiro e não estavam sendo fiéis a Ele.

Então Deus enviou seu anjo a Gideão. O anjo chamou Gideão de "valente guerreiro" ([Jz 6.12](#)), mesmo que Gideão estivesse se escondendo enquanto debulhava trigo. Ele tinha medo dos midianitas. Mas Deus viu o que Gideão poderia fazer através de seu poder (vv. [14-16](#), [34](#)). Gideão sabia que era fraco e que a tarefa era grande. Isso o tornava a pessoa certa para Deus usar. Deus frequentemente trabalha através de pessoas que parecem fracas para mostrar seu grande poder (compare [1Co 1.27](#); [2Cor 12.10](#)).

Gideão destrói o altar de Baal

A primeira tarefa de Gideão foi destruir o altar de Baal de seu pai. Ele também derrubou um poste próximo usado para adorar Aserá, uma falsa deusa ligada a Baal (compare [Is 42.8](#)). Gideão sabia que as pessoas ficariam furiosas, então ele fez isso à noite com a ajuda de seus servos.

No dia seguinte, os homens de Ofra estavam furiosos. Eles queriam matar Gideão pelo que ele havia feito. Mas o pai de Gideão, Joás, o defendeu.

Ele disse que, se Baal fosse realmente um deus, poderia lutar por si mesmo.

Depois disso, as pessoas começaram a chamar Gideão de "Jerubaal", que significa "Que Baal contenda contra ele" ([Jz 6.32](#)).

A fraqueza de Gideão e a força de Deus

Gideão às vezes tinha dificuldade em confiar plenamente em Deus. Ele pediu sinais a Deus para ajudá-lo a se sentir seguro. Deus não ficou zangado, mas gentilmente deu a Gideão o que ele pediu. Um dos sinais foi o milagre com o orvalho e a lã ([Jz 6.36-40](#)).

Mais tarde, Deus disse a Gideão que Israel não venceria por ter um grande exército. Deus queria que todos soubessem que a vitória veio dele, não da força humana ([Jz 7.2](#)). Assim, o exército de Gideão foi reduzido de 32.000 para apenas 300 homens de uma maneira especial (vv. [3-7](#)).

Aquela noite, Gideão e seu servo Pura se aproximaram do acampamento midianita. Eles ouviram quando um soldado midianita contou sobre um sonho. O sonho indicava que Israel em breve venceria (vv. [13-14](#)). Isso encorajou Gideão, e ele adorou o Senhor ([Jz 7.15](#); compare [6.24](#)).

A batalha contra os midianitas

Gideão dividiu seus 300 homens em três grupos. À noite, eles tomaram suas posições ao redor do acampamento midianita. Ao sinal de Gideão, cada homem tocou uma trombeta feita de chifre de animal. Em seguida, quebraram jarros que escondiam tochas dentro e gritaram: "Espada pelo Senhor e por Gideão!" ([Jz 7.20](#)).

Os midianitas ficaram chocados e confusos. Eles pensaram que estavam sendo atacados por um grande exército. Com medo, fugiram em direção ao leste, cruzando o rio Jordão.

Os homens de Gideão os perseguiam. Outros israelitas das tribos de Naftali, Aser e Manassés também se juntaram à luta. A tribo de Efraim também ajudou. Eles capturaram e mataram dois líderes midianitas.

No início, os homens de Efraim ficaram chateados porque Gideão não havia pedido a ajuda deles antes. Mas Gideão respondeu-lhes gentilmente, e eles não ficaram mais zangados ([Jz 8.1-3](#)).

Gideão recusa ser rei

Após a vitória, o povo pediu a Gideão para se tornar seu rei, mas ele recusou. Ele lembrou-lhes que o Senhor era o verdadeiro governante deles ([Jz 8.22-23](#)).

Embora Gideão tenha recusado ser rei, ele ainda recebeu uma grande quantidade de ouro da batalha ([Jz 8.24-26](#)). Ele usou o ouro para fazer um objeto chamado éfode, que pode ter sido uma vestimenta como a do sumo sacerdote ou uma imagem. Infelizmente, o povo começou a adorar o éfode, o que se tornou uma armadilha para eles e para a família de Gideão ([Jz 8.27](#))

Mais tarde, o nome de Gideão, Jerubaal, foi mudado para Jerubesete em [2 Samuel 11.21](#). Essa mudança substituiu "Baal" pela palavra hebraica *besheth*, que significa "vergonha".

Gideão no Novo Testamento

A carta aos Hebreus menciona Gideão como um dos heróis da fé. Ele confiou em Deus, e sua fé trouxe glória ao Senhor ([Hb 11.32](#)). Mesmo no tempo de Isaías, as pessoas lembravam "o dia de Midiã" como um tempo em que Deus salvou seu povo por seu próprio poder, não pela força humana ([Is 9.4](#)).

Veja também Juízes, Livro de.

Gidel

1. Antepassado de um grupo de assistentes do templo que retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.47](#); [Ne 7.49](#)).
2. Antepassado de um grupo de servos do rei Salomão que retornou com Zorobabel após o exílio babilônico ([Ed 2.56](#); [Ne 7.58](#)).

Gideoni

Gideoni era o pai de Abidã. Abidã era o líder da tribo de Benjamim quando os israelitas estavam viajando pelo deserto do Sinai após escaparem do Egito ([Nm 1.11](#); [2.22](#); [10.24](#)). Como líder tribal, Gideoni apresentou a oferta da tribo durante a cerimônia de dedicação do tabernáculo ([7.60-65](#)).

Gidom

Local para o qual o exército benjamita foi levado durante uma guerra civil entre Benjamim e o restante de Israel ([Jz 20.45](#)).

Gigantes

Tradução em português de quatro palavras hebraicas diferentes. Uma dessas palavras ocorre em [Jó 16.14](#), onde a palavra hebraica é traduzida como "guerreiro" na maioria das Bíblias em português. Outra palavra hebraica é traduzida como "gigantes" ou "nefilins" (uma transliteração do hebraico) também na maioria das Bíblias em português ([Gn 6.4](#); [Nm 13.33](#)). O significado original deste termo hebraico é desconhecido, mas parece ser usado para um grupo ou raça de pessoas. Como nenhum dos termos traduzidos como "gigantes" tem esse significado real, não podemos ter certeza de que os nefilins tinham estatura física incomum.

Em várias passagens, as bíblias traduzem como "gigantes" ou "refains" (e.g., [Dt 2.20](#); [3.11](#); [Is 12.4](#)). Essa palavra, geralmente no plural, refere-se a várias tribos de pessoas que habitavam a Palestina e que podem ter sido incomumente grandes em tamanho físico. Elas incluíam os anaquins da área costeira de Judá e região montanhosa ao redor de Hebron ([Dt 2.11](#)), os emins de Moabe (v [10](#)), os zanzumins de Amom (v [20](#)) e os habitantes de Basã ([3.11](#)). A palavra também aparece em Josué ([Is 12.4](#); [13.12](#); [15.8](#); [17.15](#); [18.16](#)). Alguns intérpretes sugeriram que essas pessoas eram os habitantes originais da Palestina, que eram tribos distintas de pessoas altas e que foram eventualmente conquistadas e absorvidas pelos cananeus, filisteus, hebreus e outros povos invasores. Outros intérpretes argumentam que eles não eram tribos raciais distintas, mas indivíduos de grande estatura, talvez resultado de doença, que eram encontrados entre as várias raças e tribos da Palestina. Nenhuma das propostas pode ser estabelecida com certeza. Outro termo hebraico é traduzido como "gigante" ou "homem de grande estatura" ([2Sm 21.16-22](#); [1Cr 20.4-8](#)).

Talvez o gigante mais famoso na literatura bíblica seja Golias de Gate, o soldado filisteu que desafiou o exército do Rei Saul no Vale de Elá e os deixou consternados e com medo ([1Sm 17](#)). Diz-se que ele tinha seis côvados e um palmo de altura, o que foi interpretado de várias maneiras como estando entre 2,3 a 2,9 metros. A derrota de Golias por Davi

trouxe destaque ao jovem em Israel ([18.5-7](#)). Golias não é referido no texto como um “gigante”, mas sua altura o marca como alguém de tamanho gigantesco. O Rei Ogue de Basã era outra pessoa de altura incomum ([Dt 3.11](#)).

Veja também Nefilins.

Gigantes, Vale dos

Tradução da NTLH para "Vale de Refaim" em [Josué 15.8](#) e [18.16](#). Veja Refaim, Vale de.

Gilalai

Músico presente na dedicação do muro de Jerusalém, reconstruído durante o tempo de Esdras ([Ne 12.36](#)).

Gileade (lugar)

1. Região Leste do Rio Jordão. Geralmente usada para designar o território ocupado por todas as tribos israelitas transjordânicas ([Jz 20.1](#); [2Rs 10.33](#); [Jr 50.19](#); [Zc 10.10](#)). Especificamente, Gileade é a área da Transjordânia situada entre os rios Yarmuk e Arnom e dividida pelo rio Jaboque.

O chamado Domo de Gileade é uma extensão da região montanhosa central de Judá, elevando-se a alturas de mais de 3.000 pés (914,4 metros) acima do Vale do Jordão. Os vales e colinas eram bem irrigados por numerosos rios e afluentes, tornando as partes mais planas do campo adequadas para a agricultura, especialmente oliveiras, videiras e grãos (cf. [Jr 8.22](#); [46.11](#); [Os 2.8](#)). As colinas densamente florestadas e accidentadas eram às vezes comparadas às do Líbano ([Jr 22.6](#); [Zc 10.10](#)) e faziam da terra um refúgio para aqueles em fuga, já que o terreno impedia a perseguição fácil por inimigos (cf. [Gn 31.21](#); [1Sm 13.7](#)).

Originalmente, a região de Gileade foi atribuída às tribos de Rúben, Gade e Manassés ([Nm 32](#)). Durante o período dos juízes, a segurança israelita na região foi ameaçada pelos midianitas e amalequitas, mas foi protegida pelas ações militares de Gideão ([Jz 6-7](#)). Meio século depois, Jefté foi chamado de volta do exílio para libertar Gileade do domínio opressivo dos amonitas (caps. [10-11](#)). Durante a monarquia unida, Saul libertou Jabel-Gileade do domínio amonita ([1Sm 11.1-11](#); [31.8-13](#); [2Sm 2.1-7](#)). Abner estabeleceu Isbosete

como rival de Davi em Gileade ([2Sm 2.8,9](#)). Davi conquistou os amonitas que controlavam Gileade enquanto expandia as fronteiras de Israel ([8.11,12](#); [10.1-19](#)). Ele fugiu para lá em busca de refúgio durante a rebelião de Absalão (caps. [15-17](#)) e foi finalmente restaurado ao trono quando Absalão foi morto na floresta de Efraim (caps. [18,19](#)). Gileade permaneceu um campo de batalha durante a monarquia dividida, quando os israelitas primeiro guerrearam com os sírios (arameus; [1Rs 20.23-43](#); [22.1-4,29-40](#); [2Rs 13.22](#); [Am 1.3](#)) e depois com os assírios, que tomaram o território de Peca em 733 a.C. e deportaram a população israelita, rompendo assim o vínculo de Gileade com o reino do norte ([2Rs 15.27-31](#));

2. Uma cidade condenada por sua maldade ([Os 6.8](#)), possivelmente um nome abreviado para Jabel-Gileade ou Ramote-Gileade. Esta pode ser a mesma Gileade que foi identificada com Mispa #5. (cf. [Jz 10.17-18](#)).

Gileade (Pessoa)

1. Um filho de Maquir da tribo de Manassés ([Nm 26.29-33](#)). Ele foi líder do clã de seus descendentes durante o tempo de Moisés ([26.29](#); [27.1](#); [36.1](#)).
2. O pai de Jefté durante o período dos juízes ([Jz 11.1-2](#)). Jefté foi o líder dos gileaditas e juiz sobre Israel.
3. Um filho de Miguel da tribo de Gade. Ele viveu em Basã durante o primeiro assentamento da Palestina ([1Cr 5.14](#)).

GILEADE, Bálsmo de

Substância de identificação incerta e uma das várias resinas usadas no Oriente Próximo para fins medicinais. Não crescia em Gileade, mas pode ter recebido seu nome por ser exportada para o Egito e Fenícia a partir de Gileade ([Gn 37.25](#); [Ez 27.17](#)). A substância supostamente possuía qualidades adstringentes, antissépticas e outras terapêuticas.

Veja também Medicina e prática médica; Plantas (bálsamo).

Gileadita

Nome dado aos israelitas das duas tribos e meia transjordânicas. Veja Gileade (Lugar) #1; Gileade (Pessoa) #1, #2.

Gilgal

1. Cidade próxima a Jericó. Gilgal foi atribuída à tribo de Benjamim quando Canaã foi dividida entre as tribos de Israel. Por muitos anos, foi um centro de importância religiosa, política e militar, especialmente durante os períodos da conquista de Canaã e o início da monarquia sob Saul.

Gilgal foi o primeiro lugar onde Israel acampou na Palestina após a travessia milagrosa do Rio Jordão ([Js 4.19](#)). Sem dúvida, o tabernáculo foi montado aqui, já que Israel ocupou Gilgal por algum tempo e o usou como o centro da comunidade. Vários eventos religiosos significativos ocorreram em Gilgal: a circuncisão de todos os homens hebreus nascidos no deserto durante os 40 anos de peregrinação ([5.2-9](#)), a celebração da Páscoa ([v.10](#)), a cessação do maná ([v.12](#)) e uma manifestação divina a Josué pelo “comandante do exército do Senhor” (vv.[13-15](#)).

Militarmente, Gilgal foi o primeiro ponto de apoio de Israel em Canaã e a base de operações para a Conquista. A partir daqui, Josué liderou Israel na conquista de Jericó ([Js 6](#)) e Ai ([8.3](#)), formou um tratado com os gibeonitas ([9.3-15](#)), atacou os cinco reis amorreus ([10.6-43](#)) e lançou sua campanha ao norte (cp.[11](#)). Em Gilgal, Judá, Manassés e Efraim receberam suas porções da Palestina (cps.[15-17](#)).

Após a relocação do tabernáculo em Siló, Gilgal manteve sua importância para Israel. Era uma das cidades visitadas regularmente por Samuel em seu circuito anual como juiz ([1Sm 7.16](#)) e era um dos principais locais para oferecer sacrifícios ([10.8; 13.9-10; 15.21](#)). Em Gilgal, Saul, um benjamita, foi coroado rei ([11.14-15](#)) e mais tarde rejeitado ([13.4-15; 15.17-31](#)). Aqui, os homens de Judá encontraram Davi retornando à Palestina após a rebelião de Absalão ([2Sm 19.15](#)). Que Gilgal ainda era um centro religioso de alguma importância até o século VIII a.C. é indicado na denúncia por Oseias e Amós do santuário e culto sacrificial localizado lá ([Os 4.15; 9.15; 12.11; Am 4.4; 5.5](#)).

A localização exata de Gilgal é disputada entre arqueólogos. Alguns a localizam em Khirbet en-Nitleh, cerca de 3,2 quilômetros (2 milhas) a leste da moderna Jericó. Outros preferem Khirbet Mefjir,

um monte a cerca de 1,6 quilômetro (1 milha) da antiga Jericó (Tell es-Sultan). [Josué 4.19](#) a coloca na fronteira oriental de Jericó, e Josefo dá a distância do local de travessia do Jordão até Gilgal como 50 estádios (5,8 milhas, ou 9,3 quilômetros), com Gilgal estando a cerca de 10 estádios de Jericó (*Antiguidades* 5.6.4). Essas distâncias se encaixam melhor com Khirbet Mefjir.

2. Local possivelmente perto de Jericó ([Dt 11.30](#)); no entanto, a linguagem da passagem sugere que está localizado nas proximidades do Monte Ebal e do Monte Gerizim.

3. Local que descreve a fronteira norte de Judá ([Js 15.7](#)). Estava perto de Adumim e talvez pudesse ser identificado com Gelilote em [Josué 18.17](#).

5. Lugar mencionado em conexão com Elias e Eliseu ([2Rs 2.1; 4.38](#)). Era aparentemente uma cidade mais distante do rio Jordão do que #1 acima. Na história da ascensão de Elias ao céu, ele e Eliseu estavam indo de Gilgal para Betel e depois para Jericó. Como o relato coloca Betel entre Gilgal e Jericó, não poderia ter sido o primeiro Gilgal. Pode referir-se à moderna Jiljiliah, uma cidade no topo de uma colina na Palestina central, cerca de sete milhas (11,3 quilômetros) ao norte de Betel.

Gilo, gilonita

Uma aldeia, e aqueles que vivem lá, nas montanhas do sul de Judá ([Js 15.51](#)). O conselheiro do rei Davi, Aitofel, era um Gilonita ([2Sm 15.12; 23.34](#)). Hoje, os pesquisadores acreditam que Gilo pode ter sido localizada em um lugar agora chamado Khirbet Jala, que fica a nordeste da cidade de Hebron.

Ginásio

Um ginásio era uma escola grega onde os jovens aprendiam educação física e matérias acadêmicas. Quando a cultura grega se espalhou por muitos países, essas escolas se tornaram lugares importantes para o ensino da cultura grega. Os alunos recebiam treinamento em esportes, aprendizado e habilidades sociais. Somente crianças de famílias ricas podiam frequentar essas escolas particulares. Os jovens gregos precisavam frequentar essas escolas se quisessem se tornar cidadãos de sua cidade.

No início, quando uma família da Macedônia chamada Ptolomeus governava Jerusalém, a cidade

não tinha um ginásio. Mais tarde, uma família governante diferente da Síria chamada Selêucidas assumiu o controle. Os Selêucidas queriam que todos em seu reino seguissem os costumes e modos de vida gregos. Durante esse tempo, o sumo sacerdote judeu pagou dinheiro ao rei Antíoco IV para obter permissão para construir um ginásio em Jerusalém ([1Mc 1.13-15](#); [2Mc 4.9](#)).

Os judeus conservadores evitavam o ginásio, pois acreditavam que isso influenciava as crianças judias a adotarem normas culturais gregas. Eles também desapro davam a prática grega de participação nua em competições atléticas. Jovens judeus às vezes removiam ou escondiam sua circuncisão para participar das competições ([1Mc 1.13-15](#)).

Os judeus alexandrinos eram menos contrários ao ginásio do que os judeus em Jerusalém. No entanto, os gregos alexandrinos desapro davam a inclusão de não-gregos, como egípcios e judeus, nos ginásios. A política romana concedia cidadania grega aos graduados do ginásio. Com a cidadania, os graduados podiam participar do governo local.

O apóstolo Paulo e os primeiros cristãos não pareciam ter visões negativas sobre os ginásios. Paulo usou linguagem atlética para descrever a vida cristã ([1Co 9.24-27](#); [Gl 2.2](#); [5.7](#); [Fp 1.30](#); [2.16](#)).

Ginate

Pai de Tibni. Tibni tentou, sem sucesso, conquistar o trono de Israel; Onri tornou-se rei em seu lugar ([1Rs 16.21-22](#)).

Ginetom

1. Sacerdote que selou a aliança de Esdras durante o período pós-exílico ([Ne 10.6](#)).

2. Sacerdote e chefe da casa de Mesulão durante os dias pós-exílicos de Joaquim, o sumo sacerdote ([Ne 12.16](#)).

Ginzo

Cidade de Judá capturada pelos filisteus durante o reinado do rei Acaz ([2Cr 28.18](#)). É a moderna Jimzu, localizada a sudeste de el-Ludd (Lida).

Giom, Fonte de

Local em Jerusalém onde Salomão foi ungido como rei ([1Rs 1.33,38,45](#)). Existem duas fontes de água corrente em Jerusalém: A primeira é a Ain Umm el Daraj' (também conhecida como a fonte da Mãe dos Degraus, no AT como Giom, e para os cristãos como a Fonte da Virgem), que fica na encosta oriental. A segunda é Bir 'Ayub, ou o poço de Jó. A importância da fonte de Giom para a defesa de Jerusalém em tempos de cerco é enfatizada pelas medidas de Ezequias para negar aos seus inimigos o acesso ao abastecimento de água e fornecer acesso àqueles que defendiam a cidade ([2Rs 20.20](#); [2Cr 32.30](#); cf. [2Rs 25.4](#); [2Cr 32.3-4](#); [Is 7.3](#)). O túnel de Ezequias trouxe as águas da fonte de Giom no Vale de Cedrom (oriental) para o vale central onde o atual tanque de Siloé está localizado. A fonte não conseguiu suprir todas as necessidades de Jerusalém após o exílio, e no período romano foram construídos aquedutos para trazer água adicional.

Veja também Siloé, Tanque de.

Girgaseus

Uma tribo cananeia ([Gn 10.16](#); [1Cr 1.14](#)) cuja terra foi prometida a Abraão ([Gn 15.21](#); [Dt 7.1](#); [Is 3.10](#)). A terra foi finalmente adquirida ([Is 24.11](#); [Ne 9.8](#)). A localização da tribo é desconhecida. Eles podem ter vivido em Karkisha, uma cidade mencionada nos textos hititas, ou em Kirkishati, uma área a leste do Tigre. O nome *Gresh* apareceu em textos ugaríticos do século 13 a.C. e pode indicar uma tribo. Em [Mt 8.28](#); [Mc 5.1](#); e [Lc 8.26](#), um nome traduzido de várias maneiras como “Gergesenos” (KJV), “Gerasenos” e “Gadarenos” podem preservar a tradição de que os gergaseus viveram na Palestina.

Girzitas

Ortografia da NTLH para gersita em [1 Samuel 27.8](#). Os gersitas foram atacados pelos homens de Davi enquanto ele estava em Ziclague. *Veja Gersitas.*

Gispa

Supervisor dos servos do templo na época de Neemias ([Ne 11.21](#)); possivelmente chamado alternadamente de Hasufa em [Esdras 2.43](#) e [Neemias 7.46](#). *Veja Hasufa.*

Gitaim

Uma cidade no território de Benjamim para onde o povo de Beerote fugiu em busca de segurança. Eles permaneceram lá sob proteção oficial ([2Sm 4.3](#)). [Neemias 11.33](#) lista Gitaim como um dos lugares onde o povo judeu se estabeleceu após retornar do exílio na Babilônia.

As duas referências podem indicar dois lugares diferentes. Se for assim, a segunda Gitaim pode estar a noroeste de Jerusalém. No entanto, alguns estudiosos acreditam que há apenas uma Gitaim, que fica perto de Beerote.

Gitite

Termo hebraico obscuro nas superscrições dos [Salmos 8, 81 e 84](#); possivelmente um instrumento musical ou uma indicação musical, sinalizando a atmosfera com o qual os salmos deveriam ser executados. *Veja Música; Instrumentos Musicais.*

Gizom, Gizonita

Designação para Hasém (Jasém, NVT), um dos valentes de Davi ([1Cr 11.34](#)). Gizom pode ter sido um antigo assentamento cananeu. Alguns estudiosos alteraram o texto para "gunita" (cf. [1Cr 5.15; 7.13](#)) ou "de Ginzo" (cf. [2Cr 28.18](#)).

Glória

O esplendor singular de Deus e as consequências para a humanidade.

A glória de Deus

A glória de Deus pode ser descrita em dois sentidos: (1) Como uma categoria ou atributo geral, e (2) Como uma categoria particular que se refere a manifestações históricas específicas de sua presença.

Como um atributo

A glória de Deus se refere principalmente à sua beleza majestosa e esplendor; também se refere à expressão do caráter de Deus ([Rm 3.23](#)). As Escrituras registram louvor a seu nome glorioso ([Ne 9.5](#)), o descrevem como o Pai glorioso ([Ef 1.17](#))

e o Rei da glória ([Sl 24](#)); ele é exaltado acima dos céus, e sua glória está sobre toda a terra ([Sl 57.5,11; 108.5; 113.4](#)). Ele é o Deus de glória que apareceu aos patriarcas do AT ([At 7.2](#)). Ele é zeloso para manter sua glória e não permite que ela seja dada a outro ([Is 42.8](#)); ele age para trazer glória a si mesmo ([Sl 79.9; Is 48.11](#)).

A glória de Deus é proclamada pela Criação ([Sl 19.1; 97.6; Rm 1.20](#)). É revelado por seus poderosos atos de salvação e libertação ([1Cr 16.24; Sl 72.18-19; 96.3; 145.10-12; Jo 11.4,40](#)). Sua glória é o tema do louvor ([1Cr 16.24-29; Sl 29.1-2, 9; 66.1-2; 96.7-8; 115.1; Is 42.12; Rm 4.20; Fp 2.9-11](#)).

Como Sua Presença

As referências à glória do Senhor são muitas vezes a manifestações históricas específicas de sua presença; imagens de luz e fogo estão proeminente mente associadas a essas ocorrências. O exemplo mais importante é o que é conhecido na literatura rabínica como a glória da shekinah, uma frase que significa a "glória de habitação". Se refere principalmente à presença de Deus no pilar de nuvem e fogo no AT.

A primeira referência explícita à nuvem de glória é encontrada em [Ex 13.21-22](#). Na época do êxodo, a glória de Deus apareceu na coluna de nuvem e de fogo para guiar o povo através do mar e do deserto ([Ne 9.11-12,19](#)). No Sinai, com Israel acampado ao redor da montanha, a glória de Deus vêm na nuvem e no fogo para falar com Moisés aos olhos do povo ([Ex 19.9,16-18; 24.15-18; Dt 5.5,22-24](#)). Quando Moisés recebe um vislumbre dessa glória não escondida pela nuvem e fogo, seu próprio rosto se torna radiante e deve ser velado por causa do medo do povo ([Ex 33.18-23; 34.29-35; 2Co 3.7-18](#)).

A imagem de Israel acampada ao redor da glória de Deus no Sinai retrata Deus habitando no meio de seu povo. Quando o tabernáculo é concluído e as pessoas saem em sua marcha, a nuvem de glória da presença de Deus habita sobre eles ao longo de sua jornada ([Ex 40.34-38; Nm 10.11-12](#)). Quando eles se acampam, as tribos cercam o tabernáculo ([Nm 1.50-2.2](#)), e a nuvem os lembra de sua presença no meio de eles. Mais tarde, a mesma glória enche o novo templo que Salomão constrói ([2Cr 5.13-6.1; 7.1-3](#)). Os salmistas celebraram Jerusalém e o templo como o lugar onde sua glória habitava ([Sl 26.8; 63.2; 85.9](#)); Deus estava no meio deles.

Mais tarde na história de Israel, eles negaram a presença gloriosa de Deus ([Is 3.8](#)) e trocaram a glória do Senhor por ídolos feitos por mãos

humanas ([Sl 106.20](#); [Jr 2.10–11](#); cp. [Rm 1.23](#)). Por causa de sua desobediência, o julgamento veio contra Jerusalém; as penalidades da violação da aliança foram impostas a eles. Deus não seria mais o Deus de um povo desobediente ([Os 1.9](#)). A presença de Deus na nuvem de glória deixou o templo ([Ez 10.4.18–19](#); [11.22](#)), e Israel foi para o exílio ([12.1–15](#)).

No entanto, fora deste julgamento, Deus determinou trazer um remanescente para reconstruir a cidade e o templo. Em suas visões, Ezequiel viu a glória do Senhor voltar para habitar no templo novamente ([Ez 43.2–9](#)), um tempo em que a glória voltaria para um povo purificado e habitaria entre eles para sempre. Quando o exílio terminou e o segundo templo estava em construção, Ageu e Zacarias exortaram o povo a continuar com a promessa da volta da glória de Deus de encher o templo como havia feito no primeiro templo e “ser glória no meio deles” ([Ag 2.3–9](#); [Zc 2.5.10–11](#)).

A glória de Deus em Jesus Cristo

Não somos informados se a glória da shekinah voltou para o segundo templo. Mas somos informados de que a glória de Deus foi vista novamente na terra na pessoa de Jesus Cristo. [Jo 1.14](#) diz: “A Palavra se tornou carne e *habitou* entre nós, e vimos sua *glória*, glória como do único Filho” Como tal, Jesus era o novo tabernáculo para a glória permanente de Deus. Em Jesus, Deus habitava entre as pessoas. Uma vez que Cristo era (e é) a própria imagem de Deus, ver a luz de seu rosto era conhecer a glória de Deus ([2Co 4.4–6](#)). Ver Jesus era ver uma “luz para os gentios e a glória de Israel” ([Lc 2.30–32](#)). Os discípulos que testemunharam a Transfiguração ([Mt 17.1–8](#)) viram sua glória de uma maneira maravilhosa ([2Pe 1.16–17](#)), pois era uma glória que transbordava de seu corpo humano. Este transbordar de glória prefigurou a glorificação que Cristo experimentou na ressurreição e ascensão (veja [Jo 17.5](#); [Fp 2.5–11](#)).

Porque Jesus se humilhou e foi obediente até a morte, Deus o exaltou altamente ([Fp 2.8–9](#)). Depois que ele sofreu a morte na cruz, ele entrou em sua glória ([Lc 24.26](#)) com um corpo novo e glorioso ([1Co 15.39–43](#); [Fp 3.21](#)). O Cristo glorificado apareceu aos seus servos. Estêvão viu sua glória ([At 7.55](#)), e Saulo foi cegado por seu esplendor ([9.3](#)). Esse mesmo Cristo é previsto que voltará em glória. Ele se sentará em seu trono no julgamento ([Mt 25.31](#)); o mal será punido ([16.27](#); [24.30](#); [Mc 13.26](#); [Lc 21.27](#); [2Ts 2.9–10](#)). Aqueles que o professaram

diante dos homens não precisam temer seu aparecimento glorioso ([Mc 8.38](#)).

Na consumação, toda a terra será cheia de sua glória ([Sl 72.19](#); [Is 6.3](#); [Hb 2.14](#)). Não haverá mais uma nuvem de glória sobre um templo para marcar o Lugar Santo, pois haverá um novo céu e uma nova terra ([Ap 21.1](#)). A Cidade Santa terá o esplendor da glória de Deus (vv. [10–11](#)).

Glória e o Povo de Deus

O povo de Deus experimentou a glória da presença de Deus. A nuvem de glória do AT era *sua* glória ([Sl 106.20](#); [Jr 2.11](#)). Cristo veio como a encarnação da glória de Deus; Deus estava no meio de seu povo. Quando Cristo ascendeu, ele enviou seu Espírito aos crentes ([Jo 16.7–14](#)) para que Deus pudesse viver no meio de seu povo. O Espírito de glória repousa sobre aqueles que sofrem pelo nome de Cristo ([1Pe 4.14](#)); esse Espírito é a garantia da herança gloriosa dos santos ([Rm 8.16–17](#)).

Deus deu ao seu povo a esperança da glória ([Rm 5.2](#); [Fp 3.21](#); [Cl 1.27](#); [Id 1.24–25](#)). Aqueles a quem ele escolheu ele também glorificará ([Rm 8.30](#); [9.23](#)); eles compartilharão na glória de Cristo ([Cl 3.4](#); [2Ts 2.14](#); [2Tm 2.10](#)). Os sofrimentos desta era não se comparam com a glória que será revelada ([Rm 8.18](#); [2Co 4.17](#)). Toda a criação deseja ver a liberdade gloriosa dos filhos de Deus ([Rm 8.21](#)). Esta esperança de glória é tão certa que Pedro pode falar de participar dela mesmo agora ([1Pe 5.1](#)) enquanto espera essa glória eterna (v. [10](#)). Como participantes na glória de Cristo, a igreja é chamada para glorificar a Deus. Por causa da esperança que está neles, eles se purificam ([1Jo 3.3](#)).

Veja também Gloriar-se; Deus, Ser e Atributos de; Coluna de Fogo e Nuvem; Shekinah; Teofania; Riqueza.

Glorificação

Uma expressão da glória e do esplendor de Deus.

Em hebraico, a palavra para “glória” originalmente significava “peso” ou “importante”. Com o tempo, passou a descrever alguém influente, rico ou poderoso. Nos tempos antigos, pessoas ricas e poderosas usavam roupas finas e joias. Por causa disso, a glória de uma pessoa referia-se aos sinais visíveis de sua riqueza e poder. Glória também passou a significar beleza porque roupas finas e joias eram bonitas. Essa ideia de glória foi posteriormente estendida a Deus.

Glória de Deus

No Antigo Testamento, a glória de Deus refere-se a algo claro e evidente sobre Ele. O livro de Êxodo contém muitas referências à glória de Deus. Por exemplo, havia a coluna de fogo, e a glória de Deus entrou no santo dos santos no tabernáculo (veja [Ex 40.34-38](#)).

Quando o tabernáculo estava sendo construído ([Ex 25-27](#)), glória e beleza estavam conectadas. Alguns acreditam que a "bondade" do Senhor que Moisés viu ([Ex 33.19](#)) também poderia ser traduzida como "beleza". Portanto, a glória de Deus também pode significar sua beleza.

O Novo Testamento continua a ideia do Antigo Testamento de que Deus é cheio de glória (veja a visão de Deus em sua glória em [Ap 4](#)). No entanto, o Novo Testamento foca mais na glória de Cristo. A transfiguração de Cristo mostrou sua glória abertamente ([Mt 17.1-8](#)). O apóstolo Paulo chamou Jesus de Senhor da glória ([1Co 2.8](#)) e disse que a glória de Deus brilhava em seu rosto ([2Co 3.18](#)). O Evangelho de João é especialmente conhecido como o "Evangelho da Glória". Na encarnação (quando o Filho de Deus se tornou humano), Jesus mostrou a glória que tinha como o único Filho do Pai ([Jo 1.14](#)). A ressurreição de Lázaro foi outro exemplo da glória de Deus demonstrada através de Cristo ([Jo 11.40](#)). Em [Jo 17](#), Jesus orou a respeito da sua glória e disse que seus discípulos também compartilhariam dela.

Glorificação do crente

Em [2Co 3.18](#), a transformação espiritual é descrita como ser transformado "de glória em glória". A glorificação é o passo final nessa transformação. No processo de salvação, Paulo lista a glorificação como o último evento ([Rm 8.28-30](#)). O verbo usado em [Rm 8.30](#) está no passado, o que sugere a certeza e a finalidade da glorificação. A glorificação é a conclusão, perfeição e plena realização da salvação.

A glorificação é encontrada na santificação perfeita (o processo de se tornar santo) à medida que se relaciona com o caráter interior de uma pessoa. Nenhuma passagem singular na Bíblia cobre este tema em detalhe, mas [Ef 5.27](#) oferece um bom resumo. Nesta passagem, Paulo escreveu sobre apresentar a igreja a Cristo. O que Paulo diz sobre a igreja aplica-se a cada cristão. Jesus apresentará a igreja a si mesmo "sem mancha ou ruga ou qualquer outra imperfeição, mas santa e irrepreensível". Da mesma forma, em [2Tm 2.10](#), Paulo diz: "Suporte todas as coisas por causa dos

eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna".

Assim como o caráter interior de um crente é glorificado, o seu corpo também o é. Paulo chama a ressurreição do corpo de "redenção dos nossos corpos" ([Rm 8.23](#)). Em [Fp 3.21](#), Paulo fala sobre transformar nossos corpos de humilhação (corpos enfraquecidos pelo pecado e mortalidade) em corpos de glória como o de Cristo. O poder que fará isso é o mesmo poder de Deus que controla tudo.

A discussão mais detalhada sobre a glorificação do corpo é encontrada em [1Co 15](#), com detalhes adicionais em [2Co 5](#). O tema de Paulo em [1Co 15](#) é que, da mesma maneira que os cristãos têm os corpos mortais de Adão, eles terão corpos imortais assim como o Filho de Deus. Paulo contrasta esses dois corpos. O corpo atual pode ser destruído, mas o corpo da ressurreição será imperecível. O corpo atual é desonroso, mas o corpo da ressurreição será glorioso. O corpo atual é fraco, mas o corpo da ressurreição será poderoso. O corpo presente pertence a este mundo físico, mas o corpo da ressurreição pertencerá ao futuro, mundo espiritual e eterno.

A salvação envolve:

- Justificação (ser considerado justo)
- Regeneração (ser feito novo)
- Santificação (tornar-se santo)

Na vida futura, está incluída a glorificação do ser interior e a ressurreição do corpo em glória. Uma pessoa glorificada também deve viver em um ambiente glorificado. Portanto, a Bíblia termina com uma descrição de um novo céu glorioso, uma nova terra e uma nova Jerusalém.

Veja também Glória; Ressurreição.

Glossolalia

Transliteração de uma expressão grega que significa "falar em línguas." *Veja Línguas, Falar em.*

Gnosticismo

Pensamento religioso caracterizado por reivindicações de conhecimento obscuro e místico, que enfatiza o conhecimento em vez da fé. Até meados do século 20, o gnosticismo era considerado uma heresia cristã que se desenvolveu

através da interligação da experiência e do pensamento cristão com a filosofia grega. Mais recentemente, muitos estudiosos definem os gnósticos de forma mais ampla como devotos de uma visão religiosa que incorporou ideias de muitas tradições religiosas. Os significados desses termos e práticas emprestados foram moldados em expressões mitológicas de salvação experencial.

Gnosticismo como heresia

Durante o século 20, muitas descobertas de documentos gnósticos permitiram aos estudiosos definir o gnosticismo com mais precisão. Antes do século 20, a maior parte das informações disponíveis sobre os gnósticos vinha de escritores cristãos primitivos (heresiologistas) que escreveram tratados contra hereges e, no processo, descreveram algumas de suas crenças e práticas. Esses heresiologistas, como Irineu, Tertuliano e Hipólito, viam os gnósticos como distorcedores do cristianismo. Os gnósticos desenvolveram muitas interpretações errôneas da Bíblia, especialmente do relato da criação e do Evangelho de João. De fato, os escritores gnósticos Heracleão e Ptolomeu são os primeiros comentaristas conhecidos do quarto evangelho. A indignação dos apologistas cristãos é bem resumida por Irineu quando ele compara o intérprete gnóstico a alguém que rasga uma bela imagem de um rei e depois a reestrutura em uma imagem de uma raposa.

Aparentemente, vários gnósticos continuaram como membros de igrejas locais e alguns ocuparam altos cargos. De fato, há especulação de que Valentim pode ter sido considerado um possível candidato a bispo em Roma. Além disso, Marcião, o lendário herege cristão, reinterpretou Paulo de tal forma que o Deus do Antigo Testamento se tornou o deus do mal e Cristo se tornou o mensageiro do bom Deus da graça. Muitas tendências heréticas gnósticas foram associadas a Marcião, que desenvolveu seu próprio cânone censurado do Novo Testamento e, assim, forçou os cristãos a reagirem, esclarecendo seu próprio cânone. O historiador cristão primitivo Eusébio (m. d.C 339), que extraiu algumas das primeiras obras perdidas de heresiologistas como Hegésipo, também fornece insights sobre a hostilidade dos cristãos contra vários gnósticos como Marcião, Basílides, Taciano, Satornil, Dósitheo e o chamado pai de toda heresia, Simão o feiticeiro.

Tipos de gnósticos

1. O tipo iraniano de mito gnóstico que surgiu na Mesopotâmia é uma adaptação do zoroastrismo. Os mitos são construídos com um dualismo horizontal no qual os poderes opostos do bem (luz) e do mal (escuridão) são considerados relativamente iguais em força. Na primeira fase do mito, um segmento da luz é capturado pela escuridão ciumenta quando a luz transcende a si mesma e alcança o reino ocupado pela escuridão. A captura da luz era vista por alguns estudiosos como a "queda" cósmica iraniana. Como os gnósticos geralmente são identificados com as partículas de luz capturadas, uma tarefa importante de seus mitos é descrever o processo pelo qual as partículas de luz (encapsuladas nos corpos dos gnósticos) são liberadas. O corpo, ou "carne" no sentido grego, é meramente uma cobertura ou tumba sem valor, enquanto o espírito — o brilho no homem ligado ao divino — é a parte que busca a libertação e o retorno à bem-aventurança celestial. No sistema iraniano, as forças da luz se reagrupam e fazem um contra-ataque parcialmente bem-sucedido contra as forças das trevas. Então, principalmente através do trabalho de força de um mensageiro de fora que ganhou uma posição no mundo, as forças do bem são capazes de desafiar o trabalho dos captores malignos e fornecer conselhos (*gnose*) aos seus devotos. Esta *gnose* leva à salvação ou libertação.

2. O tipo sírio de mito gnóstico, que surgiu principalmente na Síria, Palestina e Egito, é mais complexo e envolve um dualismo vertical. Neste sistema, há apenas um ser supremo ou grupo de divindades (não dois como no sistema horizontal). Seu dualismo é geralmente explicado como resultado de uma falha ou erro no bem. O erro no bem, por exemplo, é frequentemente atribuído ao membro menos importante do panteão do bem. A divindade culpada é geralmente designada como Sofia (o termo grego para "sabedoria", que indica a baixa opinião dos gnósticos sobre a busca dos filósofos gregos pela sabedoria). Este mito gnóstico detalha como, em vez de se contentar com sua posição na vida, a Sabedoria deseja a Profundidade Suprema. Como este deus supremo não pode tolerar distorção e fraqueza na divindade, ele deve excluir o desejo da Sabedoria do reino celestial. Este desejo é exilado para um céu inferior, é personificado como a Sabedoria Inferior (às vezes chamada de demíurgo), e se torna o criador do mundo. Como divindades menores, o criador e os deuses subordinados (frequentemente chamados de destinos) são incapazes de perceber o reino celestial superior e falsamente se consideram

supremos. A divindade superior manobra astutamente a Sabedoria Inferior na criação dos seres humanos e dá vida a eles através do processo de transmissão do sopro da vida. Inconscientemente, no ato da criação, a Sabedoria Inferior não apenas dá vida aos seres humanos, mas também transmite as partículas de luz divina. Assim, com a ajuda de um salvador —um mensageiro de fora de conhecimento enviado pela divindade superior e frequentemente designado como Jesus — a humanidade é capacitada a perceber ainda mais do que o criador e a conquistar o estupor espiritual que se abateu sobre ela quando seu espírito foi encerrado pelo criador em um corpo terrestre.

Como resultado da divisão dentro da divindade neste sistema, a história bíblica do Jardim do Éden é radicalmente reinterpretada. O criador fornece uma árvore da vida (que é um equívoco) e, na verdade, oferece escravidão à humanidade. O deus inferior também proíbe o acesso à árvore do conhecimento (*gnose*), que aparece em sua criação sem sua autorização, sendo fornecida pela divindade superior com o propósito de despertar os gnósticos para o estado de onde vieram.

Como apenas as pessoas que possuem partículas de luz podem ser salvas, o processo de salvação na maioria dos mitos gnósticos é determinista. Além disso, a salvação realmente ocorre no final da vida do gnóstico, quando ele busca escapar do mundo criado. Durante essa fuga, o gnóstico se desfaz dos elementos criados do corpo de seu espírito e ascende através dos destinos até o reino celestial.

Com relação a ambos os sistemas de gnosticismo, descobertas recentes esclareceram nossa compreensão dos mitos. Novas fontes primárias para o tipo iraniano de gnosticismo tornaram-se disponíveis durante a primeira metade do século 20 e incluem a publicação de um saltério maniqueísta (1938) e um livro maniqueísta de homilias (1934). Novas fontes primárias para o tipo sírio de gnosticismo foram disponibilizadas através da publicação do manuscrito de Berlim em 1955, mas, mais significativamente, nosso conhecimento aumentou recentemente através dos códices descobertos, geralmente designados como os manuscritos de Nag Hammadi.

Entendendo o propósito gnóstico

Talvez um dos maiores desafios para os leitores não familiarizados com o gnosticismo seja compreender o propósito dos mitos gnósticos. Os mitos frequentemente parecem tão estranhos que

os leitores são levados a se perguntar como alguém inteligente poderia acreditar em histórias tão fantásticas. No entanto, é importante perceber que os autores dos mitos estavam tentando comunicar elementos das relações inexplicáveis entre o humano e o divino.

A presença do mal no mundo e sua relação com um Deus bom tem desafiado as mentes dos maiores teólogos e filósofos da história. Os gnósticos criaram sua resposta para o problema do mal ao atribuir a culpa deste mundo ao próprio Deus ou a divisões dentro do reino divino. Ao separar o bem do mal, era possível decidir o próprio destino pelas alianças que se faziam.

O papel do mal era visto como tão forte neste mundo que os gnósticos, assim como os filósofos gregos antes deles, concluíram que o mundo era um contexto sem esperança para a vitória do bem. Consequentemente, eles abandonaram o mundo ao deus maligno e desenvolveram uma teologia que se concentrava na salvação como o processo de fuga do mundo. Sua teoria também proporcionava uma salvação enquanto na terra: Como os gnósticos continham partículas de luz divina, eles eram de fato imortais, e seus espíritos, embora existissem em um contexto maligno, não seriam contaminados em última instância. O corpo e todos os seus desejos lascivos e animais inferiores seriam descartados do espírito à medida que ele ascendesse pelos reinos da divindade inferior para se reunir com o reino espiritual divino após a morte. Alguns gnósticos, de fato, levaram a ideia de não contaminação a extremos ridículos e criaram sistemas onde as relações sexuais com várias pessoas representavam encontros divino-humanos — "quanto mais, melhor!". Outros tendiam a afirmar tendências mais ascéticas, buscando conformar o corpo miserável ao estilo de vida do espírito incorruptível.

Uma das realidades que os intérpretes gnósticos enfrentaram foi o fato de que nem todos aceitavam suas teorias. Assim, eles criaram métodos míticos para distinguir entre vários tipos de pessoas. Usando ideias sugeridas por Paulo em [1 Coríntios 2](#) e [Romanos 8](#), os gnósticos desenvolveram uma categorização altamente sofisticada de pessoas. As pessoas pneumáticas, ou espirituais (ou seja, gnósticas), eram divinas em origem, sendo de partículas de luz. As pessoas sárquicas, ou carnais, eram formadas totalmente pelas substâncias feitas pelo criador e nunca poderiam herdar o reino divino. Os cristãos que eles viam como lutando para serem obedientes à mensagem bíblica, no

entanto, eram uma espécie de mistura. Eles precisavam desesperadamente trabalhar sua salvação e, se fossem obedientes como pessoas psíquicas, poderiam obter alguma forma de aceitação. Esse elitismo dos gnósticos e sua distorção da mensagem cristã explicam a hostilidade dos cristãos contra os gnósticos.

Os mitos eram as formulações metodológicas que os gnósticos usavam para expressar seus conceitos teológicos. Para entendê-los, o leitor precisa da chave da gnose, ou conhecimento. A interpretação dos mitos era, na verdade, um tipo inicial de desmitologização, não muito diferente do processo que Rudolf Bultmann, um teólogo e estudioso do NT do início do século 20, empregou na interpretação da Bíblia. Os escritores gnósticos estavam entre as mentes mais brilhantes de sua época. Sua criatividade deve ser admirada. Sua teologia, no entanto, deve ser rejeitada como uma distorção da mensagem bíblica. *Veja Manuscritos de Nag Hammadi.*

Goa

Local mencionado em conexão com a colina de Garebe, até onde a cidade restaurada de Jerusalém se estenderá. Goa está situada ao sul de Garebe ([Ir 31.39](#), ARC "Goá").

Gobe

Um lugar onde Davi e seus homens lutaram contra os filisteus em duas batalhas ([2Sm 21.18-19](#)). No relato semelhante encontrado em [1 Crônicas 20.4](#), o local é chamado de Gezer em vez de Gobe.

Gogue

1. Rubenita, filho de Semaías ([1Cr 5.4](#)).

2. Indivíduo descrito como o príncipe de Meseque que governava a terra de Magogue ([Ez 38.2-21; 39.1-16](#)). Magogue era evidentemente um território localizado longe da Palestina, cujos habitantes atacariam Jerusalém em uma tentativa final de derrubar o povo de Deus. O Senhor, através de Ezequiel, prometeu a Gogue uma derrota catastrófica.

Tentativas de identificar Gogue com algum governante histórico não têm sido convincentes. Giges da Lídia, que expulsou invasores cimérios, foi

sugerido, mas igualmente prováveis são Gaga, mencionado nas tábucas de Amarna, e Gagi, rei da cidade-estado de Sabi. Alguns mantiveram uma interpretação mitológica, na qual Gogue é um símbolo do mal que se opõe ativamente ao bem. Certamente Gogue — conectado nas Escrituras com nações ímpias como Gomer, Pute, Pérsia, Seba e Társis — é retratado como liderando uma aliança de potências mundiais em oposição a Deus. Gogue também aparece em Apocalipse ([20.7-9](#)), onde Satanás mobiliza Gogue e Magogue (ou seja, as nações do mundo) contra os santos de Deus em uma batalha final. Uma visão literal contempla um ataque a Jerusalém por forças hostis (cf. [Zc 14](#)), enquanto uma interpretação simbólica vislumbra um conflito climático entre o bem e o mal.

Goim

1. Pessoas ou região mencionada em [Gênesis 14.1,9](#) como governada por um rei chamado Tidal. A palavra é traduzida de várias formas como "nações" e "Goim" (NTLH). Tidal, junto com outros três reis — Anrafel de Sinar, Arioque de Elasar e Qedorlaomer de Elão — atacaram várias cidades no Vale de Sidim perto do Mar Morto ([Gn 14.3](#)). Eles derrotaram os cinco reis da região do vale, saquearam suas cidades e capturaram Ló, sobrinho de Abraão, que vivia em Sodoma (v. [12](#)). Quando Abraão soube disso, reuniu seus soldados, perseguiu os reis vitoriosos, derrotou-os e resgatou Ló (vv. [13-16](#)).

2. Pessoas mencionadas em conexão com a vitória de Josué sobre um rei desconhecido de Goim ([Js 12.23](#)). A localização desses povos é incerta, já que o versículo menciona "Gilgal" no texto hebraico e "Galileia" na Septuaginta.

Goim

Tradução alternativa para o povo derrotado por Josué a oeste do Jordão ([Js 12.23](#)). *Veja Goiim #2.*

Golã

Cidade é um distrito no território dado a Manassés em Basã. Foi a cidade de refúgio mais ao norte a leste do Rio Jordão ([Dt 4.43; Js 20.8](#)), dada à família levita de Gérson ([Js 21.27; 1Cr 6.71](#)). De identificação incerta, era conhecida por Josefo como uma área fértil, e por Eusébio como uma vila.

A melhor sugestão atual a coloca em Sehem el-Jolan, a leste do rio el-'Allan.

Veja também Cidades refúgio; Cidades levíticas.

Golfo de Ácaba

O ramo oriental do Mar Vermelho separa a Arábia Saudita da Península do Sinai. O Mar Vermelho possui dois golfos ao norte. A largura do golfo varia de 19 a 27 quilômetros e seu comprimento é de 161 quilômetros.

A cidade portuária de Elate (ou Eloth) está localizada no extremo norte do Golfo de Ácaba. Ela é mencionada no relato dos 40 anos de peregrinação dos israelitas no deserto ([Dt 2.8](#)). Do seu porto de Eziom-Geber, o Rei Salomão enviou navios pelo Golfo de Ácaba até Ofir ([1Rs 9.26-28](#)).

Gólgota

Gólgota é o lugar onde Jesus e dois ladrões foram crucificados. Ficava perto de Jerusalém. O nome aparece no Novo Testamento apenas nas narrativas da morte de Jesus. Três dos Evangelhos usam a palavra hebraico-aramaica, "Gólgota" ([Mt 27.33](#); [Mc 15.22](#); [Jo 19.17](#)). Lucas usa "Calvário," que significa "crânio" ([Lc 23.33](#)).

Por que era chamado de "o crânio"?

Não sabemos ao certo por que este lugar era chamado de "o crânio." Diferentes explicações foram dadas:

- Jerônimo, um professor cristão que viveu de 346 a 420 d.C., relatou uma história sobre um lugar onde muitas pessoas foram mortas, e seus crâneos foram deixados lá. No entanto, não temos provas disso do tempo de Jesus.
- Algumas pessoas acreditam que era chamado de "crânio" porque era um lugar de morte, usando o crânio como símbolo da morte. Orígenes, um escritor cristão primitivo que viveu de 185 a 253 d.C., menciona uma antiga tradição pré-cristã que afirma que o crânio de Adão foi enterrado lá. Esta é provavelmente a explicação mais antiga conhecida para o nome. Outros escritores após Orígenes também se referem a essa tradição.
- Outros sugeriram que o lugar recebeu esse nome porque tinha a forma de um crânio. No entanto, não temos prova disso, e o Novo Testamento não o descreve como uma colina.

Onde ficava o Gólgota?

Hoje em dia, as pessoas não concordam sobre a localização exata do Gólgota. A Bíblia nos fornece várias pistas sobre onde ele ficava:

- Ficava fora da cidade ([Jo 19.20](#); [Hb 13.12](#)).
- Pode ter estado em um terreno elevado, já que as pessoas podiam vê-lo de longe ([Mc 15.40](#)).
- Talvez ficasse perto de uma estrada porque são mencionadas pessoas "que passavam" ([Mt 27.39](#); [Mc 15.29](#)).
- A história de João o coloca perto de um jardim com o túmulo onde Jesus foi sepultado ([Jo 19.41](#)).
- O uso de "o" antes de "lugar" em "o lugar do crânio" sugere que era um local bem conhecido.

Buscas posteriores pelo Gólgota

As pessoas não pareciam interessadas em encontrar o Gólgota até por volta de 300 d.C. Eusébio, um historiador cristão que viveu em Jerusalém por vários anos, escreveu que o imperador Constantino pediu ao bispo Macário que encontrasse o local onde Jesus foi morto e sepultado.

De acordo com histórias posteriores, a rainha Helena teve um sonho que levou o bispo ao local. O lugar que ele escolheu tinha um templo de Afrodite construído pelo imperador Adriano. Constantino destruiu o templo. A história diz que ele encontrou pedaços da cruz de Jesus lá. Nesse local, ele construiu duas igrejas. É onde está a Igreja do Santo Sepulcro hoje. Embora tenha sido destruída e reconstruída muitas vezes, as pessoas aceitaram este lugar desde a época de Constantino.

Em 1842, um estudioso chamado Otto Thenius sugeriu uma localização diferente. Ele acreditava que o Gólgota era uma colina rochosa cerca de 228,5 metros a nordeste do Portão de Damasco (um dos portões da cidade de Jerusalém). Ele pensava que este era o local correto porque:

- As pessoas disseram que era onde ocorreram execuções de judeus,
- ficava fora da muralha da cidade, e
- A colina parecia um crânio.

Mais tarde, o general Charles Gordon também apoiou este local, que ficou conhecido como "Calvário de Gordon".

Veja também Crucificação.

Golias

Golias foi um guerreiro filisteu da cidade de Gate que viveu no século 9 a.C. Ele desafiou o exército israelita para a batalha ([1Sm 17](#)). O jovem Davi mais tarde o derrotou, derrubando-o com uma pedra de sua funda e depois cortando sua cabeça.

Golias tinha mais de 2,7 metros de altura. Ele usava uma armadura que pesava cerca de 56 quilogramas. Ele carregava uma lança que pesava 6,8 quilogramas. Após a morte de Golias, sua espada foi mantida em Nobe e mais tarde foi dada a Davi ([1Sm 21.9](#); [22.10](#)).

Golias pode ter sido um descendente dos enaquim (veja [Is 11.22](#)). Os enaquim eram conhecidos por sua altura incomum. Outra possibilidade é que a altura extrema de Golias tenha sido causada por uma condição médica (um crescimento na glândula pituitária em seu cérebro).

Há uma diferença nos relatos bíblicos sobre quem matou Golias. [2Sm 21.19](#) diz que Elanã matou Golias. No entanto, [1Cr 20.5](#) diz que Elanã na verdade matou o irmão de Golias.

Goma

Nome geral para tragacanto, usado no comércio e obtido da seiva de arbustos do gênero *Astragalus* ([Gn 43.11](#)). Esses arbustos crescem amplamente no Oriente Próximo. A goma do *Astragalus tragacantha* ainda é usada comercialmente. Veja Plantas (Aloé; Bálamo; Mirra).

Gômer

1. Filho de Jafé, que era filho de Noé ([Gn 10.2](#); cf. [1Cr 1.5](#)). Ele teve três filhos: Asquenaz, Rírate e Togarma ([Gn 10.3](#); [1Cr 1.6](#)). Ele é o progenitor dos antigos Cimerianos, que, segundo a profecia de Ezequiel, se uniram a Gogue, o líder dos magogitas, em um esforço para exterminar Israel ([Ez 38.6](#)).

2. A filha de Diblaim, uma prostituta, que então se tornou esposa de Oseias por comando divino. Após dar filhos a Oseias, ela recaiu na imoralidade, mas foi redimida. Seu comportamento serviu como uma ilustração da infidelidade de Israel a Deus ([Os 1-3](#)).

Veja também Oseias (Pessoa).

Gômer

Uma unidade de medida usada na coleta de maná ([Êx 16.16,18,22,36](#)).

Veja Pesos e medidas.

Gomorra

Uma das "cidades do vale" destruída por Deus devido à sua maldade ([Gn 19](#)). Veja Cidades da Planície; Sodoma e Gomorra.

Górgias

Um dos três generais escolhidos por Lísias, que era "governador do reino, até os limites do Egito, e da Ásia Menor, e alcançando desde o rio Eufrates", segundo Josefo, antigo historiador judeu. Os três, Ptolomeu filho de Dorímenes, Nicanor e Górgias, são descritos como "homens poderosos entre os amigos do rei" ([1Mc 3.38](#)). Eles foram comissionados para ir a Judá e destruí-la, mas foram completamente derrotados, embora superassem em muito as forças de Judas Macabeu ([4.1-22](#)). Em outra ocasião, José e Azarias foram derrotados quando desobedeceram às ordens de Judas e atacaram Górgias em Jâmnia ([5.56-60](#)). É provável que Jâmnia seja a leitura correta para Idumeia, que é encontrada em [2 Macabeus 12.32](#).

Gortina

Gortina era uma cidade na ilha de Creta. Está na lista de lugares para onde os romanos enviaram cartas ([1Mc 15.23](#)). Essas cartas instruíam reis e países a não prejudicarem o povo judeu ([15.19](#)).

No início da história grega, Gortina se uniu a outra cidade chamada Cnossos para controlar Creta. No entanto, essas duas cidades logo começaram a lutar entre si. Quando os romanos assumiram o controle da área, fizeram de Gortina a capital de Creta.

Em 1884, pesquisadores fizeram uma descoberta importante em Gortina. Eles encontraram um conjunto de leis antigas do século V a.C. chamado código legal de Gortina.

Gortina ficava perto de um lugar chamado Bons Portos. Assim, o apóstolo Paulo pode ter pregado as boas-novas sobre Jesus aos residentes judeus lá durante sua viagem a Roma ([At 27.8-9](#)).

Gósen

1. Região geográfica no Egito ocupada pelos israelitas durante sua permanência no Egito, desde a época de José até o êxodo. [Gn 46-47](#) nos fornece várias informações sobre Gósen: (a) Era uma parte definida do Egito. (b) Foi o lugar onde José encontrou seu pai após anos de separação, quando Jacó mudou sua família para o Egito. (c) Era uma área boa para pastagem de rebanhos. Gósen foi associada aos cultos de touros egípcios e era importante para a criação de animais. Em um período, os príncipes de Tebas enviaram seu gado para o Delta para pastar, mesmo que estivesse sob controle dos hicsos. Provavelmente, gado sagrado também era pastoreado lá pelos egípcios. (d) É chamada de "a melhor da terra" em dois versículos diferentes ([Gn 47.6,11](#)) e é identificada como a "terra de Ramessés." (e) Provavelmente tinha um posto militar em sua fronteira oriental e pode não ter sido densamente habitada por egípcios.

O nome Gósen não é de origem egípcia, mas semítico, e atesta a ocupação da região por semitas antes do Novo Reino do Egito. A Septuaginta lê "Gesem da Arábia" em vez de "terra de Gósen" em [Gn 45.10](#) e [46.34](#). Ptolomeu, o geógrafo, disse que Arábia era um nome egípcio para a fronteira oriental do Delta do Nilo, o que explicaria a terminologia da Septuaginta.

Gósen era uma região de cerca de 900 milhas quadradas (1.448,1 quilômetros quadrados), composta por dois distritos. A metade ocidental se estendia de Zoã a Bubastis, uma distância de cerca de 35 milhas (56,3 quilômetros) de norte a sul. Este distrito era uma planície irrigada, contendo algumas das terras mais férteis do Egito. Tem cerca de 15 milhas (24,1 quilômetros) de largura no Mar Mediterrâneo e se estreita para cerca de 10 milhas (16,1 quilômetros) entre Zagazig e Tell el-Kebir ao sul. O setor oriental contém uma grande área desértica entre a Planície do Nilo e o Suez. À medida que se estende para o sul de Daphnai até o Wadi Tumilat, aumenta em largura para cerca de 40 milhas (64,4 quilômetros) de leste a oeste. Ao sul desta seção, mais área desértica se estende até o Suez ao sul e dos Lagos Amargos no leste até Heliópolis no oeste. A disposição física de Gósen é importante para determinar a rota do êxodo. Dada

a descrição acima, o Wadi Tumilat teria sido a rota mais lógica para o Mar Vermelho para pessoas que estavam conduzindo rebanhos e manadas. A rota teria levado do lado sul do campo de Zoã perto de Bubastis, leste da borda do deserto e a cabeceira dos Lagos Amargos.

2. Área no território conquistado e ocupada pelos israelitas sob Josué ([Js 10.41](#), país de Gósen; [Js 11.16](#), terra de Gósen). Provavelmente estava na região montanhosa de Judá entre Hebron e o Neguebe.

3. Cidade no território de Judá ([Js 15.51](#)). Pode ter sido a cidade central do distrito discutido no item 2 acima, mas isso é incerto.

Governador

Na Bíblia, o termo "governador" é traduzido a partir de pelo menos dez palavras hebraicas diferentes e cinco palavras gregas. As traduções da Bíblia para o inglês nem sempre usam a mesma palavra para esses termos. Elas frequentemente utilizam muitos títulos para descrever a mesma palavra hebraica, como:

- Supervisor
- Oficial
- Líder
- Juiz
- Chefe

O mesmo problema aparece na Septuaginta (o Antigo Testamento em grego).

Um governador era uma pessoa de alta patente com autoridade sobre pessoas, terras ou ambos. Às vezes, o posto e o poder de um governador vinham do próprio cargo. Outras vezes, eram baseados em nascimento nobre, riqueza ou conquistas públicas. Um governador geralmente obtinha sua autoridade de um rei, tornando-se um representante na área que governava. Isso era verdade para figuras como:

- José ([Gn 42.6](#))
- Gedalias ([Jr 40.5](#))
- Daniel ([Dn 2.48](#))
- Zorobabel ([Ag 1.1](#))

No entanto, uma palavra hebraica para "governador" também poderia significar

"governante absoluto" ([Js 12.2](#)) ou uma pessoa agindo sob a autoridade de outra.

O termo mais comum do Antigo Testamento para "governador" provavelmente vem de uma frase acadica que significa "Senhor de um distrito". Esses governadores geralmente usavam poder militar para manter o controle ([2Rs 18.24](#); [Ne 2.7](#); [Jr 51.23,28](#)). Durante os períodos persa e grego, um governador chamado "sátrapa" era provavelmente um oficial civil. Antes do exílio babilônico, o líder de uma cidade-estado era frequentemente chamado de "governador" ([1Rs 22.26](#); [2Cr 34.8](#)). O escritor do [Sl 22.28](#) usou o título para descrever Deus como o governante de seu povo. Um oficial do templo que colocou o profeta Jeremias no trono (uma forma de punição) também era chamado de "governador" (às vezes traduzido como "oficial"). Um governador militar provavelmente comandava uma ou mais unidades de soldados. Em alguns casos, "governador" era um título especial, como visto em [Ed 2.63](#) e [Ne 7.65](#).

Problemas de tradução do grego também são comuns. As diferentes palavras gregas usadas para "governador" frequentemente se referiam a diferentes níveis de liderança. Isso é evidente com termos como "etnarca" ([1Mc 14.47](#); [2Co 11.32](#)), que significa alguém que governava como um representante de um rei. Outras palavras referiam-se a oficiais provinciais romanos. Esses governadores são mencionados nos escritos do Novo Testamento ([Mt 10.18](#); [Lc 2.2](#); [3.1](#); [At 23.24](#); [1Pe 2.14](#)) e eram responsáveis por manter a lei e a ordem em suas áreas. Nos tempos do Novo Testamento, a Judeia estava sob o controle do governador da Síria. Na versão King James em inglês, o termo "governador" às vezes é usado de uma maneira antiquada. Por exemplo: o "governador" na versão King James de [Tg 3.4](#) refere-se ao piloto de um navio.

Governante

O termo possui muitos significados. Ele traduz 13 palavras hebraicas e 3 palavras gregas.

Em um sentido político, um governante era aquele que controlava um estado ([2Cr 7.18](#); [Sl 105.20](#); [Pv 23.1](#); [28.15](#); [Ec 10.4](#); [Is 14.5](#); [16.1](#); [49.7](#); [Jr 33.26](#); [51.46](#); [Mq 5.2](#)), ou um estado que controlava um povo ([Jz 15.11](#)). O termo usual para governante era "rei". No entanto, muitos em Israel preferiam o termo hebraico traduzido como "líder", significando "aquele colocado à frente". Isso se

devia às associações desagradáveis com o rei. Por exemplo, Samuel rejeitou o primeiro termo, mas usou o segundo ([1Sm 9.16; 10.1; 13.14; 25.30; 2Sm 5.2; 6.21; 7.8](#)). Outras palavras hebraicas são traduzidas como "governante". No entanto, a maioria das traduções modernas prefere alternativas a este termo mais genérico.

No Novo Testamento, a palavra grega para "governante" refere-se a líderes administrativos ou religiosos (veja [Mt 9.18,23; Lc 8.41; 18.18; 23.35; 24.20; Jo 3.1; 7.26,48; 12.31; At 3.17; 4.5,26; 7.27,35; 13.27; 14.5; 16.19; 23.5; Rm 13.3](#)). [Efésios 6.12](#) menciona os governantes das trevas deste mundo.

Veja também Rei.

Gozã

Cidade e distrito perto do Rio Eufrates. O Rio Habor (moderno Khabur) passava por ele. Os assírios o conquistaram algum tempo antes da invasão de Senaqueribe a Judá (701 a.C.). Este fato é mencionado por Senaqueribe, rei da Assíria, em uma carta blasfema enviada a Ezequias, rei de Judá ([2Rs 19.12; Is 37.12](#)). Mais tarde, tornou-se um dos lugares na Assíria para onde os israelitas conquistados foram deportados.

Graça

O presente de Deus expresso em suas ações de estender misericórdia, bondade amorosa e salvação às pessoas.

A graça é a dimensão da atividade divina que permite que Deus confronte a indiferença e a rebeldia humanas com uma capacidade inesgotável de perdoar e abençoar. Deus é gracioso em ação. A doutrina da graça divina está na base do entendimento do AT e do NT. No entanto, o AT apenas antecipa se prepara para a expressão completa da graça que se torna manifesta no NT.

Graça no Antigo Testamento

No início da narrativa do AT, Deus se revela como um "Eu sou o SENHOR, o Deus Eterno! Eu tenho compaixão e misericórdia, não fico irado com facilidade, e a minha fidelidade e o meu amor são tão grandes, que não podem ser medidos" ([Êx 34.6](#)). Como resultado, torna-se possível para os humanos imerecedores se aproximarem dele com

a oração: "Senhor, se, agora, achei graça aos teus olhos..." ([Êx 34.9](#), ARA). Através da iniciativa divina, a alienação humana de Deus é transformada por ele em um estado de aceitação imerecida que abre o caminho para a reconciliação e utilidade redentora.

A graça divina já estava operante no Jardim do Éden quando Deus respondeu ao desastre da queda com a promessa de redenção ([Gn 3.15](#)) e cuidado solícito, em vez de abandono ou aniquilação retributiva. O chamado para Abraão era uma extensão da graça, não apenas para ele como indivíduo, mas através dele como um meio de alcance universal. Como parte inseparável da promessa de Deus de bênção individual a Abraão e de uma bênção nacional a seus descendentes, foi dada a indicação de que as bênçãos individuais e nacionais seriam instrumentais para produzir uma bênção universal "a todas as famílias da terra" ([Gn 12.2-3](#)). Consequentemente, tanto a eleição de Abraão quanto a promessa de bênção universal encontram expressão em um pacto dado por Deus, o objeto do qual é estender a graça de Deus a toda a raça humana. Em uma confirmação solene da promessa a Abraão, Deus afirmou: "Eu faço com você esta aliança: prometo que você será o pai de muitas nações... A aliança que estou fazendo para sempre com você e com os seus descendentes é a seguinte: eu serei para sempre o Deus de você e o Deus dos seus descendentes" ([Gn 17.4,7](#)). Esta promessa deveria ser entendida como encontrar satisfação com base na graça, não na raça, para que ela se tornasse aplicável a todos os descendentes de Abraão — não apenas aos crentes judeus, seus descendentes raciais, mas também aos seus descendentes espirituais, crentes de todas as nações que professam uma fé como a de Abraão ([Rm 4.16](#)). Assim, da perspectiva da graça divina, a eleição de Abraão e da nação de Israel não era um fim em si mesma. Era o plano de Deus para estender seus projetos redentores a todos os crentes, de todas as nações. Ao estender sua graça a Abraão, Deus estava estabelecendo os primórdios da igreja, a comunidade da graça.

O exclusivismo divino evidenciado na eleição de Abraão e em se tornar o destinatário da graça de Deus, fornece um modelo para a seleção de todos os indivíduos usados por Deus na história da redenção. Além dos benefícios da graça concedidos a indivíduos como Abraão, Davi, os profetas e mais tarde os apóstolos, em virtude de seu chamado, havia o potencial de suas contribuições para a realização da aliança de Deus em nome da comunidade daqueles que compartilham a fé de

Abraão — a igreja. Nos tratos graciosos de Deus com Israel, com seus patriarcas e seus líderes, Deus estava lançando as bases para seu alcance da graça à igreja universal. As intervenções graciosas de Deus na antiga aliança tinham a intenção de manifestar o ultimato da igreja em seus propósitos redentores. No exercício de seus ministérios, os profetas da antiga aliança sabiam que eles estavam servindo não a si, mas à igreja ([1Pe 1.10-12](#)).

Como uma expressão transitória e mediadora da graça divina, as instituições da antiga aliança possuíam apenas uma validade temporária que foi substituída pelas manifestações finais da graça de Deus na nova aliança ([Hb 8.6-7](#)). Consequentemente, a antiga aliança era para se tornar obsoleta e substituída por uma nova aliança que exibiria a manifestação completa da graça de Deus. A proverbial tensão entre lei e graça se torna inteligível nesta perspectiva. Como a eleição da raça de Israel, a lei (como uma das instituições mais visíveis da antiga aliança) era uma medida temporária da graça divina concedida para antecipar e preparar o pacto da justificação através da graça pela fé em Jesus Cristo ([Gl 3.23-29](#); [Hb 10.1](#)).

Graça no Novo Testamento

O conceito de graça definido como o envolvimento ativo de Deus em nome de seu povo recebe um foco mais nítido no NT. A graça divina se encarna na pessoa de Jesus Cristo, que demonstra visivelmente a natureza dinâmica da graça de Deus e realiza em seu ministério de redenção as promessas da antiga aliança em relação aos tratos graciosos de Deus com a humanidade ([Jo 1.14.17](#)).

A graça de Deus manifestada em Jesus Cristo permite que Deus perdoe os pecadores e os reúne na igreja, a comunidade da nova aliança. Durante seu ministério, Jesus pronunciou repetidamente as palavras de perdão em um grande número de pecadores e ministrou o socorro benevolente de Deus a uma variedade de necessidades humanas desesperadas. Através de ensinamentos como o perdão do pai ao filho pródigo e a busca pelas ovelhas perdidas, Jesus deixou claro que ele havia vindo para buscar e salvar aqueles que estavam perdidos. Mas, em última análise, foi sua morte redentora na cruz que abriu bem o portão da salvação para os pecadores arrependidos encontrarem acesso à graça perdoadora e restauradora de Deus. Esta verdade simples é formulada na doutrina da justificação pela fé através da graça ([Rm 3.23](#); [Tt 3.7](#)). De acordo com

este ensino, a provisão graciosa de Deus da morte substitutiva de Cristo o capacita a pronunciar um veredito de “justo” ou “não culpado” sobre pecadores arrependidos e incluí-los em seus propósitos eternos. Como resultado, eles entram no reino da atividade graciosa de Deus, o que os permite implementar o processo de santificação individual em cooperação com o Espírito Santo.

A graça de Deus manifestada em Jesus Cristo também permite que Deus conceda aos crentes benefícios imerecidos que enriquecem suas vidas e os unem na igreja, o corpo de Cristo. Sua aceitação com base na graça os beneficia a uma nova posição de filhos de Deus, membros da família de Deus, para que eles se relacionem com ele como com seu Pai celestial ([Gl 4.4-6](#)). Consequentemente, eles se tornam membros de uma comunidade onde as distinções de raça, clãs e sexo são irrelevantes, uma vez que todos eles se tornaram igualmente herdeiros da promessa duradoura de Deus a Abraão de bênção universal ([3.28-29](#)). A fim de enriquecer suas vidas individuais e assegurar a utilidade de sua participação na vida da nova comunidade, o Espírito Santo graciosamente energiza os crentes com uma variedade de dons para o desempenho dos ministérios projetados para beneficiar a igreja ([Rm 12.6-8](#)). Acima de tudo esses ministérios são o do apóstolo, em si intimamente ligado à provisão graciosa de Deus ([1.5; 15.15-16](#)), uma vez que se combina com o ministério dos profetas da antiguidade para fornecer a estrutura fundamental da igreja ([Ef 2.20](#)). Como as riquezas da graça divina são livremente esbanjadas sobre os crentes em sua vida comunitária na terra ([1.7-8](#)), a igreja levada para a eternidade demonstrará, por sua própria existência, as riquezas imensuráveis da graça de Deus em Jesus Cristo ([2.6](#)).

Finalmente, a graça de Deus manifestada em Jesus Cristo permite que Deus faça com que cada crente reflita sua graça através do seu caráter e relacionamentos. A condição irredutível para receber a graça de Deus é humildade ([Tg 4.6; 1Pe 5.5](#)). Tal humildade em relação a Deus permite que os crentes pratiquem a humildade em relação a outras pessoas. De uma posição de graça, eles podem deixar de lado o egoísmo e presunção para tratar os outros com deferência ([Fp 2.3-4](#)) em uma atitude de servidão mútua ([Ef 5.21](#)), e em um espírito de perdão mútuo ([Mt 18.23-35](#)) para que até mesmo sua comunicação possa exibir a graça divina ([Cl 4.6](#)). Uma vez que a graça de Jesus Cristo constitui o contexto existencial das vidas e relacionamentos dos crentes, eles são exortados a

não perverter a graça de Deus em prática ímpia ([Judas 1.4](#)), mas em vez disso crescer na graça do Senhor ([2Pe 3.18](#)).

O significado essencial da graça na Bíblia se refere ao caráter de Deus de exercer boa vontade em relação às suas criaturas. Este caráter favorável de Deus encontra sua expressão suprema em Jesus Cristo. Por sua própria definição, esta graça é tornada totalmente acessível a todos os seres humanos, sem outra condição prévia além de um desejo arrependido de recebê-la ([Tt 2.11-12](#)). Como resultado, a condição humana de alienação de Deus e de seus propósitos é substituída pelo acesso à aquilo que de outra forma seria inacessível: a majestade de Deus representada por um trono. Isso para que sua graça possa se tornar disponível para atender às necessidades humanas ([Hb 4.16](#)). A alternativa trágica para receber a graça de Deus é permanecer em uma alienação sem esperança ou buscar tentativas estéreis de merecer o favor de Deus através dos esforços humanos fadados à futilidade ([Rm 1.21](#)). A aceitação incondicional de Deus dos pecadores pode ser condicionada apenas pela rejeição de sua aceitação.

Como Cristo representa o cumprimento, a encarnação e o provedor da graça divina, os primeiros cristãos se referiam livremente à graça de Deus como “a graça de nosso Senhor Jesus Cristo”. Esta graça foi concebida como sendo tão básica e tão penetrante em suas vidas individuais e na existência de suas comunidades de fé que eles naturalmente acoplavam a saudação tradicional de shalom (“paz”) com uma referência à graça de Jesus Cristo. Esta é a razão para a onipresente repetição de numerosas variações na fórmula básica de saudação encontrada em quase todos os livros do NT: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vocês” ([2Ts 3.18](#)).

Ver também Deus, Ser e Atributos de; Amor; Misericórdia.

Grade

Termo agrícola para um implemento ou procedimento, embora nenhum implemento correspondente à **grade** moderna seja conhecido da Palestina ou do Egito. [Jó 39.10](#) fala de um boi realizando o gradar, enquanto [Isaías 28.24](#) observa que o solo arado era nivelado como parte do processo. Assim como as referências anteriores, [Oseias 10.11](#) fala do gradar em conexão com o arado. Muito provavelmente, a gradagem consistia

em galhos sendo puxados atrás de um animal ou arado para alisar a terra antes da semeadura. *Veja Agricultura.*

Grama de joio

Uma grama que se parece muito com trigo ou centeio. Os estudiosos geralmente concordam que o “joio” mencionado em [Mateus 13.24-30](#) é a grama anual ou joio barbudo (*Lolium temulentum*). As sementes do joio são muito menores do que as sementes de trigo ou centeio, mas é extremamente difícil distinguir o joio do trigo ou centeio quando as plantas são jovens.

Se o joio não for removido cedo e for deixado até a época da colheita, ele é cortado junto com o trigo. Após o corte, as duas plantas são muito difíceis de separar. As sementes do joio são venenosas, seja por causa de produtos químicos naturais que contêm ou por causa de um fungo que cresce dentro das sementes.

Grande Lagarto

Um dos répteis que a lei judaica listava como ceremonialmente impuro ([Lv 11.29](#)). Poucas versões em português descrevem dessa maneira. Em geral as traduções em português trazem apenas “lagarto”.

Veja Lagarto.

Grão

Veja Agricultura; Plantas (Cevada; Painço; Espelta; Trigo).

Gratidão

Uma expressão natural de agradecimento em resposta a bênçãos, proteção ou amor. Na tradição comum ao Judaísmo e ao Cristianismo, a gratidão não é uma ferramenta para manipular a vontade de Deus. Ela nunca é forçada ou fabricada na mente de alguém. Pelo contrário, a gratidão é um compromisso alegre da personalidade de alguém com Deus.

No Antigo Testamento, a gratidão a Deus era a única condição para que a vida pudesse ser

desfrutada. Para os judeus, cada aspecto da criação fornecia evidências do senhorio de Deus sobre toda a vida. O povo hebreu agradecia a Ele pela magnificência do universo ([Sl 19.1-4; 33.6-9; 104.1-24](#)). Quando recebiam boas-novas, agradeciam a Deus por sua bondade e grandes feitos ([1Cr 16.8-12](#)). Quando recebiam más notícias, também davam graças, confiando que Ele era um Deus justo ([Jó 1.21](#)).

Esses mesmos sentimentos são encontrados em escritos judaicos posteriores, como o Talmude. O povo de Israel agradeceu a Deus por Sua fidelidade às promessas da aliança:

1. Os israelitas agradeceram a Deus pela libertação dos inimigos ([Sl 18.17; 30.1; 44.1-8](#)) e da morte ([Sl 30.8-12; Is 38.18-20](#)).
2. Os israelitas agradeceram a Deus pelo perdão dos pecados ([Sl 32.5; 99.8; 103.3; Is 12.1](#)).
3. Os israelitas agradeceram a Deus por respostas às orações ([Sl 28.6; 66.19](#)).
4. Os israelitas agradeceram a Deus pela compaixão para com os aflitos e oprimidos ([Sl 34.2; 72.12](#)).
5. Os israelitas agradeceram a Deus por executar justiça ([Dt 32.4; Sl 99.4](#)).
6. Os israelitas agradeceram a Deus pela orientação contínua ([Sl 32.8; Is 30.20-21](#)).

A gratidão era uma parte tão vital da religião de Israel que permeava a maioria das cerimônias e costumes. Ofertas de gratidão reconheciam as bênçãos de Deus ([Lv 7.12-13; 22.29; Sl 50.14](#)). Gritos de alegria ([Sl 42.4](#)), cânticos de louvor ([Sl 145.7; 149.1](#)) e música e dança ([Sl 150.3-5](#)) todos contribuíram para o espírito de ação de graças na adoração. Festas e festivais eram celebrados em lembrança do amor constante de Deus ao longo de sua história ([Dt 16.9-15; 2Cr 30.21-22](#)). O rei Davi nomeou sacerdotes levíticos para oferecerem graças a Deus ([1Cr 16.4](#)). Este costume foi mantido pelos reis Salomão ([2Cr 5.12-13](#)) e Ezequias ([2Cr 31.2](#)) e por aqueles que retornaram do exílio na Babilônia ([Ne 11.17; 12.24.27](#)).

No Novo Testamento, o foco da gratidão é o amor de Deus expresso na obra redentora de Cristo. O apóstolo Paulo agradeceu a Deus por esse dom da graça ([1Co 1.4; 2Co 9.15](#)) e pela capacidade de

pregar o evangelho ([2Co 2.14; 1Tm 1.12](#)). Paulo participou com gratidão dos dons espirituais ([1Co 14.18](#)). A gratidão pelo amor e fé entre os crentes permeia suas cartas ([Rm 6.17; Ef 1.15-16; Fp 1.3-5; Cl 1.3-4; 1Ts 1.2-3](#)).

Como a expressão de gratidão está tão intimamente ligada à resposta de fé, Paulo incentivou os crentes a darem graças em todas as coisas ([Rm 14.6; 1Ts 5.18](#)). Ele ordenou que os cristãos orassem com ações de graças em nome de Cristo ([Fp 4.6; Cl 4.2](#)), que tornou toda ação de graças possível ([Ef 5.20](#)). Em seu ensinamento sobre como celebrar a Ceia do Senhor, Paulo especificou que os cristãos deveriam dar graças, assim como o Senhor “deu graças” ([1Co 11.24](#)).

Grécia, Grego

As referências bíblicas à Grécia e ao povo grego são frequentemente pouco claras. No Antigo Testamento, algumas passagens referem-se à Grécia ou aos gregos como "Javã" ou "os filhos de Javã". Javã foi o quarto filho de Jafé, que aparece na "tabela das nações" em [Gênesis 10](#). Assim como o nome Israel vem de Jacó, o nome Javã é usado para seus descendentes. As descrições bíblicas de Javã e seus filhos mostram que eles viveram na terra da Grécia e eram gregos ([1Cr 1.5.7; Is 66.19; Ez 27.13](#)). O livro de Daniel até descreve o império de Alexandre, o Grande, o que confirma que Javã significa Grécia. Quando estudiosos judeus traduziram a Bíblia hebraica para o grego (a Septuaginta), frequentemente substituíram o nome Javã pela palavra para "grego". Isso acontece em passagens como [Dn 8.21; 10.20; 11.2; Zc 9.13](#); e [Jl 3.6](#).

No NT, o termo "grego" parece ter o sentido especial de helenista, isto é, judeus que vivem em cidades helenísticas ([At 6.1; 9.29; 11.20](#)). O termo em [Jo 12.20](#), [At 14.1](#), e [16.1-3](#) parece se referir aos gregos especificamente. Mas muitas vezes no NT, o termo "grego" era usado para não-judeus porque os judeus reconheciam apenas judeus e não-judeus. Daí o termo era praticamente sinônimo de gentios ([Rm 1.16; 10.12; 1Co 1.22.24; Gl 2.3; 3.28](#)). Às vezes, o termo "grego" se refere à língua ([Jo 19.20; At 21.37; Ap 9.11](#)). O uso do termo "grega" para a mulher siro-fenícia ([Mc 7.26](#)) pode ser um termo cultural. Em Atos, as referências são feitas aos gregos nas sinagogas como observadores. Esses podem ter sido gregos como tal, embora a certeza não seja possível ([At 14.1; 17.4; 18.4](#)).

Geografia

A antiga terra natal grega compreendia o extremo sul da Península dos Balcãs. Mas às vezes os falantes de grego eram encontrados nas ilhas do Mar Egeu, ao oeste da Ásia Menor, sul da Itália e Sicília.

A emergência da cultura grega

Após o término das guerras persas (497 a.C.), Atenas entrou em um período notável de grandeza. Atenas foi reconstruída e seu porto de Pireu foi fortificado. Quando os cidadãos atenienses embarcaram em um rumo de democracia desenfreada, o caos parecia ameaçar, mas Péricles, um líder brilhante, restaurou o equilíbrio do estado e Atenas logo reconquistou sua glória. Vastos edifícios foram erguidos na Acrópole, notavelmente o Párténon (dedicado a Atena, a deusa de Atenas). Atenas se tornou rica, em parte devido as contribuições para a Liga de Delos. O poder do mar ateniense cresceu. Estava presente em Atenas uma abundância de escravos, artesãos, artífices, negociantes estrangeiros, artistas, poetas, filósofos, mestres, atores, cientistas, médicos, historiadores, mestres religiosos e especialistas em assuntos militares e navais. Os grandes escritores do quinto e do quarto séculos a.C. incluíam dramaturgos como Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, historiadores como Tucídides e Heródoto, e filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Houve um florescimento de arte e arquitetura. Era uma era de ouro de realização surpreendente na arte, pensamento, literatura e arquitetura.

A era do helenismo

A grande glória de Atenas perdeu seu vigor antes do quarto século a.C. terminar. Filipe da Macedônia, com ambições de império, dirigiu para o oeste, e em 338 a.C. Atenas e Tebas foram sobrecarregadas — a Grécia se uniu em um Império Macedônio. Filipe foi assassinado em 336 a.C., mas Alexandre, seu filho, educado na tradição ateniense, assumiu o trabalho de seu pai e antes de sua própria morte em 323 a.C. havia conquistado a Pérsia e alcançado o Punjabe, na Índia. No final, ele exerceu seu controle de Cáucaso até o Deserto da Líbia e as fronteiras da Etiópia também. Na morte de Alexandre, seus vastos territórios foram divididos entre quatro generais. Após alguns ajustes, três divisões emergiram — Egito sob Ptolomeu; Ásia Menor, Síria e o Oriente sob Seleuco; e Macedônia sob Antígo.

Finalmente, toda a área grega ficou sob o controle dos romanos, que se mudaram para áreas gregas em 198 a.C. e ao longo dos anos estabeleceram várias províncias romanas, como Acaia ([At 18.12](#)). Foi para o mundo do helenismo, agora sob Roma, que os cristãos se moveram com a mensagem do evangelho no primeiro século d.C.

Os gregos na Palestina

As escavações mostraram que houve contato entre a Palestina e as áreas do Egeu ao longo de muitos séculos. Do período do Bronze médio (a era patriarcal), a cerâmica média Minoica II foi encontrada em vários locais. Os filisteus, que faziam parte dos Povos do Mar no século 13 a.C., se estabeleceram em áreas da Palestina costeira e desenvolveram sua própria cultura lá, deixando grande parte de sua cerâmica distintiva. Durante o período por volta de 1370–1200 a.C., vários povos do Egeu e da Ásia Menor ocidental encontraram seu caminho para a Palestina. A cerâmica micêncica foi encontrada em vários locais. De um período posterior, ainda, numerosos exemplos de cerâmica de figuras negras áticas do século VI a.C. e cerâmica de figuras vermelhas áticas do período em torno de 530–300 a.C. foram encontradas em escavações. Moedas de prata cunhadas em imitação das dracmas áticas vêm do mesmo período. Com a ascensão do helenismo e a invasão da Palestina pelos governantes ptolemaicos e selêucidas, a influência grega aumentou muito. A presença de cerâmica grega, como frascos de Rodes, e a influência das características arquitetônicas gregas nos edifícios enfatizam o significado da influência grega na Palestina, bem como em toda a região do Levante e o interior. Com a vinda dos romanos, essas influências continuaram. O grego era a língua do comércio. De fato, o NT foi escrito no grego das pessoas comuns, e uma grande variedade de inscrições gregas veio à luz dos tempos romanos.

Veja também Alexandre #1; Alexandria; Helenismo; Helenistas; Judaísmo.

Grego Koiné

Uma forma da língua grega que foi amplamente utilizada em todo o Oriente Próximo e nas regiões do Mediterrâneo durante o tempo do Império Romano. A palavra *koiné* significa "comum" em grego. Esta foi a forma de grego usada para escrever o Novo Testamento e traduzir a

Septuaginta (uma tradução grega do Antigo Testamento).

Veja a Bíblia.

Grelha, Grade

Uma rede de bronze que cercava a metade inferior do altar do holocausto no tabernáculo ([Êxodo 27.4](#)).

Veja também Altar.

Grilo

Um inseto alado com quatro patas (da família científica *Orthoptera*). Esses insetos estão relacionados aos gafanhotos e às locustas. Os israelitas consideravam os grilos cerimonialmente limpos para comer ([Lv 11.22](#)). A referência na Bíblia pode, na verdade, estar descrevendo um dos estágios de crescimento do gafanhoto-migratório, em vez do que chamamos de grilos hoje.

Veja também Besouro; Gafanhoto; Gafanhoto-migratório.

Grou

Um grou (*Grus grus*) é uma ave alta que vive em áreas alagadas. Parece uma cegonha ou garça, mas tem garras mais curtas. Suas penas possuem um brilho prateado. As penas da cauda são onduladas.

A palavra hebraica em [Isaías 38.14](#) e [Jeremias 8.7](#) pode referir-se ao grou, mas isso é incerto.

Grandes bandos de grous passam sobre a Terra Santa no outono, voando do norte da Europa para a África. Eles retornam na primavera para se reproduzirem. Eles viajam em grupos em forma de cunha durante o dia. Um bando migratório pode ter até 2.000 aves.

O chamado típico do grou soa como um bramido profundo. Durante a migração, os grous emitem um som de tagarellice. [Isaías 38.14](#) pode referir-se a esse som. A voz de um grou é muito forte e pode ser ouvida de longe. Normalmente, um pássaro lidera o bando e chama para guiar os outros.

Um grou pode ter entre 102 e 152 centímetros de altura. Apenas o avestruz é mais alto entre as aves na Terra Santa. As asas podem se estender por

cerca de 229 centímetros. O corpo é cinza aço. A cabeça e o pescoço são pretos, com uma longa faixa branca ao longo do lado.

Geralmente, os grous se alimentam em terra, não em águas rasas. Eles comem principalmente grama e grãos, mas também podem comer insetos, cobras, pequenos jacarés, sapos e minhocas. Eles usam seu bico longo e forte para matar suas presas.

Geralmente, os grous constroem seus ninhos sozinhos em locais tranquilos, muitas vezes em águas rasas ou nas proximidades. O ninho é feito de plantas e abriga dois ou três ovos de cor clara com manchas mais escuras.

Veja Pássaros.

Guarda

As pessoas que guardavam os portões das cidades e as portas de palácios, templos e outros grandes edifícios. Tinham a tarefa de decidir quem podia entrar e quem não podia ([2Rs 7.10-11; 11.4-9](#)). Na Bíblia, essas pessoas são chamadas por diferentes nomes, como porteiros, guardiões e guardas.

Guarda, Pátio da

Possivelmente uma área de detenção de emergência na Jerusalém do século 7 a.C., quando a cidade estava sob ataque babilônico. Embora o profeta Jeremias tenha sido preso lá, ele ainda conseguia manter suas atividades normais, indicando que a área era provavelmente um pequeno pátio ([Jr 32.2-12; 33.1; 37.21; 38.6-28; 39.14-15](#); ARC "átrio da guarda").

Guarda, Portão da

Portão localizado na parte norte ou noroeste de Jerusalém ([Ne 12.38-39](#), ARC "porta da prisão"), embora não relacionado ao pátio da guarda ([3.25](#)), que estava conectado ao palácio. Talvez fosse o mesmo que o Portão da Inspeção. *Veja Jerusalém.*

Guardião

Um servo que era responsável por acompanhar, proteger e, às vezes, disciplinar o filho de seu mestre até que o menino atingisse a maturidade. Os

guardiões supervisionavam a conduta moral e o comportamento geral de seus pupilos. Seus métodos de persuasão variavam de punição física a humilhação. Paulo considerava a lei de Moisés como um "tutor" (NVI) ou "aio" (ARC) para nos conduzir a Cristo ([Gl 3.24-25](#)). Retornar à lei representava um retorno à infância.

Gudgoda

Nome alternativo para Hor-Hagidgade, um dos locais de parada nas peregrinações pelo deserto dos israelitas ([Dt 10.7](#)). Veja Hor-Hagidgade.

Guerra

Os meios pelos quais uma nação tenta controlar outra usando a força. A importância da guerra antiga é evidenciada pelo esforço dedicado a melhorar armas e defesas.

Métodos de guerra

Combate padrão

Unidades de cavalaria (soldados a cavalo) surgiram no final do segundo milênio a.C. e no início do primeiro. A carga de cavalaria atuava como uma força poderosa para grandes exércitos. Sua mobilidade permitia concentrar poder de fogo em pontos estratégicos. Os assírios combinaram sua infantaria, cavalaria e carros de guerra em uma forte força de batalha. Nações vizinhas menores frequentemente tinham que recuar para trás de suas muralhas, pois não conseguiam enfrentar o grande exército assírio em campos abertos. A Idade do Ferro II é rica em monumentos ilustrados. Os relevos de guerra assírios mostram imagens detalhadas de suas vitórias e do tamanho das cidades defendidas. Poucas cenas mostram combate padrão em campos abertos. Nestas, carros de guerra atacam de todas as direções, engajando o inimigo ao longo da batalha. Outros grupos fazem a limpeza, eliminando a resistência inimiga deixada após a carga dos carros de guerra.

O terreno sempre foi um fator crucial. Em batalhas típicas em campo aberto, os comandantes geralmente posicionavam suas melhores tropas no lado direito. Um comandante grego, Epaminondas, que morreu em 362 a.C., surpreendeu o exército espartano com uma nova tática. Ele utilizou um ataque inclinado com uma ala esquerda mais forte.

Filipe da Macedônia e seu filho Alexandre também surpreenderam seus inimigos. Eles empregaram diferentes planos de ataque baseados na formação de falange.

Batalha em campo aberto: o duelo

Nos tempos do antigo Oriente Próximo, os duelos ofereciam uma alternativa ao combate regular. Um duelo era uma luta entre dois campeões representando forças opostas. Ambos os exércitos concordavam previamente em aceitar o resultado do duelo. Este método visava evitar as altas baixas de batalhas em grande escala. O relato mais antigo e detalhado desse estilo de guerra está no Conto de Sinuhe. Sinuhe, um camareiro na corte real da 12ª dinastia, escolheu o exílio e viajou para o norte da Palestina e Síria. Lá, ele viveu entre tribos semíticas e foi desafiado para um duelo por um campeão local. Sinuhe o derrotou e tomou seus bens.

Os duelos eram comuns em outros exércitos mais tarde, mas Israel não os conhecia antes de Davi e Golias ([1Sm 17](#)). O exército filisteu havia chegado a Judá até Socó e estava posicionado em uma colina. Em frente a eles, em outra colina, estava o exército de Saul. O Vale de Elá estava entre os dois acampamentos. A cada dia, o campeão filisteu, Golias, desafiava os israelitas, sugerindo que a batalha fosse decidida por dois guerreiros lutando. Davi aceitou o desafio e, após matar Golias, os filisteus fugiram, recusando-se a honrar o acordo. O exército israelita então perseguiu os filisteus, causando muitas baixas.

Ataques a cidades fortificadas

A maioria das cidades no antigo Oriente Próximo era construída em locais fáceis de defender e com benefícios econômicos. Uma cidade fortificada era protegida por muros fortes. Atacar uma cidade fortificada apresentava diferentes desafios tanto para o atacante quanto para o defensor. Cada lado agia em resposta aos movimentos do outro. Os sistemas de defesa visavam bloquear os métodos de ataque, que eram criados para romper os sistemas de defesa.

Existiam cinco maneiras de conquistar uma cidade fortificada:

1. Subindo as muralhas;
2. Derrubando as muralhas;
3. Fazendo um túnel sob as muralhas;
4. Sitiando;

5. Utilizando truques.

Muitas vezes, era necessário combinar dois ou mais métodos para superar as defesas.

A história bíblica da conquista de Siquém por Abimeleque ([Iz 9](#)) descreve um ataque a uma cidade fortificada durante o tempo dos juízes (Idade do Ferro I). Quando o povo de Siquém e seus aliados se rebelaram contra Abimeleque, ele respondeu atacando a cidade. Ele moveu seu exército de soldados contratados à noite e lançou um ataque surpresa ao amanhecer ([Iz 9.32-35](#)). Os homens de Siquém lutaram fora dos portões da cidade, mas tiveram que recuar para trás das muralhas. No dia seguinte, Abimeleque atacou a cidade. Ele dividiu suas forças em três grupos e liderou um grupo para atacar os portões em um momento crítico ([Iz 9.43-44](#)). Eles romperam o portão e tomaram o controle das muralhas principais, mas os defensores restantes da cidade escaparam para uma fortaleza interna, o templo de Baal-Berite.

Muitos relevos mostram grupos de soldados defendendo uma cidadela (a parte mais forte das defesas de uma cidade) após inimigos terem rompido a muralha da cidade. Escavações arqueológicas em Siquém confirmam que seu templo, assim como os de outras cidades cananeias, foi construído como uma torre fortificada com fortes bastiões perto da entrada. A torre de Siquém era bem fortificada e cobria uma pequena área, permitindo que seus defensores concentrassem seus ataques nas tropas de Abimeleque. Como não conseguiram capturá-la pela força, Abimeleque ordenou que seus soldados cortassem lenha com suas machadinhos de batalha. Eles empilharam a lenha contra a fortaleza e a incendiaram ([Iz 9.48,49](#)). Todos os defensores dentro da torre morreram.

Atacar uma cidadela interna sempre foi arriscado para um exército, como visto após a captura da torre de Siquém. Abimeleque então mirou na cidade de Tebes, usando o mesmo plano bem-sucedido de Siquém. No entanto, enquanto ele se preparava para queimar a porta da torre onde os defensores haviam fugido, uma mulher deixou cair uma pedra de moinho sobre ele, esmagando seu crânio ([Iz 9.50-53](#)). Este evento se tornou um ditado sobre o perigo de se aproximar demais das paredes de torres fortificadas ([2Sm 11.19-21](#)).

Comunicação e inteligência

Durante o período patriarcal (período do Bronze Médio), temos registros detalhados sobre sistemas de comunicação em tempos de guerra. Documentos de Mari, no Eufrates, mostram um sistema bem desenvolvido que utilizava sinais. À noite, as pessoas usavam tochas ou archotes para enviar sinais com base em um código pré-estabelecido. Este sistema era comum na Mesopotâmia e em outras regiões para solicitar rapidamente ajuda quando uma cidade enfrentava um ataque.

No final da Idade do Bronze, cavaleiros eram às vezes usados para tarefas de comunicação e para reunir informações sobre o inimigo. Os serviços de inteligência ajudavam a planejar e executar operações militares. A Bíblia destaca a importância da inteligência e o uso de espiões ou batedores durante a conquista de Canaã. Antes de entrar na terra, Moisés enviou homens em uma missão de espionagem. Ele lhes disse para reunir informações sobre a geografia da terra, a força de seu povo, se a terra era fértil, a condição das cidades e se eram fortificadas. Ele também pediu que relatassem se a terra poderia sustentar uma grande população ([Nm 13.17-20](#)).

A inteligência tática foi crucial. Josué enviou espiões para Jericó e Ai antes de iniciar ações militares contra eles ([Js 2.1; 7.2](#)). Os relatórios que ele recebeu sobre a força e o espírito dos cananeus o ajudaram a planejar seu ataque. Durante o tempo dos juízes, a conquista de Betel ([Js 1.22-26](#)) foi diretamente devido à inteligência de uma patrulha de reconhecimento. As tribos de José enviaram batedores para vigiar a cidade. Ela estava fortemente fortificada e parecia impossível de capturar. Os batedores encontraram um homem saindo da cidade — não pelo portão principal, que estava bem fechado, mas por uma porta ou túnel escondido. Para salvar sua vida e a de sua família, ele revelou a localização do túnel sob as muralhas. A cidade foi invadida através do túnel e capturada.

Ataque e penetração: a abertura

Para penetrar diretamente nas defesas de uma cidade antiga, os atacantes quebravam o portão ou as paredes principais usando martelos, machados, lanças, espadas ou um aríete. Monumentos ilustrados e registros escritos mostram que, durante o início do período do Bronze Médio, os atacantes usavam aríetes contra cidades fortificadas. A imagem mais antiga conhecida de um aríete está em uma cena de cerco das pinturas murais de Beni Hasan, datando do século 20 a.C.

Este aríete é um dispositivo simples, assemelhando-se a uma pequena cabana com um telhado ligeiramente pontiagudo. Ele podia ser movido próximo a uma fortaleza usando duas barras transversais paralelas. A estrutura abrigava dois ou três soldados que operavam manualmente um poste muito longo com uma ponta afiada, provavelmente de metal.

Os documentos de Mari fornecem informações de 200 anos depois. Eles descrevem a eficácia dos aríetes feitos principalmente de madeira. Apesar de serem muito pesados, as pessoas conseguiam mover a arma de cerco por longas distâncias. Um documento menciona o uso de uma carroça puxada por animais de tração e um barco para transportar um aríete até uma cidade sitiada.

Mover um aríete para a posição sempre expunha a unidade de demolição ao fogo pesado dos defensores acima. Seu peso tornava difícil movê-lo. O terreno perto das muralhas era frequentemente irregular, rochoso e íngreme. Quando o alvo era uma seção da muralha, a força de assalto precisava construir uma rampa de terra. Às vezes, eles a reforçavam com tábuas de madeira ou pedras. A rampa fornecia um caminho para mover o aríete da base da encosta até a muralha externa. Uma vez na posição, eles tinham que frear o aríete para impedir de rolar para trás. Construir tal rampa foi necessário na campanha de Joabe contra a cidade fortificada de Abel em Bete-Maaca ([2Sm 20.15](#)). O relato bíblico mostra que Israel usou algum tipo de aríete sob o reinado do Rei Davi durante a monarquia inicial.

Os primeiros relevos assírios mostram que proteger as unidades de ataque era muito importante. Eles usavam torres de assalto altas e móveis feitas de madeira junto com um aríete. Essas torres, posicionadas perto de uma operação de brecha e tripuladas por arqueiros, forneciam fogo de cobertura contra os defensores na muralha. As torres de cerco reduziam a vantagem de poder de fogo dos defensores e os distraíam da equipe que estava rompendo as muralhas.

Os detalhes dos relevos assírios nos ajudam a imaginar claramente o que aconteceu com Jerusalém, conforme contado ao profeta Ezequiel ([Ez 4.1-3; 21.22](#)). O portão era o principal alvo porque era a parte mais fraca da muralha. O caminho até o portão tornava desnecessária a construção de uma rampa especial. Durante a destruição de um portão, espadas eram às vezes usadas para forçar a abertura das portas e quebrar

as dobradiças. Portas de madeira sem proteção metálica eram frequentemente incendiadas.

O aríete ainda era utilizado para derrubar paredes durante o período helenístico-romano. Em 63 a.C., o comandante romano Pompeu usou aríetes de Tiro contra os defensores de Jerusalém. Com eles, ele rompeu a muralha fortificada ao redor do templo. A máquina de cerco na coluna de Trajano possuía uma viga com uma cabeça de ferro em forma de carneiro. Ela se movia até uma parede em uma estrutura protegida por um teto de madeira coberto com argila ou peles. Uma versão projetada para perfurar paredes foi utilizada por Tito durante o cerco de Jerusalém em 70 d.C.

O aríete não era a única ferramenta usada para romper uma parede. Tropas treinadas como sapadores (soldados que derrubam paredes) derrubariam uma seção da parede usando alavancas de ponta afiada como piques, espadas ou lanças, e às vezes marretas (veja [Ez 26.8,9](#)). No exército de Assurbanipal, esses homens usavam casacos de malha de corpo inteiro para proteção. Sob reis assírios posteriores, eles usavam escudos redondos e retangulares, que carregavam nas costas durante a demolição. Mais tarde, Assurbanipal confiava apenas nesses sapadores para penetrar diretamente em uma cidade fortificada. Ele projetou um enorme escudo para sua proteção. A cabeça curva do escudo podia ser apoiada contra a parede, protegendo o sapador de projéteis enquanto ele trabalhava embaixo dela.

Escalando as muralhas

Uma cena de batalha em calcário na tumba de Anta em Dashashe no Alto Egito (século 24 a.C.) mostra as atividades de cerco mais antigas conhecidas. Ela retrata egípcios usando uma escada de escalada contra as muralhas de uma cidade fortificada. Na época de Sargão, as muralhas se tornaram muito mais espessas, permitindo muralhas mais altas e resistentes. Essas muralhas fortes também reduziram a eficácia dos aríetes. Sargão, e especialmente seu sucessor Assurbanípal, adaptaram-se construindo escadas de escalada mais longas. Algumas escadas atingiam de 7,6 a 9,1 metros (25 a 30 pés) com base no número de degraus.

Derrubando as muralhas

Uma operação de escavação de túneis poderia começar além do alcance de qualquer arma que os defensores possuíssem. Uma vez no subsolo, a unidade estava segura do fogo inimigo. A escavação

de túneis poderia ocorrer à noite para maximizar o elemento surpresa. No entanto, era um processo longo que exigia muita habilidade técnica. Se os defensores descobrissem a operação antes de ser concluída, poderiam destruir a unidade ao emergir. Escavar túneis sob as muralhas da cidade era comum na guerra da Idade do Ferro II. Relevos, documentos escritos e escavações arqueológicas confirmam isso, pois encontraram restos de túneis de ataque daquela época.

Sitiando

Quando uma cidade murada estava em uma colina alta, um longo cerco era outra maneira de conquistá-la. Ao cercar a cidade e impedir que ajuda ou suprimentos chegassem aos defensores, o exército atacante poderia fazer com que as pessoas dentro dela morressem de fome. Este método reduzia o risco para os atacantes. O sucesso dependia da capacidade deles de bloquear a ajuda externa e impedir que os defensores escapassesem. Os exércitos geralmente optavam por um cerco quando as defesas de uma cidade eram fortes demais para um ataque direto. Os assírios sitiaram Samaria por três anos ([2Rs 18.9-10](#)).

As condições únicas de um cerco levaram à criação da catapulta. Esta foi uma importante inovação da artilharia grega e uma melhoria em relação ao arco e à funda. Inicialmente, era um arco reforçado em um suporte usado para disparar flechas. Foi introduzida por volta de 400 a.C. por Demétrio I, que pode ter emprestado a ideia dos fenícios em Cartago.

Com o tempo, o instrumento foi aprimorado. A catapulta de torção, uma arma poderosa, utilizava fios fortemente torcidos de material elástico, muitas vezes feitos de cabelo de mulheres. Um guincho apertava esses fios, que eram liberados de repente. A catapulta podia disparar flechas, grandes pedras ou cestos de fogo a até 183 metros. Ela podia limpar os defensores de uma muralha enquanto um aríete rompia ou um grupo de abordagem atacava de uma torre móvel.

Em uma cidade sitiada, os principais problemas eram os suprimentos de comida e água. A Bíblia destaca o horror da fome durante o cerco de Samaria pelo sírio Ben-Hadade na época do profeta Eliseu. As mulheres foram forçadas a comer seus filhos ([2Rs 6.26-29](#)). Um exército sitiador tentaria piorar essas condições. Em um dos relevos de cerco de Ashurnasirpal II, um defensor abaixa um balde da muralha para pegar água de um riacho abaixo,

enquanto um soldado assírio corta a corda com sua adaga.

Ardis e estratagemas

Diferentes truques poderiam atrair defensores para fora de uma cidade ou infiltrar tropas. Se um pequeno grupo entrasse em uma cidade usando um plano engenhoso, eles poderiam dominar os guardas e abrir os portões para um exército atacante. As muralhas de uma cidade eram inúteis uma vez que o inimigo estivesse dentro. Além disso, romper as defesas em um ponto frequentemente fazia todo o sistema desmoronar. A história do cavalo de Troia é o exemplo mais famoso de um truque que contornou as defesas de uma cidade antiga bem protegida.

Na história bíblica do cerco de Samaria por Ben-Hadade, o cerco sírio terminou de repente. Jorão, o rei de Israel, pensou que era um truque. Ele não acreditou no relato de quatro leprosos de que os sírios haviam partido, deixando para trás grandes suprimentos de comida ([2Rs 7.12](#)). Josué havia usado uma tática semelhante em Ai ([Js 8.3-8](#)).

Em outras ocasiões, exércitos poderosos usaram guerra psicológica para enfraquecer a resistência. Por exemplo, Senaqueribe tentou capturar Jerusalém durante o reinado de Ezequias ([2Rs 18.19](#)). A conversa entre o general assírio e os delegados de Ezequias mostra que o assírio tinha a intenção de minar a confiança dos defensores.

Uma emboscada é uma estratégia para capturar e derrotar um inimigo quando ele está menos preparado. Seu sucesso depende do elemento surpresa. Com boas informações, conhecimento do terreno e cobertura noturna, um pequeno grupo pode lançar uma emboscada eficaz contra uma força muito maior.

Emboscadas eram uma tática comum de combate durante a conquista de Canaã. A queda de Ai ocorreu devido a uma emboscada bem-sucedida ([Js 8.1-23](#)). À noite, Josué moveu uma grande força para um local escondido atrás da cidade. Ele então liderou o restante do exército israelita para um vale ao norte da cidade fortificada, fazendo parecer que planejavam atacar. Esse truque atraiu a principal força de Ai para longe da cidade para lutar contra Israel na planície de Arabá. Quando os israelitas recuaram, parecendo derrotados, os defensores restantes de Ai perseguiram o exército em fuga de Josué. Com a cidade desprotegida, a principal força israelita emergiu do esconderijo, entrou na cidade e a incendiou. Tarde demais, os homens de Ai viram

a fumaça e perceberam a armadilha. O exército de Josué virou-se para atacar seus perseguidores, prendendo-os entre duas forças israelitas. Atacados pela frente e por trás, o exército de Ai foi destruído pela emboscada bem planejada.

Fortificações e defesa

As fortificações mais antigas conhecidas no mundo, datando de cerca de 7000 a.C., foram descobertas em 1954 em Jericó. Elas eram impressionantes tanto em design quanto em construção. A parte principal do sistema de defesa era uma muralha, com uma seção na borda oeste da antiga cidade ainda de pé, com 6,4 metros (21 pés) de altura. Escavações adicionais revelaram um grande fosso esculpido em rocha sólida na base da muralha, medindo 8 metros (27 pés) de largura e 2,7 metros (9 pés) de profundidade. Como eles conseguiram isso apenas com ferramentas de pedra permanece um mistério. Uma terceira parte da defesa de Jericó era uma torre circular de pedra maciça, com 9 metros (30 pés) de altura, provavelmente anexada ao lado interno da muralha ocidental. O propósito exato da torre ainda é desconhecido, mas Jericó Neolítico mostra a evidência mais antiga de uma cidade fortificada com uma muralha, torre e fosso.

No meio da Idade do Bronze, um sistema de defesa padrão consistia em quatro partes: um fosso, uma parede externa, uma parede interna e uma estrutura de portão forte. O fosso, a parede externa e as defesas adicionais protegiam a encosta íngreme e a base da parede principal. Eles tinham como objetivo impedir que um aríete rompesse.

Muros da cidade

Construir uma parede simples poderia apenas interromper temporariamente o avanço de um inimigo, já que as paredes podiam ser escaladas ou quebradas. As paredes serviam como uma plataforma para os defensores contra-atacarem. O sistema de muralhas tinha três partes principais: a parede como barreira; uma estrutura superior para os defensores se posicionarem e se protegerem; e obstáculos e armadilhas na frente da parede para manter os arqueiros afastados e deter aríetes.

O parapeito, uma característica protetora construída ao longo da borda superior da parede, proporcionava segurança e mobilidade aos defensores. Ele tinha aberturas para direcionar o fogo. De longe, os entalhes quadrados pareciam uma fileira de dentes com lacunas. Os dentes, chamados de merlões, atuavam como uma barreira

contra mísseis inimigos. As lacunas, conhecidas como frestas ou ameias, permitiam que os defensores disparassem suas armas. Torres especiais projetavam-se da parede, espaçadas a não mais do que o dobro do alcance de um arco. Essas torres permitiam que os defensores atirassem nas tropas que se aproximavam das paredes. Para proteger a parede principal, os construtores podiam adicionar uma parede externa. Esta parede só poderia ser rompida ou escalada sob fogo pesado dos parapeitos da parede principal. Outro método era cavar um fosso largo e profundo ao redor da base da parede principal. Um fosso impedia o inimigo de usar um aríete, a menos que o atravessasse ou o preenchesse, tudo isso sob fogo pesado dos defensores.

As fortificações de casamata, introduzidas no período do Bronze Médio, evoluíram a partir de paredes duplas feitas de pedras cortadas. O espaço entre as paredes era dividido em câmaras, ou casamatas, usadas para armazenamento ou habitação. O sistema de casamatas hitita, introduzido na Palestina na época de Saul, foi amplamente adotado na Síria e na Palestina. Um excelente exemplo foi encontrado em Gibeá, onde a cidadela de Saul estava localizada, datando do final do século 11 a.C. As paredes duplas, incluindo as casamatas, têm 4,6 metros (15 pés) de espessura. O mesmo tipo de construção foi encontrado em escavações de três cidades salomônicas: Hazor, Gezer e Megido (veja [1Rs 9.15](#)). As paredes de casamatas dessas antigas cidades têm 5,5 metros (18 pés) de espessura.

Os reinos divididos de Judá e Israel não eram conhecidos por sua tecnologia de guerra ofensiva. No entanto, vários reis se concentraram em melhorar as defesas. Uzias era especialmente conhecido por suas conquistas na guerra defensiva, "seus engenheiros construíram máquinas de guerra que eram postas nas torres e nas esquinas das muralhas, a fim de atirarem flechas e pedras grandes" ([2Cr 26.15](#)). Essas máquinas eram estruturas protetoras especiais que ajudavam os arqueiros e permitiam que grandes pedras fossem lançadas sobre as tropas atacantes.

Entrada

Em qualquer ataque a uma cidade fortificada, o portão era sempre o principal alvo. Os portões da cidade eram projetados para colocar os atacantes em alto risco enquanto mantinham os defensores seguros. As estradas que levavam a uma cidade em uma colina subiam a encosta, seja para a esquerda

ou para a direita. Essas estradas geralmente se aproximavam do portão pela direita, forçando os atacantes a expor seu lado direito aos defensores na muralha. Como seguravam seus escudos na mão esquerda, isso os tornava mais vulneráveis.

Para evitar que as pesadas portas de madeira do portão pegassem fogo, as pessoas frequentemente as cobriam com metal. Um portão largo o suficiente para carruagens precisava de portas duplas. A linha onde as duas portas se encontravam era o ponto mais fraco. Para reforçá-la, adicionavam grandes ferrolhos e uma viga pesada na parte de trás de ambas as portas. Encaixes nos batentes das portas mantinham a viga no lugar.

Outra parte do complexo de defesa em um portão incluía torres em cada lado do portão, projetando-se da face externa da muralha. Soldados inimigos tentando quebrar as portas com machados ou incendiá-las com tochas ficavam expostos a pesados ataques laterais dos defensores nas torres. De um telhado sobre o portão com uma varanda, os defensores podiam concentrar seu poder de fogo nos atacantes abaixo. Essas estruturas adicionais transformavam um portão em uma pequena fortaleza.

Força interna

Uma grande fraqueza das muralhas e portões de uma cidade era seu tamanho. Uma cidade média poderia ter um perímetro de 800 metros (meia milha), enquanto uma cidade maior poderia ter mais de 1,6 quilômetros (uma milha). Toda a muralha precisava ser defendida contra brechas, escaladas ou túneis. Um exército atacante usaria estratégias para dispersar os defensores ao longo de todo o perímetro, mas concentraria seu ataque principal em um ponto. Uma vez que os atacantes rompessem a muralha, as defesas do perímetro se tornariam inúteis. Portanto, as cidades frequentemente adicionavam muralhas internas para dividir as cidades em seções, cada uma capaz de se defender. Além disso, uma fortaleza seria construída no ponto mais alto da cidade como uma unidade defensiva separada.

Os primeiros exemplos dessas fortificações, chamadas migdols, datam do final da Idade do Bronze. Eram pequenas cidades construídas para proteger alvos militares importantes, como fontes de água, rotas estratégicas, terras agrícolas ou fronteiras. Em 1960, arqueólogos descobriram um migdol perto de Asdode, Israel. Ele tinha um layout quadrado com bastiões retangulares e era de dois andares, semelhante a estruturas mostradas em

relevos egípcios daquela época. As pessoas usavam o mesmo design para fortificar templos dentro das cidades. Esses templos fortificados serviam como locais de refúgio e como a última defesa de uma cidade se suas muralhas fossem violadas (veja [Iz 9.45-51](#)).

Em tempos posteriores, uma cidadela interna poderia incluir um complexo com o palácio fortificado do governador, as residências de seus principais ministros e, às vezes, um templo. Essas cidades pareciam cidades fortificadas, com uma muralha principal, um portão, uma muralha externa e, às vezes, um fosso. Pequenas e fortemente fortificadas, as cidades permitiam que o governador e as pessoas restantes as defendessem como último recurso. Zinri poderia ter resistido ao exército de Onri por muito tempo na cidadela de Tirza, se ele não tivesse incendiado e cometido suicídio ([1Rs 16.17,18](#)).

Abastecimento de água durante o cerco

Para defender uma cidade durante um longo cerco, era essencial garantir o suprimento de alimentos e água. Vários reis de Judá trabalharam para resolver a questão do armazenamento de alimentos. Por exemplo, Roboão fortaleceu várias cidades nas fronteiras ocidental, oriental e sul do seu reino. Ele as transformou em centros para armazenar alimentos, óleo e vinho ([2Cr 11.5-11](#)).

Armazenar alimentos era mais fácil do que armazenar água. Cisternas construídas para coletar água da chuva ajudavam, mas muitas vezes secavam, especialmente durante secas. As cidades às vezes eram construídas perto de riachos ou rios, usando a água como parte de sua defesa. No entanto, para uma cidade em uma colina, a fonte de água poderia ser uma nascente na base da encosta, fora das muralhas da cidade. Às vezes, as pessoas podiam bloquear a boca da nascente e esconder sua localização dos inimigos, permitindo ainda o acesso para os residentes. Em Megido, um poço vertical de 30 metros (100 pés) de profundidade conectava-se a um túnel horizontal de cerca de 61 metros (200 pés) de comprimento, levando ao abastecimento de água na extremidade oeste da cidade, além das fortificações. Este trabalho foi realizado durante o tempo de Salomão ou Acabe.

Os esforços de Ezequias para garantir água fresca durante um cerco em Jerusalém são notáveis. Seu trabalho de engenharia é mencionado tanto no “Louvor dos Homens Famosos” na Bíblia quanto no livro apócrifo de Siraque ([2Rs 20.20](#); [2Cr 32.30](#); [Si 48.17](#)). Ezequias selou a fonte de Giom e escavou

um canal de 548 metros (1.800 pés) através da rocha para levar água até a cidade. Ezequias descreveu isso na inscrição de Siloé. Duas equipes trabalharam com martelos, cunhas e picaretas, começando de extremidades opostas. A equipe na fonte utilizou um túnel mais antigo ([Is 22.11](#)) e moveu-se para o sul em direção à cidade. A outra equipe começou no reservatório, movendo-se para nordeste, depois sudeste, até se alinhar com a primeira equipe. Elas quase se desencontraram, ficando cerca de um metro e meio (cinco pés) de distância, mas um grito através de uma fenda na rocha ajudou-as a se conectar. Ambas as equipes viraram bruscamente à direita, completando o túnel. As ações de Ezequias, tomadas antes da invasão de Senaqueribe a Judá, explicam por que os assírios não conseguiram capturar Jerusalém, ao contrário de Samaria durante o tempo de Sargão.

Organização militar hebraica

Exército tribal

Quando os israelitas deixaram o Egito, eles foram organizados por tribos e divisões. Essa organização serviu de exemplo para a estrutura militar. Após permanecerem no Monte Sinai, as 12 tribos foram divididas em divisões ou corpos de exército, e as patentes militares começaram a se formar. Os "oficiais do exército" ([Nm 31.14](#)) comandavam unidades de 1.000 ou 100 homens, indicando que o exército estava dividido em grupos de dez. Mais tarde, houve referências a unidades de:

- Mil (a divisão);
- Cem (a companhia);
- Cinquenta (o pelotão);
- Dez (a seção).

Exceto pelos levitas, que cuidavam do tabernáculo ([Nm 2.33](#)), homens com 20 anos ou mais que podiam lutar eram designados para o exército tribal. No entanto, alguns indivíduos estavam isentos do serviço militar (veja [Dt 20.5-9](#); [24.5](#); [Jz 7.3](#)).

Mesmo após a conquista de Canaã, o exército tribal era principalmente uma milícia (um exército de cidadãos comuns) convocada durante emergências. A tribo gerenciava a organização da milícia. Cada clã e família enviava o número necessário de guerreiros quando os líderes tribais os chamavam para a batalha. Como o clã era a unidade básica, os recrutas seguiam seus próprios

líderes. Por exemplo, os irmãos de Davi serviram em uma divisão composta por combatentes de seu clã, liderada por um capitão ([1Sm 17.18](#); [18.13](#)). Quando a emergência terminava, a milícia se dissolvia, e os soldados retornavam às suas áreas de origem.

Antes de Saul, nenhum líder tribal ou de clã controlava todo o grupo de tribos trabalhando juntas (confederação tribal) porque a terra estava dividida entre as tribos (veja [1Sm 11.1-11](#)). Ciúmes e rivalidades tribais frequentemente ameaçavam a unidade nacional e dificultavam a ação conjunta, mesmo em tempos críticos. No entanto, às vezes uma crise severa forçava os exércitos das tribos a se unirem. Esses exércitos multatribais eram organizados em companhias de 1.000, 100 e 50, e divididos em famílias sob oficiais nomeados. Há evidências de organização baseada em tipos de armas (veja [1Cr 12.24-38](#)). A tribo de Benjamim se especializava no arco e na funda, enquanto as tribos de Gade, Judá e Naftali eram habilidosas com a lança e o escudo.

Cada tribo precisava fornecer seu próprio exército ([Jz 20.9.10](#)). Um em cada dez soldados coletava alimentos para os outros, seja de proprietários ricos (veja [1Sm 25](#)) ou de recursos naturais. Naquela organização militar inicial, os soldados geralmente eram pagos com suprimentos e uma parte dos despojos de batalha (veja [1Sm 30.21-25](#)).

Exército profissional

Israel não tinha um exército regular até o reino unido. A transição de uma milícia popular para um exército profissional ocorreu sob Saul. Durante seu governo, Saul transformou o sistema de tribos separadas em um reino com um único governante ([1Sm 13.2](#)). Os ataques dos filisteus a Israel levaram à criação de um exército permanente forte. No entanto, o exército era pequeno, com 3.000 homens divididos em três grupos de 1.000 cada ([1Sm 13.2](#); [24.2](#)). Às vezes, esses soldados de carreira recebiam concessões de terras como pagamento ([1Sm 8.14](#)) e uma parte do saque. No exército de Saul, Abner, Jônatas e Davi tinham papéis específicos. Abner foi nomeado comandante do exército ([1Sm 17.55](#)) e provavelmente liderava uma das divisões. O grupo de homens valentes de Davi, conhecido como "os trinta", formou o núcleo de liderança de seu exército quando ele se tornou rei.

Davi manteve um exército profissional e criou uma milícia nacional com 12 regimentos. Cada regimento servia por um mês ao ano sob o

comando de oficiais profissionais ([1Cr 27.1-15](#)). Cada regimento, recrutado de diferentes tribos, tinha 24.000 soldados. Este sistema dava a Davi uma grande força de reserva para emergências. As reservas e provavelmente o exército profissional eram organizados em unidades de 1.000, 100, 50 e 10. Joabe, um especialista em guerra de cerco ([2Sm 20.15](#)), liderava o exército profissional, enquanto Amasa liderava a milícia dos cidadãos. Davi era o comandante geral das forças militares.

O exército profissional do Rei Davi se desenvolveu a partir de um pequeno grupo de combatentes que o serviram durante seu conflito com Saul. Este grupo veterano incluía a família de Davi, membros do clã e outros que se sentiam oprimidos pelo governo de Saul ([1Sm 22.1,2](#)). O grupo tinha entre 400 e 600 homens ([1Sm 22.2; 23.13; 27.2](#)). Mercenários (soldados pagos) eram claramente parte do exército de Davi. Urias, o hitita, e Itai de Gate são exemplos notáveis, junto com muitos soldados de carreira de origens filisteias, como os queretitas e os peletitas sob o comando de Benaia ([2Sm 8.18; 15.19-22; 23.22-23](#)).

Os governantes que descendiam do Rei Davi e governaram após ele mantiveram um exército permanente de soldados pagos até 701 a.C. Depois disso, tornou-se muito caro. O alto custo de manutenção desse exército, financiado por pesados impostos e trabalho forçado, foi uma razão chave para os problemas do reino após a morte de Salomão (veja [1Rs 10.26-29; 12.4-19](#)). Após a invasão de Senaqueribe em 701 a.C., o reino do sul de Judá passou a depender inteiramente de uma milícia de cidadãos para defesa. As pessoas geralmente acreditam que o reino do norte de Israel não usava um exército profissional, mas o Rei Acabe usou alguns mercenários para se defender contra Ben-Hadade da Síria ([1Rs 20.15-20](#)).

Veja Armaduras e armas.

Guerra dos filhos da luz contra os filhos das trevas

Um pergaminho encontrado na Caverna Um em Qumran entre 1947 e 1948. Ele nos fornece informações sobre:

- Regras militares das forças judaicas
- Vida religiosa da comunidade de Qumran
- Expectativas da comunidade de Qumran para os últimos tempos

Provavelmente foi escrito por volta de meados do primeiro século a.C. ou no início do primeiro século d.C. O Professor Sukenik da Universidade Hebraica comprou o pergaminho de um vendedor em Belém. O pergaminho tinha 19 folhas. Sukenik o editou, e ele foi publicado após sua morte em 1954 (veja discussão das descobertas em Wadi Qumran em Bíblia, manuscritos e texto do (Antigo Testamento)).

A comunidade de Qumran dividiu toda a humanidade em dois grupos:

- Os filhos da luz
- Os filhos das trevas

Apenas os membros da comunidade de Qumran eram considerados filhos da luz. Todos os outros judeus e todos os gentios pertenciam a Satanás e seu exército. O pergaminho fala sobre a esperança de vitória sobre essas forças das trevas. Afirma que o domínio dos romanos (chamados Quitim) "chegará ao fim e a iniquidade será vencida, não deixando remanescentes; [para os filhos] das trevas não haverá escape". Os filhos da luz participarão da batalha final.

O pergaminho ensina as regras bíblicas de guerra para que os filhos da luz possam lutar a batalha do Senhor. Devido ao Sábado, eles acreditam que lutarão por 35 dos 40 anos, descansando a cada sétimo ano.

O pergaminho descreve como a batalha ocorrerá:

Seis sacerdotes em roupas especiais irão à frente do exército, tocando trombetas. As trombetas têm inscrições que mostram que a batalha pertence a Deus. Sacerdotes e levitas tocarão trompas para confundir o inimigo. Os sacerdotes terão um papel importante nas divisões de batalha. Sacerdotes e levitas liderarão as formações de batalha como representantes de Deus.

No final, eles esperam que Deus derrote o mal para seu povo fiel: "Este é o dia designado por Ele para a derrota e queda do Príncipe do reino da maldade, e Ele enviará socorro eterno à companhia de Seus redimidos pelo poder do príncipe Anjo do reino de Miguel".

Guerra santa

Um tipo de guerra é descrito no livro de Deuteronômio, especialmente no cap. [20](#). A guerra santa não era travada apenas por reis e seus soldados treinados. É vista como a guerra de Deus. Deus está diretamente envolvido ao lado de seu povo da aliança, que é escolhido para lutar em Seu nome.

O tamanho do exército não era importante. Às vezes, os números eram até reduzidos para mostrar que a vitória não vinha da força militar, mas da ação de Deus contra seus inimigos. Quando Israel obedecia a Deus e seguia suas instruções de batalha, a guerra estava de acordo com a vontade de Deus. Deus a comandava, e seu povo confiava nele na batalha.

Deus é chamado de "homem de guerra", e a Bíblia diz que "a batalha é do Senhor" ([1Sm 17.47](#); cp. [18.17; 25.28](#)). Com essa fé, é fácil entender como os israelitas viam a guerra santa como uma forma de Deus agir através deles. Eles acreditavam que seus inimigos eram também inimigos de Deus. Eles pensavam que Deus os usaria para cumprir Seus propósitos de salvação para o mundo.

Exemplos de Guerra Santa na Bíblia

Moisés acreditava que Deus declarou guerra e enviou seu povo para lutar ([Êx 17.16; Nm 31.3](#)). Em momentos-chave na guerra, "o terror do Senhor" caía sobre o inimigo. Isso permitia que o exército menor de Israel derrotasse exércitos muito maiores ([Js 10.10-14; Jz 4.12-16; 2Sm 5.24-25](#)).

Em um momento de crise militar, o profeta Eliseu foi capaz de ver o exército celestial de Deus cercando Samaria, pronto para derrotar os poderosos exércitos sírios. Eliseu orou, e os soldados sírios ficaram cegos e se tornaram impotentes contra Israel ([2Rs 6.15-23](#)).

Como Israel buscou a orientação de Deus na Guerra

Diferentes métodos foram utilizados para descobrir a vontade de Deus e garantir sua participação ativa na batalha. Estes incluíam:

- mensagens de profetas ([1Rs 22.5-23](#));
- objetos especiais usados para determinar a vontade de Deus, chamados Urim e Tumim ([Êx 28.30; Lv 8.8](#));
- uma vestimenta sacerdotal chamada éfode ([1Sm 30.7](#)) e;
- A Arca da Aliança.

Os líderes de Israel buscavam a orientação de Deus para suas estratégias militares. Nenhum passo era dado sem a aprovação e orientação de Deus ([2Sm 5.19-23](#)).

Guerra Santa e a Terra Prometida

Desde que Deus prometeu a terra de Canaã ao povo de Israel, ela era de fato a terra prometida. A Bíblia a descreve como pertencente a eles por aliança divina (um acordo vinculativo feito por Deus com seu povo). A terra prometida era, nesse sentido, "a Terra Santa". Defender essa terra contra invasores era considerado uma guerra santa. O inimigo invasor estava entrando em um território sagrado que pertencia ao povo de Deus por decreto imutável. Assim, invadir a terra prometida atraía o julgamento de Deus sobre si mesmos.

A completa destruição dos inimigos

Dessa perspectiva, a destruição completa dos inimigos de Israel era necessária. Isso era especialmente verdadeiro para inimigos pagãos e corruptos. A palavra hebraica *herem* originalmente significava "dedicado". Passou a significar "dedicado à destruição" como algo hostil ao governo de Deus ([Js 6.17-18](#)). O plano de Deus não deve ser impedido, bloqueado ou interrompido por qualquer idolatria degradante ou imoralidade corruptora ([Dt 7](#)).

Cidades inimigas dentro da terra prometida deveriam ser completamente destruídas (uma prática conhecida como "o banimento"). Somente prata, ouro, bronze e vasos de ferro deveriam ser poupanos. Eles foram colocados na tesouraria de Deus como itens sagrados ([Js 6.17-21; 1Sm 15.3](#)).

Guerra Santa e o futuro de paz de Deus

Havia um aspecto distinto voltado para o futuro no conceito de guerra santa. Ele ia além das vitórias de Deus em batalhas específicas e apontava para o fim de toda guerra e conflito. Também apontava para

um tempo final de paz que demonstrará a retidão e a soberania dos propósitos salvadores de Deus. Também evidenciará a preocupação e o objetivo de Deus para o seu próprio povo.

Um tempo final de paz virá após Deus derrotar todo o mal. Depois disso, armas de guerra serão transformadas em ferramentas para a paz ([Is 2.4](#); [Mq 4.3](#)). Isso acontecerá sob o governo do Messias (o líder escolhido por Deus), o Príncipe da Paz ([Is 9.6](#)). Ele triunfará sobre todos os inimigos de Deus no Grande Dia do Senhor ([Sl 110](#); [Dn 7](#); [Zc 14](#)).

Guisado

Ensopado de vegetais de cor vermelha, comumente servido no AT ([Ag 2.12](#)). O guisado era feito de lentilhas, ervas, cebolas e, às vezes, carne. Seu aroma se mostrou forte o suficiente para transferir o direito de primogenitura de Esaú para Jacó ([Gn 25.29–34](#)). Os discípulos de Eliseu apreciavam seu valor nutritivo ([2Rs 4.38–41](#)).

Guni

1. Filho de Naftali e neto de Jacó ([Gn 46.24](#); [1Cr 7.13](#)).
2. Pai de Abdiel da tribo de Gade ([1Cr 5.15](#)).

Gunita

Um descendente de Guni, filho de Naftali ([Nm 26.48](#)).

Veja Guni #1.

Gur-Baal

Cidade no Neguebe ocupada por árabes, possivelmente na vizinhança de Edom, que Uzias de Judá conquistou ([2Cr 26.7](#)).

Gur, Subida de

Local elevado perto de Ibleão onde Acazias, rei de Judá, foi ferido pelos soldados de Jeú do reino do norte. De Gur, Acazias fugiu para Megido, onde morreu ([2Rs 9.27](#)). Embora sua localização seja

incerta, alguns a identificam com a Gurra da Acádia, cerca de oitocentos metros ao sul de Jenin.